

PATRICK LOGAN



MORDIDA DE GELO

UM SUSPENSE DO FBI COM CHASE ADAMS LIVRO 15

VISIT...

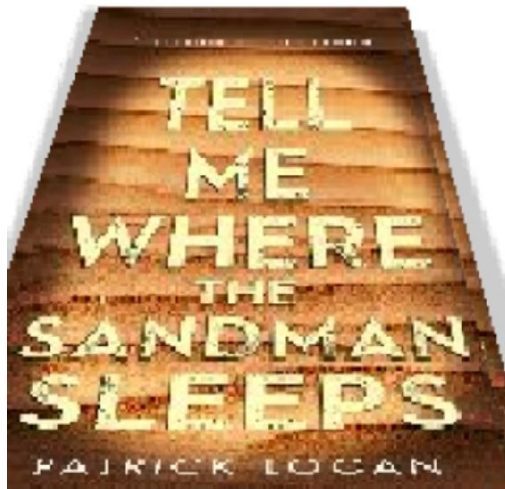
LANZAROTE
Caliente.COM



PATRICK LOGAN

MORDIDA DE GELO

UM SUSPENSE DO FBI COM CHASE ADAMS LIVRO 15



Quer um livro gratuito?

Inscreve-se no meu boletim informativo *sem spam* para receber gratuitamente o livro *Tell Me Where the Sandman Sleeps*.

Basta direcionar seu navegador para www.PTLBOOKS.com para começar!

Também não deixe de conferir meu grupo no Facebook para discutir meus livros e qualquer coisa relacionada a terror ou suspense:
www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/

Mordida de Gelo

Um thriller do FBI sobre Chase Adams

Livro 15

Patrick Logan

Prólogo

PARTE I - O casamento

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

PARTE II - A tempestade

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

PARTE III - Os bonecos de neve

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Epílogo

O FIM

Mordida de Gelo

Prólogo

14 de março de 1993

Estação de esqui Brackenridge, Denver, Colorado

O frio cortante não diminui o ritmo do homem.

Isso nunca acontece.

Ele é um produto do gelo e da neve. Nasceu nela.

Prospera com isso.

A garota é uma história diferente. Ela mal conseguiu passar uma hora na nevasca antes de seus lábios ficarem azuis. Pelo menos quando o congelamento entorpeceu seus dedos das mãos e dos pés, ela parou de reclamar.

Ele odiava as reclamações dela. Aquele *lamento* incessante.

Por favor, eu só quero ver minha mamãe. Por favor, está muuuito frio.

Por favor, por favor.

Por favor.

Ele deu um passo para trás e observou seu trabalho. Não era... ruim.

Também não foi o seu melhor.

O problema é que estava *muito* frio. Não para ele, mas para a neve. O clima havia mudado nos últimos dias e, por mais que ele quisesse esperar o tempo esquentar, o desejo de matar havia se tornado forte.

Já havia se passado quase um ano desde seu último assassinato.

Muito longo.

Muito tempo.

O clima mais quente teria umedecido a neve, tornando seu trabalho significativamente mais fácil.

Ainda assim, ele perseverou.

O homem inclinou a cabeça.

A bola de neve de baixo foi a mais difícil e ele foi forçado a derreter a neve com um maçarico para deixá-la suficientemente viscosa para rolar.

O segundo foi menos problemático.

Como todas as suas vítimas, ele as colocou de pé, uma tarefa que ele havia aprendido há muito tempo que era muito mais fácil quanto mais congelados ficavam seus pequenos corpos. Ele envolveu a metade inferior da garota na primeira bola de neve, pressionando-a com força contra a roupa de neve e o chão gelado para garantir uma base sólida.

A seção do meio era apenas um pouco menor do que a inferior, mas

exigia muito menos neve para ser concluída. Ele puxou os braços dela para fora da bola, abrindo-os bem. Eles ficaram assim e ficariam assim para sempre.

Em seguida, o homem colocou neve diretamente na cabeça da menina, pressionando-a contra o gorro de lã e o capuz.

Isso se mostrou difícil, pois o casaco era feito de algum tipo de material sintético projetado para retardar o acúmulo.

Mas mesmo isso era apenas um pequeno inconveniente. Ele era experiente, proficiente.

No final, a única carne exposta era o rosto da garota, com suas pequenas feições congeladas. Cristais de gelo se acumularam em seus cílios e sobrancelhas, dando-lhe uma aparência quase etérea.

Seus olhos eram castanhos, mas logo se tornaram cinzentos, primeiro com o frio e depois com a morte.

Com sua primeira morte, isso o surpreendeu.

O homem gostava de pensar que a forma como a cor se esvaía de suas feições era um reflexo de sua alma deixando o corpo. Sugada pelo frio.

Por ele.

O homem ficou olhando para o rosto da garota por mais alguns instantes, gravando a expressão congelada de terror dela em sua memória.

É assim que ela se parece agora, onde quer que esteja? É assim que todos eles se parecem?

Ele teria ficado lá por mais tempo, muito mais tempo, mas eles estavam esperando por ele.

O homem suspirou, com sua respiração quente visível à sua frente.

"Adeus, meu pequeno boneco de neve", ele sussurrou. "Eu o verei novamente no próximo ano".

E no ano seguinte.

E no ano seguinte...

PARTE I - O casamento

Capítulo 1

Em muitos aspectos, os segundos casamentos são melhores do que os primeiros. Por um lado, os noivos tendem a ser mais maduros. Eles não estavam se afogando em luxúria, incapazes de apreciar as nuances e o significado do dia. A única desvantagem é que o ardor ardente típico dos recém-casados geralmente estava ausente.

Esse não foi o caso de Tate Abernathy.

Ele conseguiu dar uma olhada em Chase em seu "vestido de noiva". Sem o típico vestido branco, ela optou por um vestido azul-marinho curto e sem alças - uma das poucas tradições que eles optaram por não seguir.

E ela estava absolutamente deslumbrante.

Tate queria ir até ela, abraçá-la, beijá-la, fazer outras coisas mais nefastas, mas ela apenas sorriu e o mandou embora.

Disse a ele que preparasse o traseiro.

Tate se olhava no espelho enquanto ajustava a gravata. Ele não era tão bonito quanto Chase, nem perto disso, mas não era feio, de forma alguma, e os exercícios que sua futura esposa o obrigou a fazer nos últimos anos melhoraram drasticamente sua aparência. Ele nunca teria o que sua filha chamava de corpo de Instagram, mas não estava mais flácido e fora de forma. Algumas das olheiras ao redor dos olhos haviam clareado e o que antes era a pele solta sob o queixo havia se tornado significativamente mais firme.

Sua carne não tinha a elasticidade da juventude, mas não estava mais pendurada em seu corpo.

Ainda assim, o trabalho de Tate, por mais estressante que fosse, fazia com que ele nunca tivesse uma aparência vibrante. Ele fazia o melhor que podia com o que tinha - o que mais se poderia pedir?

Tate passou a mão pelo cabelo e depois se encolheu com o resultado. Ele estava tentando desesperadamente ajustá-lo de volta no lugar quando ouviu a porta se abrir atrás dele. No espelho, ele viu o reflexo de Rachel quando ela entrou. Ela também estava linda. Parecia-se muito com a mãe, de fato. Ao contrário dele, seus cabelos escuros estavam habilmente penteados de modo que ficavam enrolados e pendurados em grandes laços na frente de seus ombros. Ela estava usando um vestido escuro com alça espaguete que tinha um leve brilho.

Tate sorriu sem sequer pensar nisso. Mas então ele notou a expressão de sua filha e seu sorriso desapareceu.

"Querida? O que há de errado?"

Rachel baixou os olhos e abriu a boca como se fosse falar, mas depois pensou melhor. Suas bochechas estavam frouxas, seus ombros nus estavam virados para a frente. Tate foi até ela e a abraçou.

Ela estava tremendo um pouco.

"Rachel? O que há de errado?"

"Sinto falta da mamãe", disse a menina, com a voz embargada.

O comentário surpreendeu Tate.

Rachel não falava muito sobre Robin - nenhum deles falava. De certa forma, isso era semelhante ao silêncio de Chase quando se tratava de sua irmã. É verdade que Robin Levine - depois que o divórcio foi finalizado, ela abandonou o Abernathy e passou a usar seu nome de solteira - ainda estava viva, enquanto a mais velha Georgina Adams não estava. Robin, no entanto, estava fora de cena. O fato de estar presa tornava verdadeiro o velho ditado "longe da vista, longe da mente".

"Também sinto falta dela", disse Tate. Sua motivação inicial para o comentário foi confortar a filha, mas assim que as palavras saíram de sua boca, Tate percebeu que eram verdadeiras.

Ele *sentiu falta de* Robin.

Antes do acidente, seu relacionamento com a esposa era bastante saudável. Durante os quase vinte anos em que estiveram juntos, as coisas nem sempre foram assim. A maioria de seus problemas decorria do trabalho de Tate. Como quase todos os policiais, Tate fez o possível para manter os horrores que testemunhava quase diariamente fora de sua vida pessoal.

Protegeu Robin deles.

Mas a separação completa era quase impossível.

O pior de tudo foi quando ele estava caçando o Sandman. Tate estava dividido entre dois mundos, um jovem agente do FBI com um bebê em casa, Robin sofrendo de depressão pós-parto tardia. E seu parceiro Constantine Striker... Tate passava grande parte de suas horas de trabalho como babá do homem, tentando garantir que ele não sáísse completamente dos trilhos.

O fato de ele ter conseguido ou não - provavelmente não - era irrelevante; a tensão no relacionamento dele e de Robin tinha sido considerável.

A única maneira de superar isso foi colocar um espaço físico entre ele e Con e o Estado da Califórnia.

O Tate se sentiu culpado por ter se casado com o Chase?

Ele disse.

Ele sempre se perguntava se sentiria o mesmo se o encarceramento de Robin tivesse sido culpa dela e não porque ela estava apenas encobrindo Rachel.

Talvez.

De qualquer forma, o fato de que ele estava livre, vivendo sua vida, casando-se novamente e formando uma família mista, enquanto sua ex-esposa estava apodrecendo em uma cela de prisão, o atormentava. Mas o que ele sentia por Chase não podia ser negado. As coisas estavam diferentes com ela também, diferentes até mesmo de como tinham sido com Robin no início.

Em primeiro lugar, ambos eram do FBI, o que significava que tinham um nível de compreensão que Tate nunca havia experimentado com Robin. Segundo, Chase era... *único*. Ele amava Robin, ainda amava, mas o que ele tinha com Chase era algo especial.

Ela era especial.

Tate e Robin frequentaram a mesma escola de ensino médio na Califórnia, em uma pequena cidade do subúrbio chamada Mill Valley. A escola de ensino médio atendia a pouco mais de 1.400 alunos, e Tate estava dois anos acima de Robin. Ele a tinha visto o suficiente para reconhecê-la, mas nunca se falaram.

Foi só depois que ele se formou, quando Tate fez 21 anos e entrou no mundo dos bares, que eles tiveram seu primeiro encontro.

Tate sabia que Robin era menor de idade quando a viu durante o intervalo de sua graduação em Psicologia na Mills College.

Já com um punhado de cervejas, Tate se aproximou dela e brincou dizendo que ia contar ao segurança que ela tinha uma identidade falsa. Ela flertou e lhe disse que, se ele fizesse isso, quem perderia seria ele.

Eles saíram naquela noite, consumindo só Deus sabe quantos drinques, mas nada aconteceu.

Sabendo apenas o primeiro nome dela, Tate, que estava com uma ressaca terrível, tinha voltado ao bar na noite seguinte na esperança de encontrá-la novamente. Robin deve ter tido a mesma ideia, pois lá estava ela.

Quase morto e bebendo apenas água com gás, mas presente.

O relacionamento deles havia florescido. Pouco tempo depois, eles se casaram.

E eles ficaram felizes.

Se o acidente nunca tivesse ocorrido, Tate imaginou que sua vida seria muito diferente.

Nem melhor, nem pior, apenas diferente.

A culpa era uma emoção para a qual ele normalmente não tinha muito tempo, mas de vez em quando ela aparecia.

Hoje, no entanto, era para ser um dia feliz.

A culpa deveria conhecer seu lugar e permanecer escondida.

"Rach, falei com sua mãe", disse Tate por fim, afastando-se da filha e levantando o queixo dela com o polegar. "Ela não se importa com isso, você sabe."

Rachel tinha lágrimas nos olhos quando assentiu.

"Eu sei."

Era verdade; Tate havia pedido permissão à sua ex-mulher para namorar Chase, de uma forma indireta, o que, em retrospecto, não havia sido necessário. Robin sabia que ele estava apaixonado só de olhar para o rosto dele. Isso é o que acontece quando estamos juntos há vinte e tantos anos.

E então, quando Chase finalmente decidiu surpreendê-lo com uma data de casamento real e pôr fim a anos de procrastinação, Tate procurou Robin novamente.

Ela sorriu e disse que estava feliz por ele.

Era injusto, mas ninguém prometeu que a vida seria justa.

"Não chore, querida, você vai estragar a maquiagem."

Rachel sorriu. Mais uma vez, Tate deu um passo atrás para observar sua filha. Ele se lembrou de como ela estava quando ele estava caçando o Sandman com Con.

Olhos grandes, sorriso maior.

Agora ela era uma mulher adulta. Era um clichê, mas elas realmente cresciam muito mais rápido do que se esperava.

Quando Rachel não disse nada, Tate acrescentou: "Olhe, se você não quer que eu passe por isso, eu não vou". As palavras doeram, mas ele as manteve. Ele amava Chase, amava Georgina, mas sua prioridade era, e sempre seria, Rachel.

"Não", disse ela. E então ela sorriu. Não era mais aquele grande sorriso bobo que ela tinha quando era criança, mas um olhar mais maduro. E isso o fez se lembrar muito de Robin.

Tate sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos e as forçou a sair.

"Eu só quero que você seja feliz."

Ela também se parecia com Robin. A mesma voz, as mesmas palavras.

Tate se inclinou e deu um beijo na testa de Rachel.

"Estou feliz, Rachel. Estou muito feliz. Agora, vá se preparar. Não temos muito tempo. E o Chase vai ficar absolutamente apoplético se algum de nós se atrasar."

Capítulo 2

Outra grande diferença entre os segundos casamentos é que você pode eliminar a maior parte das besteiras do primeiro casamento.

O primeiro casamento de Chase foi muito tradicional. Seu pai a levou até o altar ao som de uma música típica de casamento. Um padre leu um sermão.

Sua primeira dança foi com seu pai, a segunda com o pai de Brad.

Eles haviam ficado acordados até tarde, bebido demais e Chase havia pressionado o bolo no rosto do marido.

Riu.

Chorou.

Fez sexo desleixado. Acordou com dor de cabeça pela primeira vez ao lado do homem que ela agora chamava de marido.

A lista de convidados era mista. Metade de amigos dela e de Brad, metade de seus pais, que pagaram a conta coletivamente. Chase conhecia apenas um punhado dessas pessoas e, mesmo assim, só de passagem.

Hoje foi diferente.

Para começar, seus pais não estavam presentes. Seu pai estava morto e sua mãe estava completamente demente. Os pais de Tate estavam presentes, mas já tinham idade avançada e seu pai não estava em condições de dançar.

Depois, havia Georgina e Rachel.

Não havia crianças naquele primeiro casamento.

Quanto aos amigos, bem, nem uma única pessoa de sua primeira vez estava presente hoje. Isso não incomodou Chase, como poderia ter incomodado outras pessoas. A verdade é que nenhum desses amigos ficou por perto. Nenhum deles ficou ao seu lado quando seu pai tirou a própria vida ou quando sua mãe ficou doente.

Ou quando ela finalmente encontrou Georgina.

Chase sabia muito bem que isso era tanto culpa dela quanto deles. Ela era péssima em manter relacionamentos. Havia também o fato de que coisas ruins pareciam acontecer com as pessoas que se aproximavam demais dela.

Mesmo assim, apesar de tudo, Chase estava um pouco nervoso.

Ela respirou fundo e fechou os olhos.

Ela estava sozinha atrás das grandes portas de madeira do salão que ela e Tate haviam alugado para a ocasião.

Chase levantou as pálpebras e olhou através do vidro. Se dependesse totalmente dela, teria escolhido um casamento na prefeitura e uma pequena festa depois.

Tate também não se importaria com isso, ela sabia.

Mas Georgina e Rachel não quiseram nem ouvir falar disso. Por

isso, ela as humilhava e permitia que as meninas planejassem quase tudo.

Ela apenas vetou um padre e uma igreja.

Mas agora, enquanto Chase olhava para as fileiras de cadeiras, reconhecendo as costas das cabeças dos convidados que estavam voltadas para o pequeno palco, ela sentiu uma onda de nostalgia.

Nenhum de seus amigos do primeiro casamento estava lá, mas alguns de seus verdadeiros amigos apareceram hoje.

O diretor Hampton estava sentado perto do fundo, sozinho. Stu Barnes, com um terno que provavelmente era mais caro do que o casamento inteiro, também estava lá. Chase viu Floyd sentado ao lado de Stitts, e a presença deles fez com que ela sorrisse com seus lábios coloridos.

Dois outros se sentaram do seu lado do corredor - uma tradição que Georgina insistiu que eles honrassem - e ela levou um momento para posicioná-los.

O primeiro era um homem magro, com a cabeça raspada e um cavanhaque loiro e desbotado. O segundo era negro, de ombros largos, com o terno lutando para conter seus músculos corpulentos.

Screech e Leroy, dois membros da agora extinta firma de PI DSLH Investigations. Por mais que Chase estivesse feliz em vê-los, o fato de que os outros dois membros estavam desaparecidos fez com que seu rosto caísse.

Drake e Hanna.

A última vez que ouviu falar de Hanna, a mulher estava fugindo após a morte do assassino The Straw Man, que transformava suas vítimas em trajes de pele humana.

Quanto ao Drake?

Uma pontada de culpa a invadiu por dentro.

Drake havia sido encarcerado, algo relacionado à importação de heroína para os Estados Unidos.

Chase havia trabalhado com Drake anos atrás - sério, *foram* anos *mesmo*? - na cidade de Nova York, quando ambos eram detetives. Suas vidas divergiram consideravelmente desde aquela época, com Drake indo para a investigação particular depois de ser expulso da NYPD e Chase entrando para o FBI.

Eles colaboraram em vários casos ao longo dos anos e, a cada vez, parecia que o relacionamento deles não tinha perdido o ritmo. Era sempre conflituoso, mas todo relacionamento de Chase era conflituoso. Fazia parte do pacote, era pegar ou largar.

Damien Drake era uma série de coisas, menos ainda um alcoólatra. Ele era imprudente, impulsivo e um canhão solto.

Chase balançou a cabeça, pensando que essa também era uma descrição adequada de si mesma.

Mas ele era leal. Importar drogas depois de passar a maior parte de sua carreira caçando e eventualmente derrubando o prefeito de Nova York pela mesma coisa?

Impossível.

O que significava que Drake havia se deixado levar por alguém. Uma queda que o levou à prisão por quatro anos.

Há quanto tempo isso aconteceu? Três anos? Cinco? Ela não conseguia se lembrar.

Chase estava tão envolvida em seus próprios problemas que nem sequer estendeu a mão para o homem que ela chamava de amigo.

A torção em suas entranhas se transformou em um nó enquanto ela tentava aliviar sua culpa observando o resto dos convidados.

Duas ausências notáveis foram Brad e Felix. Tate insistiu para que ela os convidasse, e Chase concordou com relutância.

Eles não puderam ir, mas mandaram lembranças. Chase ficou aliviada. A última coisa que ela queria era colocar seu filho em perigo... *novamente*.

O outro lado da sala estava ocupado pelos amigos e familiares de Tate. Ela notou as duas pessoas de cabelos grisalhos na frente, os pais dele, com o queixo erguido. Ela viu um homem de cabelos pretos, sentado ao lado de uma mulher que não reconheceu.

Havia também um punhado de colegas de faculdade e colegas com quem Tate havia trabalhado ao longo dos anos.

Em suma, uma pequena multidão.

Do jeito que Chase queria.

Seus olhos naturalmente se desviaram das pessoas sentadas em seus assentos para o próprio palco.

Ao lado de seu futuro marido estavam suas duas filhas.

À esquerda, Rachel Abernathy.

Chase sabia em primeira mão o que o tempo pode fazer com uma pessoa, como ele pode mudar você, geralmente para pior.

Esse não era o caso de Rachel.

Ela estava muito diferente agora do que quando se conheceram. Naquela época, ela era uma garota confinada a uma cadeira de rodas, sua depressão era exacerbada pelo fato de que seus terrores noturnos, causados pelo acidente, a mantinham acordada a maior parte das noites. Tate a confortava, sentava-se em uma cadeira e esperava até o amanhecer.

Hoje, Rachel estava de pé e orgulhosa, linda em um vestido cintilante. Ela não precisava mais de seus bastões de apoio, muito menos de uma cadeira de rodas.

E depois havia Georgina. Georgina Adams, uma imagem perfeita da irmã homônima de Chase, já falecida. Seu cabelo laranja brilhante havia sido cortado um pouco mais curto, o que o tornava ondulado.

Ela também era uma mulher agora. Apesar de ter apenas quinze anos, Georgina estava totalmente desenvolvida. Usava um vestido elegante com estampa floral que descia até um pouco acima dos tornozelos, e seus pés estavam enfiados em saltos altos pelos quais Chase havia pago, com relutância, algumas centenas de dólares.

Ver Georgina agora fez o coração de Chase afundar.

Sua irmã não compareceu ao seu primeiro casamento por motivos óbvios.

Agora, ela não estava aqui porque estava morta.

Chase fechou os olhos novamente.

Georgina, sinto sua falta. Sinto sua falta, porra.

Uma série de lembranças passou por sua mente. Primeiro, de sua irmã como Riley com o vestido branco.

Depois, de Tim Jalston, com sangue por toda parte, sua garganta cortada pela mão de Chase.

Então, Brian.

Os irmãos haviam doutrinado Georgina e outras, transformando-as em suas esposas antes de engravidá-las.

Uma existência horrível e falsa.

Mas, pelo menos, *era* uma existência.

Um que Chase havia roubado de sua irmã.

Se não fosse por ela, Georgina ainda estaria viva.

Chase olhou para baixo, observando seu vestido azul-marinho.

De repente, ela se sentiu estúpida com isso.

Eu odeio isso, pensou Chase. Eu realmente odeio isso.

A raiva borbulhou em seu interior, uma raiva que ela tinha sido tão boa em manter afastada por tanto tempo.

Mas a raiva era como um amante abandonado. Ela inevitavelmente voltava para a sua vida e, não importava quantas vezes ela o maltratasse no passado, você caía no mesmo ritmo, no mesmo padrão destrutivo.

"Que se dane isso", disse ela em voz alta.

Chase girou e se afastou apressadamente das portas, tirando os sapatos de salto alto - brancos, não tão caros quanto os de Georgina, mas igualmente bonitos - enquanto se dirigia para a saída.

Ela estava se aproximando da saída quando a porta se abriu inesperadamente.

Um homem bloqueou seu caminho e, a princípio, Chase, com a visão turva e a cabeça baixa, não olhou para ele. Ela apenas gesticulou para que ele saísse do caminho para que ela pudesse ir embora.

O homem não se moveu. Chase se deslocou para um lado e agora bloqueava deliberadamente o caminho dela.

Furiosa, Chase finalmente levantou a cabeça. Ela o reconheceu instantaneamente.

"Chase? Desculpe-me pelo atraso. Tive alguns pacientes que - o que há de errado?"

Chase forçou as lágrimas.

"Acho que não consigo fazer isso."

Ela esperava que o Dr. Matteo proferisse seu mantra estúpido sobre viver o momento, o presente, mas ele não o fez. O Dr. Matteo apenas olhou para ela através de seus óculos redondos.

Ele não precisou dizer nada porque tudo já havia sido dito.

Desde os acontecimentos no Williamsburg Collegiate Institute e no hospital, Chase vinha participando de sessões regulares com sua sobrinha e o psiquiatra.

Isso foi a pedido de Georgina, mas, francamente, também foi útil para Chase. Embora o foco fosse principalmente a jovem, eles abordaram muitos assuntos durante essas sessões e, à medida que se aproximava a data do casamento, isso frequentemente se tornava um tópico de interesse.

O Dr. Matteo se esforçava ao máximo para nunca assumir uma posição firme sobre nada, apenas se resignava a fazer perguntas incômodas que o forçavam a chegar a uma conclusão por conta própria.

E a conclusão a que Chase chegou em relação ao seu casamento foi que ele era, de fato, algo que ela queria.

"Eu não mereço isso", disse ela categoricamente.

"Chase, eu sei que você sente isso..."

Chase não estava conversando com o Dr. Matteo - ela estava apenas pensando em voz alta.

"Eu não mereço isso", ela repetiu com mais convicção. "Mas eles merecem." *Eles, ou seja, Tate, Rachel e Georgina.* "Que se dane."

Descalço, Chase voltou ao salão do casamento e abriu a porta.

No momento em que ela fez isso, um piano começou a tocar.

Capítulo 3

Tate se inclinou e deu um beijo na boca de Chase. Foi difícil fazer isso, considerando o tamanho do sorriso dele. Chase o beijou de volta, mas a princípio de forma reservada. Mas Tate passou a mão pelos cabelos dela e manteve essa postura por uns bons trinta segundos. Na metade do tempo, Chase retribuiu seu fervor.

Tate só soltou o beijo depois que a multidão começou a gritar e a bater palmas.

"Parabéns, pai", disse Rachel.

Georgina sussurrou algo no ouvido de Chase, que Tate suspeitava ser algo na mesma linha.

Os quatro deram as mãos e fizeram uma reverência brega.

"Tudo bem, chega disso", disse Tate, ainda sorrindo. "Vamos nos embriagar."

A multidão permaneceu de pé e continuou a aplaudir enquanto Tate e Chase saíam primeiro, seguidos por Rachel e Georgina, que riam.

Eles haviam optado por usar a grande sala de conferências do prédio para o casamento e uma sala menor para a recepção, achando que isso forçaria as pessoas a interagir de fato enquanto desfrutavam de algo para comer e beber. Eles estavam a caminho da segunda sala quando, de repente, Tate percebeu algo.

"O que diabos aconteceu com seus sapatos?"

Chase deu de ombros.

"Eles machucam meus pés."

Uma mentira, mas que seja assim.

Chase tinha seus motivos, sempre tinha.

Enquanto caminhavam, ele viu os sapatos de salto alto dela no meio do corredor. Ele os apontou, mas Chase deu de ombros novamente e continuou andando.

Uma das tradições que, felizmente, Georgina e Rachel decidiram abandonar foi a entrada na recepção do casamento, em que todos faziam uma dança idiota enquanto os convidados aplaudiam e fingiam que aquilo não era incrivelmente estranho.

Em vez disso, os convidados foram instruídos a segui-los até a sala. Tate e Chase foram diretamente para o bar e pegaram um drinque para si.

Momentos depois, os convidados entraram, alguns deles se dirigiram ao bufê à direita, enquanto outros se juntaram a eles no bar.

Logo, Tate se viu separado de sua esposa. Enquanto ouvia as pessoas dizerem como a cerimônia foi maravilhosa, ele se viu procurando Chase na multidão.

Ele a viu envolvida com o diretor Hampton e não conseguia tirar os

olhos dela.

Ela era linda. *Muito* bonita.

"Tate", disse um homem ao se aproximar.

Ele reconheceu a voz, e essa familiaridade foi suficiente para que ele finalmente desviasse o olhar de Chase.

O homem não estava sozinho; ao seu lado estava uma jovem de cabelos castanhos na altura dos ombros.

"Eu só queria dar os parabéns", disse o agente do FBI Constantine Striker. Ele estendeu a mão e, por uma fração de segundo, Tate se lembrou de todos aqueles anos atrás, quando ele, apesar de ser vários anos mais velho que Con, ainda era considerado o agente júnior.

Ele pensou no primeiro caso que tiveram juntos, sobre a caça a um assassino que tinha como alvo homens que usavam um serviço de encontros on-line para trair suas esposas. A mídia o apelidou de assassino do Ashley Madison.

E depois havia o Sandman.

Houve um tempo em que Tate imaginava trabalhar com Con indefinidamente. Tornando-se parceiros, sua amizade se transformando em algo pessoal e profissional.

Mas as coisas pioraram rapidamente.

Em vez de pegar a mão de Con, Tate abraçou o homem. Houve dois segundos estranhos antes que Con o abraçasse de volta.

Ele cheirava a cigarro.

A mulher ao lado de Con era bonita, com cabelos que lembravam os de Chase antes de ela ter ingerido Cerebrum. Ela era baixa, talvez alguns centímetros mais alta do que Chase, que mede 1,80 m.

E jovem.

Vinte e cinco, ele calculou.

"Este é o agente Alex Frost", disse Con.

Tate se viu olhando desajeitadamente para Alex e corou.

"Prazer em conhecê-lo, Tate", disse a mulher com uma voz doce. Ela estendeu a mão e Tate a apertou.

"Alex é meu novo parceiro."

Os olhos de Tate se arregalaram um pouco. Con tinha uma reputação com parceiros que o precedia.

E não foi bom.

"Ouvi falar muito de você", disse Alex.

E eu não ouvi nada sobre você, pensou Tate.

"I-"

Con o interrompeu.

"Não podemos ficar muito tempo, só queríamos passar para dar os parabéns."

"Você tem um caso?"

Con assentiu e Tate o incentivou a explicar melhor.

"Caso brutal", continuou ele. "Um monte de prostitutas mortas. Espancadas até a morte."

"Con..." disse Alex. "É o casamento dele. Ele não quer ouvir isso."

"Desculpe."

Essa interação surpreendeu Tate. Suas últimas semanas juntos antes de localizar o Sandman tinham sido como pisar em ovos. Se Tate sugerisse que Con fosse com calma, o homem explodia com ele.

"Entendo, mas antes de ir, você precisa conhecer o Chase."

Con ficou desconfortável e Alex o cutucou.

Outra peculiaridade.

"Vamos lá."

Tate passou por entre os convidados e localizou Chase falando com dois homens, um branco com a cabeça raspada e outro negro, também com a cabeça raspada.

"Desculpe interromper", disse Tate, aproximando-se de sua nova esposa. "Você conhece o Con, certo?"

Chase se virou.

"Sim. Obrigado por ter vindo."

"Parabéns", disse Con.

Dessa vez, não houve abraço ou aperto de mão.

Apenas um aceno de cabeça.

"Obrigado."

"Este é meu parceiro, Alex Frost."

Ver as duas mulheres lado a lado foi como olhar para o passado. As semelhanças entre elas eram estranhas.

Alex parecia tímida quando disse: "Estou muito animada por finalmente conhecê-lo".

Tate sabia que isso tinha pouco ou nada a ver com algo que Con poderia ter dito ao parceiro sobre Chase de passagem.

Seria de mau gosto descrever Chase Adams como sendo famoso, mas não se pode ignorar o fato de que morrer e voltar dos mortos em várias ocasiões era extremamente raro.

Talvez ainda mais raro tenha sido derrubar quase uma dúzia de assassinos sádicos ao longo de uma curta carreira.

"Há quanto tempo você está no Bureau?" perguntou Chase. Se ela percebeu que a versão mais jovem de si mesma a estava bajulando, isso não transpareceu em seu rosto.

"Não faz muito tempo. Ainda sou um novato, eu acho", disse Alex, envergonhado.

"Bem, boa sorte para você. Talvez um dia possamos colaborar."

Alex sorriu.

"Eu realmente espero que sim."

"Ouça", interrompeu Con, "odeio fazer isso, mas temos que correr".

"Entendi. Obrigado por ter vindo."

Con acenou com a cabeça para Tate, depois ele e Alex saíram.

Espero que ele seja melhor para ela do que foi para mim, pensou Tate, então Chase agarrou seu braço e o girou.

"Você se lembra do Leroy e do Screech?"

"É claro. E aí, pessoal?"

Ele apertou a mão de Screech primeiro, quase esmagando os dedos estreitos do homem. A situação se inverteu quando ele agarrou a enorme luva de Leroy.

"Parabéns a vocês dois", disse Screech. "Esta é uma grande festa."

"Seria melhor se eu tivesse um drinque na mão", comentou Tate.

Chase, revirando os olhos, disse: "Oh, permita-me buscar uma para você, seu patriarca".

Tate sorriu.

"O que vocês estão fazendo agora?", ele perguntou enquanto esperava o retorno de Chase.

"Dirijo minha própria pequena empresa de PI", disse Screech com uma ponta de orgulho.

"Que bom para você. Se algum dia estivermos em Nova York, não deixarei de procurá-lo." Em seguida, ele se voltou para Leroy. "E quanto a você?"

"Estou na metade de um doutorado em química. Também dirijo uma academia de boxe."

Tate estendeu a mão e apertou um dos ombros do homem, que parecia uma rocha.

"Bem, o que quer que esteja fazendo, parece que está funcionando. Aproveitem a festa, rapazes."

Chase apareceu ao seu lado, com uma bebida na mão. Ele pegou a bebida e tomou um gole.

Então Tate estalou os lábios.

"Droga, isso é bom. Deixe-me adivinhar, qual é a contribuição do Stu?"

"Um de muitos."

Ela não precisava lembrá-lo de que o homem não só havia ajudado a pagar o local do evento, mas também havia pago a conta de toda a lua de mel, incluindo os voos. Ele até se ofereceu para fretar um jato particular para eles, mas eles recusaram educadamente.

Isso foi demais.

"Onde está o homem, afinal?"

"Ele está por perto."

Tate bebeu mais um gole de uísque, um gole maior dessa vez.

"Ei, vá com calma com isso."

Tate levantou uma sobrancelha.

"É o meu casamento, posso beber o quanto quiser", brincou.

"Desde que você possa se apresentar mais tarde."

Tate olhou Chase de cima a baixo, sem muita sutileza.

"Oh, isso não será um problema."

Chase riu.

"E nós temos aquele voo cedo."

"Nada que uma pílula azul e um ibuprofeno não possam resolver."

"Só um?"

Chase riu e, enquanto a boca dela ainda estava aberta, Tate a beijou novamente.

"Tudo bem, dois ibuprofenos", disse ele.

Sim, eu realmente amo Chase Adams.

Capítulo 4

Apesar de Chase ter dito a Tate para monitorar seu consumo, ela estava mais do que agradavelmente zumbificada.

Isso foi uma surpresa. Ela não tinha certeza de como se sentiria em seu casamento, mas a perspectiva de ter um momento incrível estava perto do fim da lista de possibilidades.

Mas foi exatamente isso que aconteceu.

Ela estava realmente se divertindo e, conseqüentemente, bebeu mais do que provavelmente deveria.

Talvez o mais importante seja que Georgina e Rachel também pareciam estar se divertindo muito. Chase nunca foi de buscar conforto na presença de outras pessoas, mas ela não estava tão cansada a ponto de não admitir que isso era algo de que todos precisavam de vez em quando.

Chase também não era muito bom dançarino, mas parecia que esse era um dia de estreias.

Irônico, considerando que esse era seu segundo casamento.

Ela suou muito na pista de dança com Tate e vários outros convidados.

Depois de experimentar o uísque caro de Stu, Chase passou a beber cerveja, que a deixou satisfeita. Ela disse a Tate que estava indo ao banheiro, ao que ele respondeu timidamente: "Quer que eu vá junto?"

Chase estava sorrindo e balançando a cabeça enquanto recuava para o corredor.

É assim que é a vida normal.

Houve um tempo em que ela teria considerado tal pensamento um sacrilégio.

Hoje não.

No fundo, ela sabia que esse sentimento não duraria muito, mas Chase se recusou a deixar que esse entendimento arruinasse seu humor.

Chase, ainda descalça, estava balançando a cabeça ao som da música que chegava até ela através das paredes quando virou a esquina que levava ao banheiro.

E então ela parou.

Um homem e uma mulher estavam diante dela. Ao contrário dos outros convidados, esses dois não estavam usando roupas extravagantes. O homem usava um moletom com capuz, preto, e a mulher, uma camiseta simples.

O homem tirou o capuz da cabeça e despenteou o cabelo loiro curto.

H estava sorrindo descontroladamente.

"Beckett?" disse Chase, incapaz de acreditar no nome que saiu de

sua boca.

"Agora me chamo Don Keedic. E esta é minha parceira, Amanda Lick."

A mulher deu um soco no ombro de Beckett, e ele estremeceu.

"Nós mudamos esses nomes idiotas, seu idiota", disse Suzan Cuthbert.

"E-EU-EU-" Chase gaguejou.

"Você, você, você... sentiu nossa falta?" Beckett zombou, ainda sorrindo como um louco.

Chase ficou boquiaberto.

"Vamos, dê um abraço em seu patologista morto favorito."

Chase era como um trapo mole nos braços do homem.

"O que você está fazendo aqui?", ela finalmente conseguiu.

Os olhos de Beckett se estreitaram.

"Não estou matando ninguém, se é isso que está perguntando. Mas a noite ainda é uma criança."

Chase não sabia dizer se ele estava falando sério.

"Estamos apenas de passagem", disse Suzan. "Um passarinho nos contou sobre o seu casamento e pensamos em passar por aqui e dizer oi."

"Que diabos! Onde você esteve?"

"O onde não é tão importante quanto o *quê*. Adotei a função sempre importante de ensinar os degenerados do ensino médio sobre *educação* sexual. Você não imagina quantos deles não têm uma palavra segura... nos dias de hoje! Com pegging e furies, você *precisa de* uma palavra segura. Agora, para constar, minha palavra favorita é bolo de carne".

Chase piscou os olhos.

"Rolo de carne?"

"Sim, você sabe? O canto..."

"Beckett, alguém já lhe disse que, quando algo vem à sua cabeça, é melhor *não* dizer nada?"

"Bem, Suze, eu não sei - eu já lhe disse que se eu quiser sua opinião sobre algo, eu a darei a você?"

Suzan revirou os olhos.

"Vou bater em você de novo."

"Abuso!" disse Beckett. "Você ainda está no FBI, certo, Chase? Bem, você deveria prendê-la."

"Você pode bater nele se quiser. Eu fecho os olhos", disse Chase. Agora que o choque de vê-los aqui havia passado, ela percebeu que as piadas fluíam facilmente.

"Vocês, do tipo Lorena Bobbitt, são unidos, não são?"

"Infelizmente, você não tem o suficiente para cortar", comentou Suzan.

"Você não estava dizendo isso ontem à noite quando..."

"O suficiente. *Jesus*. Olhe, Chase, não podemos ficar muito tempo. Não podemos ficar de jeito nenhum, na verdade."

"É ótimo ver vocês. De verdade. E espero que, onde quer que estejam, estejam bem."

"Estamos", disse Suzan. "Estamos indo muito bem."

"Você vai voltar para Nova York algum dia?" perguntou Chase.

Beckett deu de ombros.

"Talvez, quando o calor diminuir".

"Já se passou meia década, Beckett", lembrou Suzan a ele. "Ninguém se lembra de você."

"Sim, claro, se eu pudesse ter essa sorte. Algumas celebridades nunca deixam os olhos do público."

"Você deseja."

"É verdade! Veja a Paris Hilton, um boquete desleixado na câmera e ela ainda está por aí. Ela tem até uma música nova!"

Suzan revirou os olhos novamente e agarrou o braço de Beckett.

"Vamos lá, vamos embora. Chase, parabéns."

"Sim, parabéns", Beckett repetiu. Eles estavam se afastando quando Beckett se virou de repente. "Sabe, por algum motivo, achei que você acabaria ficando com o Drake."

Suzan lhe deu um tapa na nuca.

"É o dia do casamento dela, seu idiota!"

"Certo, desculpe. Prazer em vê-lo, Chase."

Eles saíram e Chase, ainda um pouco desorientada com o encontro, ficou parada por um momento. Depois, estremeceu e retomou o caminho para o banheiro.

Apenas para quase esbarrar em outra pessoa.

"Desculpe", resmungou ela. Quando ela tentou contornar o homem, ele se adiantou e Chase se lembrou de sua interação com o Dr. Matteo.

E o quanto ela esteve perto de fugir do casamento.

Que erro teria sido esse.

"Chase?"

Havia uma familiaridade na maneira como ele pronunciava o nome dela, mas Chase não o reconheceu de imediato. Ele tinha mais de 1,80 m de altura e era magro, tão magro que o terno que usava parecia pertencer a outra pessoa.

Seus olhos eram vazios e rodeados de olheiras. Foram esses olhos que o denunciaram.

Escuro, nublado.

Inquietação.

Chase cambaleou, pensando que não podia ser, que aquele tinha que ser o irmão do homem. Ela *sabia* que ele tinha um irmão, porque o homem estava morto há anos.

"O que você está fazendo aqui?", gaguejou ela.

"Ouvi dizer que você ia se casar. Acho que muita coisa mudou desde a última vez que nos vimos."

Havia uma estranha simetria entre essa conversa e a que ela acabara de ter com Beckett e Suzan, e por que não haveria?

Em algum momento, todos eles desempenharam um papel importante em sua vida antes de seguir em frente.

"Mas como...? Você não está..."

Chase piscou os olhos rapidamente.

"Eu estava", disse o homem, sabendo o que ela ia perguntar antes.

"Mas fui liberado há cerca de seis meses."

Chase ficou boquiaberto.

"O que... o que aconteceu?"

O homem não sorriu, não de fato, mas os cantos de seus lábios se inclinaram um pouco para cima.

"O que aconteceu? Bem, digamos que eu não era muito popular na prisão".

Como se sua aparência não fosse suficiente para justificar a afirmação, o homem abriu a camisa e a levantou.

Chase viu uma cicatriz feia em sua lateral, grossa e ondulada, que ia do quadril até logo abaixo da caixa torácica.

"Jesus", ofegou Chase. "Você está bem?"

Era uma pergunta estúpida, mas o que ela deveria dizer a essa sombra de homem que não via há anos?

"Eu sobrevivi."

Chase se lembrou de algo que havia passado por sua cabeça enquanto apertava Georgina no corredor do WCI e novamente no hospital.

Somos sobreviventes, Georgina.

Sem dúvida, esse homem também era um sobrevivente.

"Sabe, seus amigos estão lá dentro", disse Chase.

O homem balançou a cabeça.

"É melhor que eles não me vejam."

"Sério? Por que não aparecer só para tomar um drinque?"

"Deixei de beber. Meu fígado não está na melhor forma, como você pode imaginar."

Ele baixou a camisa.

Tantas perguntas passavam pela mente de Chase que ela tinha dificuldade em acompanhá-las. Talvez se estivesse sóbria, ela saberia o que dizer, o que precisava ser dito.

"Eu não queria estragar seu dia. Só tive que passar por aqui."

Chase sentiu uma lágrima cair em seu rosto, estendeu a mão e agarrou o homem, abraçando-o com força.

"Você não estragou nada. Estou muito feliz..."

Desde que havia ingerido a droga Cerebrum, seu vodu, como Stitts

o chamava, estava com problemas.

Era imprevisível e muitas vezes ausente.

Isso preocupou Chase, fazendo-a duvidar de suas habilidades, de sua capacidade de fazer seu trabalho.

Mas agora ele estava de volta.

E ela voltou com força total.

Dor.

A dor paralisou seu lado direito.

Isso era preocupante por uma infinidade de motivos. Em primeiro lugar, porque não se deveria sentir dor na morte.

"Não", gemeu o homem. "Não."

Ele tentou abrir os olhos, mas suas pálpebras pareciam fundidas.

"Não."

Não era para ser assim. Era para ter finalmente terminado.

Com um grunhido, ele conseguiu olhar ao redor. Ele estava em um tipo de quarto de hospital úmido.

Estava escuro, como sua mente.

Ele tentou se sentar, mas sua mão ficou presa em alguma coisa.

Uma algema foi enrolada em seu pulso e passada pelo braço de metal da maca sobre a qual ele estava deitado.

"É melhor não se mexer muito", instruiu uma voz masculina. A julgar pelo jaleco branco, ele suspeitou que o homem fosse um médico.

"Meu lado..."

O médico franziu os lábios.

"Tive que remover uma grande parte do seu fígado, mas acho que você vai conseguir."

O homem fechou os olhos, suspirou alto e disse: "Por quê? Por que você se deu ao trabalho?"

Chase soltou o homem e deu um passo para trás, ofegante.

Ele conhecia um pouco de seu vodu, ou pelo menos ela achava que ele conhecia.

De qualquer forma, seria difícil para ele não perceber que algo estranho havia acabado de acontecer.

"Estou feliz por você, Chase", disse o homem.

E então, com um aceno de cabeça, ele começou a se afastar.

Chase observou Damien Drake sair, viu-o abrir a porta com um estremecimento.

E então ele se foi.

Como antes, ela ficou ali, descalça, em seu vestido de noiva não tradicional.

"Aí está você, Chase. Eu estava procurando por você em todos os lugares".

Tate tinha uma expressão alegre, mas quando a viu, ela se transformou em algo sério.

"O que há de errado?"

Chase engoliu com força.

Eles haviam concordado em não mentir um para o outro, em não guardar segredos.

Mas isso foi uma exceção. Tinha que ser.

Drake, Beckett, Suzan, todos eles estavam atrás dela.

Ela estava avançando.

Um recém-casado.

Apaixonado.

"Nada, só estou cansado."

A sobrançelha de Tate permaneceu baixa enquanto ele fazia um gesto para que ela voltasse à festa.

"Venha dançar comigo."

"Estou sem dança - vou deixar para depois. Estou muito cansado e temos que acordar cedo."

"Chase, este é o nosso casamento. *Vamos lá.*"

"Desculpe, Tate. Vá se divertir e eu o vejo mais tarde".

Chase sabia que sua euforia estava destinada a acabar. Não se pode ter os altos sem os baixos.

Ela só não esperava retornar à Terra tão rapidamente.

E que isso seja tão catastrófico.

Capítulo 5

Tate estava bem e bêbado quando finalmente chegou à suíte do hotel.

Ele havia se divertido muito. No início, os outros convidados ficaram chateados ao descobrir que Chase não voltaria, mas isso não durou muito.

Eles conheciam Chase, sabiam que ela precisava de tempo e espaço. Assim como ele.

Tempo para digerir tudo, as mudanças em suas vidas que pareciam insondáveis apenas alguns anos antes.

Tate entrou no quarto e imediatamente começou a tirar suas roupas. Ele tirou o terno, com a intenção de dobrá-lo e colocá-lo na cadeira. Mas ele já estava amassado e tinha várias manchas de bebida alcoólica. Para ser justo, a maior parte disso havia sido obra de outros.

Não que ele se importasse.

No final, ele simplesmente amassou a roupa e a jogou na cadeira.

E então, apenas de cueca, Tate se aproximou de sua esposa adormecida. Ele observou as costas dela se erguerem e caírem sob o edredom. O quarto em si era mais do que um pouco brega, do tipo que você esperava que tivesse uma banheira em forma de coração - para constar, não havia nenhuma -, mas era grande e limpo.

Também era isolado dos outros quartos do hotel, o que era uma vantagem.

Respirando fundo, com os olhos ainda fixos em Chase, Tate se permitiu um pequeno sorriso.

Havia algo de desarmante na forma como seus cabelos brancos e grisalhos estavam espalhados sobre o travesseiro, na forma como uma de suas omoplatas estava exposta.

Enquanto estava acordado, Chase era uma das pessoas mais reservadas que ele conhecia. Esse era um mecanismo de defesa criado para se distanciar de suas emoções, para evitar que se machucasse e machucasse os outros.

Tate levou anos para derrubar esse muro e ele estava orgulhoso por finalmente ter conseguido fazer isso.

Ele se moveu para a frente, gentilmente estendeu a mão para baixo e puxou a capa para trás.

O que ele viu o deixou sem fôlego.

Chase estava completamente nu, exceto por um fio-dental branco.

Ela era deslumbrante. Sua pele bronzeada, tonificada e macia como manteiga.

E essa bunda.

Tate se esforçou para tirar a cueca, uma tarefa difícil considerando o quão duro ele havia se tornado.

Ele se deitou na cama e começou a beijar a parte de trás do pescoço dela, a mandíbula. Chase, ainda dormindo, rolou de costas para ele.

Ela havia deixado o ar-condicionado ligado no quarto e sua pele estava salpicada de arrepios. Os mamilos em cima dos seios estavam eretos.

Quando Tate beijou sua boca, ela abriu os olhos. O olhar estranho que ele tinha visto neles no local do casamento havia desaparecido agora, substituído pela mesma fome que ele sentia percorrendo todo o seu corpo.

Tate deslizou para cima dela, abrindo suas pernas com os joelhos. Ela levantou os quadris, esfregando o monte coberto de fios de G. contra ele.

Ele resistiu ao impulso de abrir o tecido fino para trás e entrar nela.

Em vez disso, ele se abaixou, levando o mamilo dela à boca, passando a língua sobre ele antes de chupá-lo gentilmente.

A pele de Chase ficou vermelha e mais uma vez ela se levantou para ir ao encontro dele.

Sorrindo, ele se afastou.

"Você provoca", disse ela, com a voz sonhadora.

Tate beijou os lábios dela novamente, com delicadeza, mal fazendo contato.

"Eu amo você."

"Eu também amo você", Chase sussurrou de volta.

Tate entrou nela.

A cabeça de Tate estava latejando.

Sua dor de cabeça ressoou até a parte de trás de seu crânio. Ele passou a língua, sentiu o gosto de uísque, cerveja e tequila - *caramba, quando foi que eu tomei tequila?* - e sentiu a bile subir em sua garganta.

Tate abriu os olhos e percebeu instantaneamente que, embora sua cabeça estivesse latejando, havia um som adicional de batidas vindo da porta do quarto do hotel.

Que horas são?

Ele olhou para Chase, mas ela ainda estava dormindo.

"Pai, vamos nos atrasar!"

Tate chutou as cobertas para trás, sorrindo ao ver seu corpo nu por baixo delas.

"Vamos, papai! Acorde. Precisamos ir para o aeroporto."

Não havia relógio no quarto e ele procurou o celular na mesa de cabeceira. Não estava lá - ele deve tê-lo deixado em sua calça, que estava enrolada na espreguiçadeira de grandes dimensões.

Parecia estar a quilômetros de distância e ele fechou os olhos novamente.

"Pai! *Acorde!*"

"Estou acordado!"

Falar provou ser um erro.

A bile em sua garganta continuou sua trajetória ascendente e encheu sua boca.

De alguma forma, Tate conseguiu chegar à pia do banheiro antes de vomitar. O líquido que jorrou era principalmente álcool, com uma pequena pitada de sua alma misturada.

"Pai..."

Tate tentou responder, mas vomitou. Isso foi rapidamente seguido por uma série de dolorosos vômitos secos. Quando isso passou, ele colocou uma mão embaixo da torneira e colocou água na boca.

Isso não ajudou muito a eliminar o gosto ruim.

Enrolando uma toalha na cintura, ele saiu do banheiro e sacudiu Chase para que acordasse.

"Chase, temos que ir."

Chase tirou os cobertores para trás.

"Tem certeza de que não temos tempo?"

"Acorde!"

O som da voz de Rachel no corredor convenceu Chase a recolocar as cobertas.

"Quem me dera."

Tate removeu a corrente de segurança e destrancou a porta.

Rachel olhou para ele, para a toalha, para a parte superior do corpo nu e fez uma cara de nojo.

"Que nojo."

"O quê? Era nossa noite de núpcias."

"Duplamente nojento", disse Rachel, sua expressão ficando ainda mais exagerada. "Apenas se apresse. Nós deveríamos estar no aeroporto há uma hora! Georgina já está no saguão esperando."

"Me dê dez", reclamou Tate.

"Você tem cinco minutos, pai. Cinco minutos ou vamos embora sem vocês".

Capítulo 6

O trajeto até o aeroporto foi terrível, apesar de Stu ter providenciado uma limusine para levá-los até lá. Chase se sentiu mal, mas não tão mal quanto Tate. Depois de ver Drake na noite passada, ela voltou para o quarto, tomou um banho e foi para a cama.

Claramente, Tate tinha continuado.

Inicialmente, seu plano era acordar cedo, tomar café da manhã com os hóspedes do hotel e agradecê-los pela noite.

Mais uma tradição que vai por água abaixo.

Que assim seja. Seus amigos a conheciam. Eles sabiam que ir embora sem se despedir era a coisa mais chata que ela poderia fazer.

Rachel parecia cansada, mas Georgina, a quem Chase havia instruído explicitamente a não beber, embora tivesse certeza de que Rachel a havia alimentado com uma ou duas taças de vinho, parecia fresca.

Mas, apesar de sua leve ressaca, Chase estava de bom humor.

Ela se divertiu muito, apesar de seu estranho encontro no corredor.

E agora eles estavam a caminho da lua de mel... com as crianças.

Inicialmente, essa foi a ideia de Tate e Chase foi a favor. Embora morassem todos juntos, ela não se lembrava de ter feito outra coisa em família. Eles haviam discutido sobre possíveis locais, mas quando Stu soube do casamento, insistiu para que ele pagasse a conta. Eles passaram pelo típico "*Oh, não, isso não é necessário*" e "*Obrigado, mas você já fez o suficiente*", mas Stu tinha uma veia teimosa.

Ele os havia reservado em um resort 6 estrelas com tudo incluído em Honolulu. Somente os voos, na primeira classe, custaram ao homem 10 mil dólares.

Stu até se ofereceu para fretar um jato particular para eles, mas eles recusaram.

"Ei, antes de passarmos pela TSA, eu tenho que..." Tate ficou verde. "Preciso ir ao banheiro."

Chase balançou a cabeça.

"Não olhe para mim desse jeito. Você foi para a cama às 9 horas", brincou ele.

"Talvez você também devesse ter feito isso".

Rachel e Georgina riram com isso, risadas que só se intensificaram quando Tate começou a correr para o banheiro mais próximo.

Enquanto esperavam, Chase se voltou para sua sobrinha.

"Você se divertiu na noite passada?"

Georgina assentiu com a cabeça.

"Eu me diverti *muito*. Passei um tempo com Leroy e Screech. Eles são ótimos. Mas ainda não entendi o nome... Screech? Quero dizer, a voz dele é um pouco rouca, mas não é o que eu chamaria de gritante."

"Screech era um personagem do programa de TV dos anos 90 Saved by the Bell."

O lábio inferior de Georgina se sobressaiu.

"Está na Netflix?"

"Naquela época, não tínhamos Netflix."

"Prime, então? Disney?"

Chase não sabia dizer se a sobrinha estava brincando com ela ou não.

"Não, não tínhamos serviços de streaming."

"Você está brincando."

"Não", disse ela novamente. "Nós apenas assistimos à TV a cabo."

"Cabo?" Georgina imitou enfiando um dedo em sua garganta e engasgando. "Isso é..."

Tate reapareceu exatamente no momento errado.

"Por favor, não faça isso", disse ele.

Dessa vez, quando as meninas riram, Chase se juntou a elas.

"De qualquer forma, eles tinham algumas coisas interessantes a dizer sobre você, Chase." Georgina tinha um brilho no olhar. "Sobre quando você era um..."

"Sabe de uma coisa? Não estou gostando muito dessa coisa de ficar lembrando".

"Tudo bem, tudo bem."

Rachel mudou de assunto.

"Qual é a primeira coisa que vamos fazer quando chegarmos ao Havai?"

"Provavelmente vou tirar um cochilo", disse Tate.

"Bem, enquanto você desperdiça sua lua de mel, eu vou direto para a praia. Ouvi dizer que elas são lindas no Havai", disse Rachel.

Eles estavam se aproximando da seção VIP da TSA, que Stu também havia organizado, quando Chase notou algo em Rachel.

"Ei, onde estão suas bengalas?"

Um sorriso enorme apareceu em seu rosto, e ela estendeu os braços para o lado.

"Não preciso deles."

"Tem certeza, Rachel?" perguntou Tate. "Só por precaução?"

Não importava agora; era tarde demais para voltar para o hotel e Chase duvidava que vendessem aparelhos para caminhar no aeroporto.

"Tenho certeza. Veja." Rachel girou orgulhosamente em um círculo. Até onde ela havia chegado.

"Eu ainda não consigo acreditar que você..."

"Alguma coisa a declarar?" O agente da TSA interrompeu.

"N-", começou Tate, mas agora Chase o interrompeu.

"Minha arma de serviço", disse ela, colocando o estojo de plástico

rígido em uma das caixas.

"Você trouxe sua arma?" Georgina perguntou, incrédula.

Chase deu uma olhada na sobrinha.

"Sim, Chase, isso não é para ser férias?" disse Tate.

"Você não fez isso?"

Ele ficou desconfortável.

"Não." Tate coçou a nuca. "Eu pensei..." Ele deixou a frase cair e

Chase se dirigiu a Georgina em seguida.

"Nunca vou a lugar nenhum sem ele."

O agente da TSA tirou o estojo da arma da vista e o inspecionou. Ele pediu as credenciais de Chase, que ela prontamente forneceu.

E então, sem mais nem menos, eles terminaram. E bem a tempo, porque o embarque final do voo foi anunciado pelo interfone.

"O portão está fechando", informou uma mulher negra com unhas extremamente longas quando eles se aproximaram.

"Obrigada por esperar", disse Georgina. "É a lua de mel deles."

Chase se encolheu quando a mulher lhe lançou um olhar malicioso.

"É agora? Bem, espero que você tenha um voo maravilhoso".

Enquanto desciam a rampa, Chase ouviu a mulher pegar o telefone e começar a falar com alguém no avião.

Que bom. Isso ia ser muito embaraçoso.

Capítulo 7

E assim foi.

Assim que atingiram a altitude de cruzeiro, a comissária de bordo puxou a cortina que separava os peões da classe alta, permitindo que os primeiros tivessem uma breve visão da outra metade. Em seguida, ela pegou o telefone e anunciou para todo o avião que havia recém-casados entre eles. Chase se encolheu e tentou se diminuir o máximo possível.

Georgina não estava gostando nada disso.

Sentada atrás dela, a garota passou pela abertura e sacudiu o ombro de Chase.

"Eles estão falando de você, Chase", disse ela com uma risada.

"Me deixe em paz", resmungou Chase.

Na verdade, Tate estava dormindo e Chase, não querendo passar por essa humilhação sozinha, cutucou o marido.

Ele grunhiu e gemeu.

"Já chegamos lá?"

Chase balançou a cabeça.

"Estamos no avião há quinze minutos, Tate", disse ela a ele. "Eles estão falando sobre nós no rádio."

"Por favor, aplausos para os recém-casados", anunciou a irritante comissária de bordo.

Tate fez uma careta e Chase pensou que ele fosse vomitar de novo. Mas não vomitou. Apenas cruzou os braços sobre o peito e se encostou na janela, fechando os olhos mais uma vez.

O avião explodiu em vaias, incentivadas por Georgina e Rachel, que assobiavam e gritavam.

"Levante-se, Chase", disse Georgina, entre intervalos em que enfiava os dedos na boca e assobiava. "Faça uma reverência e um aceno."

Essa era a última coisa que ela queria fazer, mas Chase sabia que Georgina continuaria a importuná-la até que ela cedesse.

Chase relutantemente se inclinou para o corredor e acenou.

Isso revigorou os aplausos.

"Feliz?" Chase disse com o canto da boca enquanto continuava a acenar.

Georgina pressionou o rosto entre os dois assentos à sua frente, o que fez com que suas bochechas recuassem e acentuasse seu sorriso de Cheshire.

"Feliz."

"Posso dormir agora?"

"Você pode."

Georgina se recostou e colocou os fones de ouvido. Em seguida, ela voltou a assistir ao que estava vendo no sistema de entretenimento a

bordo.

Provavelmente não é Saved by the Bell.

Chase ainda estava cansado da noite passada. Apesar de ter ido para a cama cedo, Tate se encarregou de acordá-la.

E ela não se importou nem um pouco.

Chase fechou os olhos, pensou no encontro da meia-noite e depois adormeceu com sonhos agradáveis.

Chase foi sacudida para acordar. Inicialmente, ficou desorientada, mas as luzes piscantes e o barulho do assento da primeira classe a lembraram de que estava em um avião.

"Estamos passando por uma pequena turbulência aqui. Por favor, retornem aos seus assentos e coloquem os cintos de segurança", anunciou o comissário de bordo pelo sistema de som.

Chase olhou para Tate e viu que ele também havia acordado. Ele parecia um pouco mais fresco agora, e ela pegou o celular para ver as horas.

Eles estavam no ar há pouco mais de três horas.

O avião continuou a chacoalhar e, justamente quando isso diminuiu, um enorme solavanco os jogou no ar. O cinto de segurança de Chase mordeu seus quadris e Georgina gritou.

"Por favor, mantenha a calma", alertou a comissária de bordo, mas havia uma falta de calma em sua própria voz.

Talvez até um pouco de medo.

O avião balançou novamente, dessa vez de forma ainda mais violenta, e Chase instintivamente estendeu a mão e agarrou o braço de Tate, com os dedos cravados em sua pele.

"Você está bem, G?" Chase perguntou, com os olhos fixos na frente.

"Sim, sim, estou bem. Só não gosto de turbulência."

Ninguém *gostava de* turbulência. Chase não gostava muito de voar, embora seu trabalho exigisse que ela viajasse por todo o país. Não é que ela achasse particularmente perigoso - ela sabia que, estatisticamente, era muito mais provável se ferir em um acidente de carro do que em um avião -, mas era a falta de controle que a deixava nervosa.

Embora houvesse muitas ocasiões em que, ao volante, você ficava à mercê dos motoristas que vinham na direção oposta, pelo menos havia uma aparência de controle.

O mesmo não acontece quando você está preso ao seu assento, seja na primeira classe ou na classe econômica.

O avião continuou a saltar, apenas o suficiente para que Tate se esforçasse para manter o que restava em seu sistema.

As luzes acima piscaram e depois se apagaram completamente. Isso

foi recebido com vários gritos das pessoas atrás deles.

Por estar na primeira classe, Chase tinha uma visão clara de uma das comissárias de bordo, não a que estava no intercomunicador, mas uma mulher que estava sentada em sua cadeira, com as alças de segurança firmemente enroladas nos ombros.

Suas mãos estavam cruzadas no colo e seus lábios se moviam.

Jesus Cristo, ela está orando?

Chase, cada vez mais preocupado, olhou pela janela.

Tudo o que ela via era cinza. Cinza total e absoluto. Sem nuvens, sem céu, sem água, sem nada além da escuridão onipresente.

Seu coração começou a bater forte no peito e ela pensou na arma que estava escondida sob o assento vazio à sua frente.

Não era como se ela pudesse atirar em uma tempestade, mas Chase se sentia melhor por saber que ela estava lá.

Eles continuaram a atravessar o vazio cinza na escuridão total por vários minutos.

E então as coisas foram de mal a pior.

O avião mergulhou com força e Chase foi jogada para frente com tanta violência que seu rosto quase se chocou contra o assento à sua frente. Por estar na primeira classe, havia mais espaço entre as poltronas, e por pouco ela não quebrou o nariz na tela de vídeo embutida.

Isso não aconteceu com o restante dos passageiros, e ela ouviu alguns tapas fortes seguidos de gritos e xingamentos. Choro também.

Alguém gritou, exigindo saber o que diabos estava acontecendo, enquanto outra pessoa, um homem, um idiota, gritava que eles estavam caindo. Isso provocou medo, e as pessoas começaram a gritar.

O avião se endireitou momentaneamente, antes de acelerar e se inclinar para frente.

Os compartimentos superiores se abriram e as máscaras de oxigênio caíram.

"Por favor, coloquem suas máscaras", disse a atendente, não mais tentando esconder seu medo agora. "Certifiquem-se de que vocês..." Suas palavras foram interrompidas por outra grande turbulência. A mulher jurou e Chase colocou a máscara sobre o nariz e a boca. Ela deu uma olhada para trás e viu Georgina fazendo o mesmo.

O comissário de bordo voltou ao interfone.

"Por favor, protejam suas próprias máscaras antes de atender aos outros."

Ela se esqueceu de desligar e o pandemônio crescente na cabine ecoou pelos alto-falantes.

A atendente se acomodou ao lado do devoto.

"Rachel? *Rachel?*" disse Tate, como se tivesse acabado de lembrar que sua filha estava a bordo com eles. "Rachel?"

"Estou bem, pai", respondeu a garota, com as palavras distorcidas pela máscara que cobria seu rosto.

Chase ainda estava segurando o braço do marido, e ele retirou os dedos dela um a um. Ao fazer isso, ela viu que havia deixado marcas vermelhas de raiva.

O avião deu um solavanco e Chase se sentiu levantando da poltrona.

Com ou sem o meio de transporte mais seguro, ela sabia que isso não era um bom sinal.

E então, sem aviso, a aeronave entrou em queda livre total.

Capítulo 8

O avião finalmente ficou em silêncio, e Chase permaneceu em seu assento, ainda respirando oxigênio da máscara, com o peito arfando.

Ninguém no avião disse nada, o que foi um alívio em relação aos últimos 45 minutos, que tinham sido de puro pandemônio.

Por duas vezes, Chase estava convencida de que eles iriam se acidentar. Ela não era uma pessoa religiosa, pois isso tinha ido por água abaixo quando seu pai se suicidou, mas ela chegou perto de rezar.

Ela também se esticou entre os assentos e segurou a mão de Georgina pelo máximo de tempo que conseguiu, soltando-a apenas quando a turbulência era tão grande que ela temeu que seu braço pudesse quebrar.

"Aqui é seu capitão falando", anunciou uma voz rouca. "Gostaria de pedir desculpas pelo que acabaram de vivenciar. Passamos por um sistema de tempestade inesperado que não apareceu em nosso radar. Fomos obrigados a mudar de rota e fazer um pouso de emergência em Denver, Colorado. Mais uma vez, pedimos desculpas pelo seu desconforto."

"Desconforto?" Chase cuspiu, olhando para baixo, para seu próprio corpo. O cinto de segurança estava cravado em seus quadris e seus braços estavam esmagados nos apoios de braço.

O desconforto era uma lasca incômoda incrustada na ponta do dedo.

Isso era outra coisa.

Em seguida, o atendente do voo foi ao interfone.

"Os paramédicos estão a caminho. Se precisar de assistência, pressione o botão de chamada e permaneça em seu assento. Sinta-se à vontade para mover suas máscaras, mas mantenha os cintos de segurança apertados. Um representante irá encontrá-lo no portão para instruí-lo sobre as próximas etapas. Mais uma vez, pedimos desculpas pela turbulência que você sofreu."

O toque dos botões de chamada soou, acompanhado de gritos de raiva.

Chase tirou a máscara do rosto dela.

Tate fez o mesmo.

"Você vai ficar bem?", ele perguntou.

"Sim, acho que sim. E você?"

"Nada como uma experiência de quase morte para se livrar de uma ressaca", disse ele, sem humor.

O comissário de bordo foi em direção a eles e se agachou no corredor.

"Sinto muito, Sr. e Sra. Abernathy." Chase franziu a testa, mas não

se incomodou em corrigir a mulher. "Providenciamos um representante especial de atendimento ao cliente para encontrá-los no portão e cuidar de todas as suas necessidades.

O sinal de apertar o cinto de segurança acima deles fez um clique e Chase tirou o cinto do colo dela.

"Claro."

Trabalhando no piloto automático, Chase pegou seu estojo de armas e depois abriu o compartimento de cima para pegar sua bagagem de mão. Em seguida, ela ajudou Georgina com suas coisas. A garota parecia chocada.

Foi só depois de começar a percorrer o corredor que ela percebeu que Rachel ainda estava sentada, com o rosto branco como um lençol.

"Rach?" disse Tate.

Ele estendeu a mão e tocou o braço dela.

A garota gritou.

"Sou só eu. Já aterrissamos. Vamos ficar bem."

Rachel finalmente voltou seus olhos para o pai.

"Você tem... tem certeza?"

"Sim. Estamos bem agora."

Rachel ficou olhando com incredulidade. Piscou duas vezes.

"Vamos, eu o ajudo a subir."

Ela precisava de ajuda. Rachel estava com os pés trôpegos. Georgina pegou as malas para ela, enquanto Tate passou os braços em volta de sua cintura e eles caminharam juntos pelo corredor estreito.

Era difícil acreditar que, há apenas algumas horas, Rachel estava animada e girando em círculos, exibindo sua nova mobilidade.

Agora, ela mal conseguia andar.

Eles levaram cinco minutos para sair do avião, apesar de os passageiros da primeira classe terem sido os primeiros a desembarcar.

E então Rachel parou completamente.

"Não posso... não posso fazer isso."

"O que você quer dizer com isso, Rach?" perguntou Tate.

A única resposta de Rachel foi balançar a cabeça com veemência.

Chase avistou três cadeiras de rodas dobradas encostadas na parede da pista de pouso. Ela não sabia se eles sempre as mantinham ali ou se alguém as havia trazido antes do pouso.

Não importava; ela pegou um, abriu-o e rolou-o para Rachel, que prontamente caiu dentro dele.

Foi de partir o coração vê-la assim novamente.

Ela ainda estava tremendo quando o primeiro dos paramédicos chegou.

Dois dos homens que usavam coletes verdes neon passaram por elas e entraram no avião, mas um terceiro parou na frente de Rachel.

"Você está machucado?", perguntou ele.

"Não, eu... não sei." Sua voz era mansa.

O homem olhou para Tate em busca de instruções, mas ele apenas deu de ombros.

"Certo. Você bateu a cabeça ou..."

"Eu estou bem."

"Senhora, se a senhora..."

"Eu disse que estava bem." Rachel tentou parecer forte, mas falhou miseravelmente.

"Senhora, eu..."

"Ela disse que estava bem", disse Chase.

Senhora... maldita senhora.

O paramédico se enrijeceu.

"Tudo bem, mas se você sentir dor no pescoço ou dores de cabeça no próximo dia, aconselho que procure atendimento médico."

Tate resmungou algo incoerente e começou a empurrar Rachel pelo corredor. Chase e Georgina a seguiram, sobrecarregados com toda a bagagem.

Eles entraram no aeroporto propriamente dito e, no momento em que passaram pelas portas de vidro, apareceu a representante do atendimento ao cliente que lhes havia sido prometida. Ela estava usando um cordão com um grande cartão de identificação preso ao pescoço.

Seu nome era Leslie Jennings.

"Sr. e Sra. Abernathy?"

Mais uma vez, Chase resistiu ao impulso de corrigir a mulher de cabelos grisalhos e lábios finos.

"Sim", confirmou Tate.

"Primeiro, gostaria de pedir desculpas novamente em nome da companhia aérea pelo que deve ter sido uma experiência aterrorizante e pelo pouso inesperado."

Durante a interação com o paramédico, vários dos outros passageiros da primeira classe haviam desembarcado. Chase os viu no balcão de atendimento, falando em voz baixa com representantes que pareciam estar dispostos a fazer qualquer coisa por uma pausa para o almoço.

Chase e sua família eram os únicos que recebiam o tratamento VIP. Não era porque eles eram agentes do FBI ou porque Rachel estava resignada a uma cadeira de rodas.

Isso teve tudo a ver com o fato de Stu Barnes ter reservado suas passagens.

"É claro que você será 100% reembolsado pela sua viagem ao Havaí. Também gostaríamos de estender..."

"Temos reservas para hoje", disse Tate.

A mulher parecia nervosa.

"Estou ciente de seus planos de viagem. Infelizmente, todos os aviões que se dirigem para o oeste estão parados até o fim do dia. Podemos colocá-lo em um voo amanhã à tarde, na primeira classe, e também..."

"Amanhã?" Chase hesitou.

"Receio que esse seja o primeiro voo disponível, Sra. Abernathy. Reservamos uma suíte para a senhora -" o representante olhou rapidamente para Georgina e Rachel, "- duas suítes para a senhora em um hotel local e também providenciamos uma experiência gastronômica exclusiva em um dos restaurantes de Denver -"

"Não quero um hotel e não quero jantar", disse Tate. "Nós deveríamos estar em uma praia comemorando nossa lua de mel."

Chase estendeu a mão, com a intenção de colocar a mão no braço dele para acalmá-lo, para lembrá-lo de que a culpa não era da senhora, mas quando viu as marcas vermelhas que seus dedos haviam deixado, decidiu não fazer isso.

"Sinto muito, mas, como mencionei, o próximo voo para o Havaí é amanhã."

"Não quero voar amanhã", disse Rachel suavemente.

"Rach", disse Tate.

"Não, papai. Não me *chame de Rach*. Quase morremos naquele avião. Foi como um acidente, você sabe? Eu *não posso*." Ela balançou a cabeça. "Não posso fazer isso."

Chase estremeceu. Os traumas diminuía e fluía. Às vezes, ele ficava ausente por meses, até mesmo anos, mas sempre estava lá, logo abaixo da superfície pantanosa, esperando para ser acionado.

Vendo a reação visceral de Rachel agora, Chase mudou de ideia sobre achar que era uma boa ideia contar a verdade para a garota.

Que era *ela* quem estava dirigindo o carro e não sua mãe, que estava presa atrás das grades por causa disso.

"Está bem, está bem, Rachel."

O representante esperou pacientemente enquanto Tate puxava Chase para o lado.

"Posso falar com você por um segundo?"

"Claro."

Tate olhou para baixo antes de começar.

"Estou preocupado com ela, Chase. Tenho medo de que ela volte a ser o que era. Não sei se posso fazer isso de novo."

Ela não havia se esquecido dos dias sombrios pelos quais Tate havia passado. As semanas e meses sem dormir, lidando com os constantes terrores noturnos de Rachel.

Claramente, ele também não tinha.

"Eu tenho uma ideia."

"Sim?" Tate estava desesperado.

"Você já esquiou alguma vez?"

"Uhh... quando era criança, uma vez. Quase quebrei minhas duas pernas. Eu odeio isso."

Apesar de tudo, Chase riu.

"Dê-me um segundo."

Chase se aproximou do representante, que estava fazendo um péssimo trabalho ao fingir que não estava escutando.

Era hora de ver o quanto Stu Barnes realmente tinha influência.

"Sra. Abernathy? Está tudo bem? Se a senhora preferir ficar..."

"Deixe-me fazer uma pergunta... você acha que pode nos conseguir alguns dias em uma estação de esqui?"

Pelo canto do olho, Chase viu Rachel, apesar de ainda estar sentada em uma cadeira de rodas, se animar um pouco.

"Algum lugar agradável?"

A mulher ficou olhando fixamente por um momento, e Chase temeu que ela fosse dizer que não, que estava tudo reservado. *Sinto muito, Sra. Abernathy, mas nossa companhia aérea tem certas restrições quanto a esse tipo de coisa. Há um procedimento, um protocolo a ser seguido.*

"Isso", disse a representante, com os lábios finalmente relaxados, "é algo que eu posso fazer".

Capítulo 9

A mente humana é um órgão fascinante. Menos de duas horas após uma das experiências mais aterrorizantes de suas vidas, até mesmo o ânimo de Rachel estava nas alturas.

"Puxa vida, olha só esse lugar!", exclamou a garota quando o carro alugado entrou sob um enorme portão de madeira.

Até mesmo Tate ficou impressionado.

"Uau."

"Nunca viu Silver Peaks antes?", perguntou o motorista, um homem de meia-idade que se apresentou como Larry, do banco da frente.

"Não", admitiu Georgina. "Nosso voo foi cancelado, então isso é meio que uma coisa de última hora."

Não é uma mentira, mas...

"Bem", disse Larry com uma risada. "Você teve sorte. Silver Peaks deveria ser uma das grandes maravilhas do mundo. Esse lugar é realmente lindo. E *muito* exclusivo."

O interior do sedã ficou silencioso enquanto os habitantes do carro observavam a paisagem.

A estrada coberta de neve em que dirigiam era longa e sinuosa, ladeada por bancos de neve da altura de canelas. À direita, havia caminhos muito menores que levavam a várias cabanas de madeira pitorescas. A principal atração feita pelo homem era a enorme construção de madeira que Chase presumiu ser o chalé. Ele tinha um pico de madeira espetacular, com janelas altas acima de uma série de toras de madeira horizontais perfeitamente cortadas.

A fumaça era filtrada para cima a partir de três grandes chaminés.

O nome, Silver Peaks Resort, foi construído com o que parecia ser madeira esculpida à mão acima das portas de aparência medieval.

No lado oeste do edifício havia outra estrutura, um complemento, de onde os hóspedes entravam e saíam com esquis e bastões nos braços.

Apesar do edifício impressionante, foi o cenário natural que roubou o fôlego de todos.

Ao longo de sua carreira, Chase passou um tempo em Las Vegas, Montana, Nova York, Tennessee e inúmeros outros estados, todos com seus encantos individuais.

Mas isso foi algo diferente.

Silver Peaks estava aninhado no que parecia ser uma espécie de bacia cercada pelas Montanhas Rochosas do Colorado. As faces das montanhas à sua esquerda eram estragadas por pistas de esqui lisas e teleféricos. Mas atrás do resort e à direita, onde as cabanas estavam aninhadas, a beleza natural permanecia desobstruída. Os altos picos brancos se destacavam no horizonte azul-claro e sem nuvens como um

purê de batatas.

Chase deve ter respirado fundo, ou pelo menos alguém no carro o fez, porque Larry deu uma risadinha.

"Silver Peaks fica no fundo de uma caldeira, o que o torna um local perfeito para esqui. Os teleféricos ali", ele apontou para a esquerda, e Chase seguiu seu dedo, "levam você até o topo, depois você esquia de volta para baixo. Se tiver sorte, você pode conseguir uma cabana para esqui. Basta tirar essas coisas, entrar e o Bob é seu tio".

Larry foi obrigado a diminuir a velocidade para passar por um punhado de esquiadores felizes.

"Lá se foi a tempestade", resmungou Tate. Sua admiração parecia ter se esgotado. Chase se lembrou dos poucos invernos que passaram juntos. Na maior parte do tempo, eles estavam na Virgínia, onde a temperatura raramente caía abaixo de 40°, mesmo no auge do inverno. Claro que havia neve, mas nada como isso.

O comentário de Tate provocou outra risada de Larry.

"Ainda não. Mas há relatos de que haverá um grande evento nos próximos dias, o que explica o fato de o local não estar lotado. Como eu disse, você *realmente* teve sorte." Os olhos do homem se voltaram para o espelho retrovisor. "Espero que vocês tenham trazido algo quente para vestir, porque vai ficar muito frio. Agora, a caldeira bloqueia a maior parte do vento, mas ainda assim pode ficar muito frio nas encostas."

Era meados dos anos 50 quando eles saíram da Virgínia e a maior parte de sua bagagem estava cheia de roupas de banho e macacões.

"Nós deveríamos estar em Honolulu", disse Georgina, com o rosto ainda colado à janela. "Mas eles disseram que nos dariam um crédito para comprar roupas quentes no chalé."

E foi o que aconteceu. O representante do serviço de atendimento ao cliente havia se esforçado para garantir que eles fossem acomodados, o que Chase agora acreditava ser totalmente resultado do fato de Stu Barnes ter reservado suas passagens.

"Quanto tempo você vai ficar?"

"Três dias", disse Tate rapidamente. Era só com isso que eles haviam se comprometido, mas o representante havia lhes assegurado que, se quisessem ficar mais de uma semana, não só a ariline cobriria o custo do resort, mas eles também seriam reembolsados pela viagem perdida em Honolulu. Ou, pelo menos, o Stu queria.

Uma promessa ousada, que Chase esperava que não levasse a companhia aérea à falência.

Em sua experiência, muito exclusivo não era apenas sinônimo de caro, mas reservado para o que passava por elite nos dias de hoje: milionários do bitcoin e influenciadores com mais seguidores do que senso.

Chase se recusou a deixar que isso afetasse seu humor.

"Bem, espero que você consiga esquiar bem antes que a tempestade chegue."

Larry parou na porta da frente e todos saíram. O motorista fez um gesto para que um dos mensageiros se aproximasse. O garoto, vestindo uma jaqueta vermelha e branca para neve que Chase supunha ser considerada um uniforme por aquelas bandas, entrou em um veículo de quatro rodas e o levou até a traseira do carro. Assim que o portamalas de Larry se abriu, ele começou a retirar as malas e a empilhá-las no veículo.

"Obrigado, Larry", disse Tate, sacando sua carteira.

Larry o interrompeu.

"A companhia aérea já cuidou de mim, não há necessidade de dar gorjeta."

Take deu de ombros e guardou a carteira. Larry deu uma mãozinha ao carregador e parou quando chegou à cadeira de rodas.

Ele olhou para eles com curiosidade, perguntando-se qual deles precisava, já que todos estavam de pé sem ajuda.

"O que você gostaria que eu fizesse com isso?"

"Mande para o quarto", sugeriu Tate.

"Pai, não preciso mais disso", disse Rachel em voz baixa.

"Só por precaução, querida."

"Vamos lá, isso é constrangedor."

"Nunca se sabe."

O carregador pegou a cadeira de rodas de Larry e a colocou em cima da bagagem deles. Ele a empurrou com as duas mãos, certificando-se de que estava segura, e então disse: "Vocês são os recém-casados, certo? Sr. e Sra. Abernathy?"

Chase se encolheu.

Isso de novo não.

"Sr. Abernathy e Sra. Adams", Tate o corrigiu.

"Bem, vocês têm as melhores cabines de todo o resort. Se quiserem fazer o check-in, posso levar suas coisas para o quarto."

Agora que estavam perto do carregador, Chase viu que ele era um jovem de vinte e poucos anos. Uma vírgula escura de cabelo preto pendia de seu boné vermelho e branco e estava pressionada em sua testa.

"Isso seria ótimo", disse Chase.

Os olhos do carregador baixaram para a mala preta em sua mão.

"Quer que eu leve isso também?"

"Obrigado, mas vou ficar com ele."

"Bom material e parabéns."

Chase murmurou um "obrigado" reservado e, em seguida, observou o garoto sair dirigindo.

"Aproveite sua viagem e tente se manter aquecido", disse Larry ao entrar no carro.

Isso fez com que Chase se lembrasse de que estava usando apenas um casaco fino e sentiu um calafrio. Ela reuniu sua família e correu para dentro.

O saguão do Silver Peaks Resort era tão impressionante quanto o exterior. Tudo era feito de madeira, até mesmo os balcões de check-in, mas o ponto focal era uma lareira gigantesca. Uma grande fogueira crepitava lá dentro, aquecendo alguns hóspedes que estavam em volta dela, com seus casacos amarrados na cintura e bebidas na mão.

Georgina e Rachel pararam em seus caminhos, com os maxilares se abrindo.

Isso fez Chase sorrir.

O desastre de uma viagem de avião parecia ter sido esquecido.

Ela esperava que continuasse assim.

"Vocês vão dar uma olhada nesse lugar, eu vou pegar as chaves."

Não foi preciso dizer duas vezes - as meninas, agora rindo e de mãos dadas, saíram correndo.

"Encontro vocês aqui em quinze minutos", gritou Tate atrás deles. Eles não deram nenhuma indicação de que o haviam ouvido.

"Tate, você quer dar uma olhada na loja de presentes? Comprar algo quente para vestirmos?"

"Estamos aqui apenas por três dias", reclamou Tate.

Chase teve a impressão de que quando seu novo marido disse que odiava esquiar, ele estava falando sério. Mas como seria possível odiar um lugar como esse?

Foi impressionante.

"Você realmente não gosta do frio, não é?"

"Você se esquece de que eu cresci na Califórnia e passei o início da minha carreira lá."

"Eu não esqueci. Mas olhe para as meninas, elas estão tão felizes. Eu não me importaria de ficar aqui por mais alguns dias."

Tate resmungou algo depreciativo sobre esquiar, mas Chase teve a ideia de que ele provavelmente estava pensando a mesma coisa que ela.

Embora Rachel parecesse estar bem agora, poderia levar uma semana inteira para que ela superasse o medo de voar.

Se levasse mais de uma semana para ela se recuperar, então, bem, eles estavam perdidos, porque não havia como pagar a conta desse lugar sozinhos.

"Pare de ser um velho rabugento. Pegue algumas jaquetas e calças de neve para nós, Tate."

Tate franziu a testa e ela o beijou no rosto.

Enquanto ele se afastava, Chase o ouviu dizer: "Três dias. Apenas

três dias e então você estará desfrutando de um coquetel com um guarda-sol em uma praia".

Capítulo 10

"Aqui, pegue isso, vista algo quente", disse Tate, lançando uma sacola gigante com o logotipo da loja de presentes na direção de Georgina e Rachel. Georgina pegou a sacola e tropeçou para trás antes de se endireitar.

"O que é tudo isso?"

"São suas roupas de neve novinhas em folha, cortesia da companhia aérea", disse Tate. Em seguida, ele se aproximou de Rachel e lhe entregou a chave do quarto. "E esta é a chave de sua cabine. Vocês têm a sua própria."

"Tate?" disse Chase, hesitante, fazendo um gesto para que ele se aproximasse.

"O que está acontecendo?"

Chase olhou por cima do ombro de Tate para Rachel e Georgina, que estavam cochichando entre si. Os convidados que estavam no saguão do Silver Peaks haviam praticamente desaparecido, provavelmente para devorar canapés com caviar.

"Não tenho certeza de como me sinto em relação a eles dois ficarem sozinhos em sua própria cabana."

De acordo com o mapa que o concierge havia dado a Chase durante o check-in, a suíte presidencial e a cabine das moças ficavam lado a lado, separadas por não mais do que dois metros.

Perto, mas não o suficiente para seu gosto. Ela estava esperando por algo mais parecido com um hotel típico, com quartos separados, mas com uma porta interna que os ligasse.

Chase havia perguntado sobre uma cabine grande o suficiente para acomodar todos os quatro, mas a única cabine que eles tinham que se encaixava nessa descrição já estava ocupada.

"Eles estão bem ao nosso lado, não estão?" perguntou Tate. Ele pegou o mapa na mão dela e o abriu. Suas duas cabanas estavam circuladas com caneta vermelha.

"Foi o que eles disseram. Mas você sabe, com o que aconteceu com a Rachel..." Chase deixou a frase se arrastar.

Tate lhe lançou um olhar conhecedor.

Antes do incidente no WCI, Chase estava melhorando por não precisar ficar de olho em Georgina o tempo todo.

Mas tudo isso mudou quando JC Marshall apontou uma arma para a cabeça de sua sobrinha.

A escola havia sido fechada por dois meses, o que coincidiu perfeitamente com as férias de primavera de Rachel na Virginia Tech. Apesar de se encontrarem com o Dr. Matteo uma vez por semana, eles ainda não haviam discutido o que Georgina faria quando a WCI voltasse a funcionar.

O que se descobriu durante o tempo que passaram com o psiquiatra foi que Georgina havia sido vítima de bullying. Isso foi um choque total e absoluto para Chase.

Considerando o que havia acontecido, o que Georgina havia feito, Chase suspeitava que os outros alunos a olhariam de uma forma diferente agora.

Ainda assim, a perspectiva de sua sobrinha voltar para lá aterrorizava Chase por uma série de razões.

"Rachel está bem. Basta olhar para ela", disse Tate.

A menina, de fato, parecia estar bem. Era como se o fato de ela ter caído na cadeira de rodas nunca tivesse acontecido. Isso fez com que Chase se lembrasse de como as crianças podem ser adaptáveis e flexíveis.

Como suas memórias eram curtas.

Crianças? Elas quase não eram mais crianças.

Chase encolheu o rosto.

Quando foi que isso aconteceu?

"Vamos dar uma olhada nas cabines antes de tomarmos qualquer decisão."

Tate concordou, e o concierge providenciou um veículo de quatro rodas para buscá-los na porta da frente.

O homem que os cumprimentou tinha grandes óculos de esqui cobrindo a maior parte do rosto, mas Chase reconheceu aquele tufo de cabelo escuro que parecia dividir perfeitamente a ponte do nariz.

Era o mesmo homem que havia levado a bagagem deles para o quarto.

"Sr. Abernathy? Sra. Adams?"

Evidentemente, ele também se lembrava delas.

"Somos nós."

Todos se amontoaram nos assentos ao ar livre, juntando-se para se manterem aquecidos. Os pneus grossos e ondulados do veículo esmagavam a neve enquanto dirigiam e, apesar da afirmação de Larry de que a caldeira protegia o resort do pior do vento, ainda fazia um frio de rachar.

Felizmente, eram menos de dez minutos de carro até a cabana deles.

"Esta é a suíte presidencial", informou o motorista.

Era uma versão em miniatura do chalé, com um telhado pontudo.

"Puxa vida", disse Georgina.

"Linguagem", respondeu Chase instintivamente.

"Desculpe, *caramba*."

Chase revirou os olhos e Georgina sorriu.

"Sim, é bastante impressionante. A melhor cabana da propriedade."

Tate começou a sair, mas Chase agarrou seu ombro, mantendo-o no

lugar.

"Podemos ver a outra cabine primeiro?"

"Claro, mas é bem ali". O mensageiro apontou para o que Chase inicialmente pensou ser uma espécie de banheiro externo. Ela também era feita de madeira, mas não tinha a dramaticidade da suíte presidencial.

Tate voltou a se sentar, e o garoto avançou uns doze metros.

"É nosso?" perguntou Georgina. Antes que o carregador pudesse responder, ela já estava fora do veículo de quatro rodas e em movimento.

Chase correu atrás dela, deixando Tate para trás para ajudar Rachel, o que ela, como era de se esperar, *não* queria.

"Georgina", gritou Chase. "Espere!"

Georgina olhou para ela, e seu sorriso lindo e brilhante iluminou todo o seu rosto.

"Eu vou ficar bem, Chase. Estou com a Rachel. Além disso, você está bem ao nosso lado", disse ela, sabendo o que Chase ia dizer.

"Eu só acho que talvez..."

"Chase, por favor." Georgina não chegou a implorar.

Chase suspirou.

Tate apoiaria sua decisão, fosse ela qual fosse - ela sabia disso.

Mas cabia a ela fazer a ligação.

Foda-se.

"Ok. Ok..." Ela nem chegou a terminar. Georgina, ainda segurando a sacola de presentes no peito, correu para a porta de sua cabine. "...ai."

Rachel se juntou a ela.

"Escutem, vocês dois", disse Chase, levantando a voz. "Não quero que saiam do quarto sem nos avisar primeiro."

"Tudo bem", concordou Georgina.

Se quisesse ligar para outros quartos, basta digitar o número da cabine e pressionar "pound", informou o motorista.

"Obrigado."

Tate tentou dar uma gorjeta ao garoto, mas, como todos os outros funcionários de Silver Peaks, ele recusou.

"Aproveite sua estadia."

Enquanto o carregador dirigia de volta para o chalé, Chase observou Rachel colocar a chave na fechadura e abrir a porta. Tate esperou até que eles estivessem em segurança dentro do chalé antes de passar o braço em volta da cintura dela e puxá-la para perto de si.

"Vamos lá, o que acha de dar uma olhada na suíte presidencial, Sra. Abernathy?"

Capítulo 11

"Pai, somos nós. Abra a porta. E, *por favor*, vista uma roupa dessa vez."

"Eu *estava* usando roupas antes", disse Tate em voz baixa. "Bem, uma toalha, pelo menos."

Chase estava deitado na cama, relaxando, apreciando a incrível suíte presidencial. Houve um tempo, na época em que ela complementava sua renda jogando pôquer on-line, em que gastava sua renda livre em algumas das coisas mais finas. Sapatos de grife, por exemplo. Esses dias se foram há muito tempo, mas ela ainda podia apreciar o luxo de suas acomodações atuais.

Os alojamentos foram divididos em quatro seções: a área de entrada, que tinha uma lareira à direita e algumas cadeiras confortáveis - alguém já havia acendido uma pequena fogueira quando eles chegaram -, dois degraus para uma cama king-size de casal, se é que isso existia, um banheiro grande com azulejos pretos e chuveiros opostos e uma cozinha pequena, mas suficientemente abastecida.

Tate destrancou a porta e Rachel saiu do frio.

"Se você acha que estou usando isso, então você ainda deve estar bêbado", disse ela. "De jeito nenhum, de jeito nenhum."

Chase começou a dar risada.

"Não é engraçado, Chase", disse Rachel. "Eu me pareço com o Mortimer."

Ela parou de rir.

"Mortimer?"

"Sim, você conhece o garoto daquele livro ilustrado? Aquela que está toda enrolada em uma roupa de neve e sempre tem que fazer xixi?"

As risadas voltaram.

"Você sabe sobre o Mortimer, mas não sobre a TV a cabo?"

"Fui eu", disse Georgina, seguindo sua amiga até a suíte presidencial e fechando a porta atrás delas.

"Ou o garoto de South Park", disse Rachel com uma careta. "De qualquer forma, não vou usar isso, pai."

Era uma roupa de neve horrível. Um macacão marrom, sem graça. O que tornava tudo ainda pior era o fato de Rachel estar com o capuz e ter puxado o cordão com força, de modo que apenas as partes importantes de seu rosto ficavam à mostra.

"O que você quer que eu faça? Era o único do seu tamanho".

Rachel se virou e sua roupa ficou amassada como uma folha de papel-alumínio.

"E a Georgina fica com isso?"

Georgina usava uma jaqueta retrô da moda, quase toda branca, mas

com uma faixa azul grossa que passava horizontalmente pelo meio. Sua calça de neve, ajustada, era azul-marinho.

"Como eu disse, Rach", protestou Tate, "é o único que eles têm".

"É *terrível*."

Não havia como negar isso.

"Parece bom", disse Georgina, embora estivesse tendo dificuldade em manter a expressão séria. "Já podemos ir esquiar?"

"Sim, não tenho tanta certeza disso", disse Tate, coçando a nuca.

"De jeito nenhum. Se você está me obrigando a usar isso, então você está vindo esquiar", rebateu Rachel. Ela tentou cruzar os braços de forma petulante, mas o tecido era muito restritivo para permitir até mesmo esse movimento básico.

Enquanto eles continuavam discutindo se Tate iria ou não superar seu medo e colocar os esquis, Chase ficou curiosa sobre a roupa que seu marido havia escolhido para ela. Ela se levantou da cama e foi até a cadeira onde ele havia colocado a sacola da loja de presentes.

Ela estava vasculhando os chapéus e luvas quando se deparou com uma jaqueta vermelha, o que a fez parar.

Era tão parecido com o que ela havia usado no Alasca durante seu primeiro caso com a agente Martinez, que acabou não sendo um caso sancionado, que ela pensou que poderia ser exatamente o mesmo.

"E agora? Isso também não é bom para você?", perguntou Tate, desanimado.

Chase permitiu que seus olhos se voltassem para Rachel e Georgina.

"Não, está tudo bem."

"Ótimo. Então, as meninas querem ir esquiar, mas estou pensando que provavelmente vou apenas..."

"Não, você vem. Todos nós vamos esquiar, Tate. Incluindo você."

A loja profissional equipou todos eles com esquis e bastões, por conta da casa, é claro.

Chase se sentiu um pouco ridículo, mas isso foi silenciado; Rachel parecia mesmo o Mortimer do clássico livro de Robert Munsch. Mas, pelo menos, ela estava sendo uma boa esportista em relação a isso.

O funcionário percebeu imediatamente a apreensão deles - principalmente de Tate - e, quando lhes deu um mapa das pistas de esquí, recomendou duas das menores, que ele chamou de colinas de coelho.

Tate quase caiu duas vezes só de tentar encaixar suas botas nos esquis.

"Vamos tentar esta", disse Georgina, apontando para uma colina de tamanho médio marcada com um quadrado azul.

"Acho que deveríamos nos limitar às encostas dos coelhos", sugeriu

Tate.

Chase concordou de todo o coração.

"Eles são tão chatos", reclamou Georgina.

"Podemos experimentar alguns dos maiores depois."

Rachel disse algo, mas com o capuz cobrindo sua boca, nenhum deles a entendeu.

Eles acenaram com a cabeça mesmo assim.

As colinas de coelhos ficavam escondidas na extremidade oeste do resort e, ao contrário das grandes pistas, não precisavam de teleférico para serem acessadas. Em vez disso, havia uma espécie de tapete móvel que lembrava as esteiras transportadoras laterais encontradas com frequência nos aeroportos.

Georgina assumiu a liderança, impulsionando-se com seus bastões com facilidade. Ela tinha um talento natural. Devia ser, porque Chase duvidava que a garota tivesse alguma experiência em esquiar, já que havia sido criada na zona rural do Tennessee.

O céu acima deles havia ficado consideravelmente mais escuro nos últimos minutos e, a julgar pela forma como o vento estava soprando, só iria piorar. Eles haviam passado pela tempestade no ar e estavam fadados a vivenciá-la novamente no solo.

Georgina subiu na esteira móvel, agarrando a corda que passava ao lado dela com uma das mãos e colocando os bastões sob o braço oposto. Rachel foi a próxima, e ela só se esforçou porque sua roupa de neve era muito apertada.

Chase ainda estava maravilhado com a transformação que a garota havia sofrido desde que estava presa a uma cadeira de rodas no aeroporto.

"Vá você", disse Tate, com a voz embargada e presa.

"De jeito nenhum. Não vou perder isso por nada."

Tate praguejou e avançou desajeitadamente. Ele estava muito inclinado para trás quando seus esquis entraram em contato com o tapete.

Enquanto ele tentava freneticamente alcançar a corda, Chase tentava sair do caminho, quase certo de que cairia e a levaria com ele.

A parte superior do corpo de Tate estava quase paralela ao chão quando sua mão tateante finalmente conseguiu prender a corda. Então, usando força pura e proferindo uma série de xingamentos que deixaram Chase grato pelo fato de as encostas estarem quase vazias, Tate se ergueu.

Ela estava com um sorriso de orelha a orelha quando finalmente deslizou para o tapete.

Não era tão fácil quanto as garotas faziam parecer, mas também não era tão incômodo quanto Tate fazia parecer.

Mesmo alguém com pouca experiência como ela, Chase conseguiu.

As vistas oferecidas assim que eles se elevaram acima do enorme chalé eram incríveis. Os picos das montanhas cobertas de neve, ainda estranhamente brilhantes contra o céu escuro, cercavam perfeitamente o resort.

Chase estava tão encantada com a paisagem que quase perdeu a deixa para desembarcar. Ela também não teve a chance de ver Tate inevitavelmente lutando com a mesma tarefa.

Ela encontrou sua família no topo da colina dos coelhos.

"Essa colina é minúscula", resmungou Georgina.

Chase olhou para a encosta. Não era enorme - talvez uns cem metros de comprimento em um ângulo de aproximadamente trinta e cinco graus - mas tinha algumas saliências.

"Você está brincando comigo?" Tate ofegou. "Isso é loucura. Isso é loucura."

Chase deu uma risadinha para si mesma.

Estava longe de ser uma loucura.

"Não sei se isso é verdade", disse Tate.

"Pai, vamos lá - é a menor colina de todo o lugar. Você pode fazer isso. Você consegue."

"Apenas observe o que eu faço", disse Georgina.

Chase ficou impressionada com a confiança de sua sobrinha. Ainda mais quando ela saiu em disparada, usando os bastões para ganhar velocidade na seção superior relativamente plana.

Georgina, então, começou a se movimentar para frente e para trás. Ela deve ter decidido que isso era desnecessário, porque, depois de apenas algumas voltas, a garota dobrou os joelhos, enfiou os bastões sob as axilas e bombardeou a colina.

"Assim mesmo, não é?" Tate sussurrou, balançando a cabeça.

"Assim mesmo", repetiu Rachel, radiante. "É a minha vez."

"Eu não sei, Rach. Não sei - Rach? *Rach!*"

Tate cometeu o erro de tentar pegar a ridícula roupa de neve de sua filha. Ele errou, mas isso fez com que ele começasse a se mover.

Mover-se e não conseguir parar.

Ao contrário de Georgina, e agora de Rachel, Tate não tinha ideia de como esculpir.

"Merda", disse Chase, e então ela também se foi. O ar frio a atingiu no rosto, ardendo em seus olhos e bochechas.

No início, ela ganhou de Tate, mas, preocupado por estar indo rápido demais, Chase tentou virar.

Seus esquis rangeram e, por um momento, ela pensou que fosse cair. Pressionando as pernas para baixo, ela lentamente recuperou o controle. A curva seguinte foi mais graciosa. Depois da terceira, ela começou a relaxar e a se divertir.

Isso foi por água abaixo quando um grito a atingiu de baixo.

"Saia do meu caminho! Saia da minha frente, porra!" Ela reconheceu vagamente que era a voz de Tate, mas mal conseguia distinguir o contorno dele à sua frente.

Chase viu o que ela achava que era o marido tentando diminuir a velocidade ao enfiar os bastões na neve, o que se mostrou um erro.

Ele as perdeu imediatamente.

Chase se desviou para evitar os postes que se desviavam.

Ah, droga.

Mais abaixo, a visibilidade melhorou e Chase avistou Georgina e Rachel, que já haviam completado a corrida, paradas lado a lado na base.

"Pai? Pare!" Rachel gritou. "*Pare!*"

Mas isso estava fora do conjunto de habilidades de Tate.

As meninas saíram do caminho e Tate continuou andando. Apesar de o chão ter se aplainado, o homem ainda estava se movendo a uma velocidade tremenda em direção à loja profissional.

Uma visão passou diante dos olhos de Chase.

De Tate, paralisado, usando a cadeira de rodas que havia sido reservada para Rachel para se locomover.

Merda.

Chase estremeceu quando Tate chegou a menos de vinte... agora quinze... metros da parede da loja profissional.

Ele tentou parar, tentou virar os esquis para o lado, mas as pontas se cruzaram. Suas amarras se soltaram e ele foi arremessado para frente.

Em seguida, Tate começou a rolar, coletando neve como um personagem de desenho animado de sábado de manhã.

Com a mandíbula cerrada, Chase continuou a pressionar, antecipando uma batida forte.

Mas, por algum milagre, a bola de neve que era seu marido parou a apenas 30 centímetros da loja profissional.

Chase passou pelas moças e conseguiu, com facilidade, parar bem ao lado de Tate.

"Tate?", disse ela. "Tate, você está bem?"

Ele estava deitado de bruços na neve, com os braços e as pernas abertos como um anjo de neve invertido.

"Tate!"

"Pai?"

Chase o cutucou com uma vara.

Quando nada aconteceu, ela largou o bastão e estava prestes a se ajoelhar e rolá-lo, quando Tate gemeu e fez isso sozinho.

"Odeio esqui", disse ele. Havia neve cobrindo seu rosto, cobrindo seu bigode, seus cílios, tudo. "Eu odeio esqui, porra."

Todos caíram em uma gargalhada nervosa.

Capítulo 12

Georgina foi a pessoa que mais riu do infortúnio de Tate. O homem estava ileso, a menos, é claro, que você contasse seu orgulho, que estava mais quebrado do que machucado.

Chase o ajudou a tirar a neve do rosto.

"Nossa, estou muito feliz por termos aterrissado em Denver", disse ele. "Estou muito feliz por ter ido para as pistas".

"Você já terminou?" perguntou Rachel. "Depois de uma corrida?"

Os olhos de Tate se arregalaram e ele olhou para baixo, para sua roupa coberta de neve, e depois de volta para a colina. Seus bastões ainda estavam a uns bons trinta metros de altura.

"Eu *terminei*", disse ele com finalidade.

"Pai, vamos lá", reclamou Rachel.

"Já terminei, Rachel. Prometi ir esquiar, e fui."

"Eu não chamaria o que você fez de esquiar", ironizou Chase.

Tate lhe lançou um olhar furioso e ela levantou as varas para o lado.

"Tudo bem, tanto faz. Mas vou continuar esquiando", disse Rachel.

"Eu também", acrescentou Georgina. "Deveríamos experimentar algumas das colinas maiores."

Chase, que estava rindo para si mesma, agora franziu a testa.

"Tudo bem", disse Tate, percebendo a mudança em seu rosto. "Apenas fique longe dos diamantes negros duplos e dos moguls." Ele pensou no assunto. "*Definitivamente*, fique longe dos moguls."

"Tenham cuidado, meninas. Nós as encontraremos no bar quando terminarem", disse Chase. Ela manteve seus olhos fixos em Georgina, certificando-se de que ela havia entendido. "Você ouviu o que Tate disse. Nada de moguls e nada de diamante negro."

"Sim, claro", disse Georgina com desdém. "Vamos lá, Rachel. Vamos embora."

Os dois saíram esquiando, parecendo profissionais, e quando se foram, Chase ajudou Tate a se levantar.

Em seguida, ela deu um passo em Y para subir a colina e pegar as varas.

"Você pode continuar esquiando também, se quiser", disse Tate quando ela voltou.

"Não, está tudo bem." Chase não se importaria de fazer mais algumas corridas, mas haveria tempo para isso mais tarde. "Venha, vamos tomar um drinque."

"Então, você quer me contar a história?" Chase perguntou enquanto tomava sua cerveja.

"Que história?" disse Tate, tomando um gole de sua própria bebida. Ele fez uma careta quando o líquido desceu.

"A história sobre por que você tem esse medo arraigado das encostas."

Take deu de ombros e ficou olhando para as grandes janelas que ocupavam toda a parede do bar do segundo andar. A neve havia começado a cair, com belos e grossos flocos que aumentavam a vista pitoresca.

"Você viu o que aconteceu comigo lá fora. Eu odeio esquiar."

"Tem certeza de que não há nenhuma história por trás disso?"

Take deu de ombros novamente.

"Como eu lhe disse antes, fui esquiar uma vez quando era criança e quase quebrei as duas pernas."

"Você quase quebrou a lateral do prédio hoje", disse Chase, tentando aliviar o clima.

Não funcionou.

"Muito engraçado. Sabe, não foi exatamente assim que imaginei nossa lua de mel."

Chase tomou outro drinque.

"Eu também não", ela respondeu honestamente. "Mas, ei, você viu a cara da Georgina e da Rachel? Elas adoram este lugar."

"Sim, acho que sim."

"Tate..."

"Sim, você está certo. Você está certo." Ele fez uma pausa. "Eu só quero ter certeza de que você se divertiu no casamento e na lua de mel, sabe?"

Chase mordeu a língua.

Ela estava prestes a dizer algo rude, mas o olhar dele a convenceu do contrário. Afinal, Tate ainda era um homem.

E eles sempre foram apenas crianças grandes. Crianças grandes e sensíveis.

"Isso é muito... chauvinista de sua parte", disse ela, incapaz de se conter completamente.

"Eu estava pensando mais em cavalheirismo do que em qualquer outra coisa."

"Tate, eu não sou uma daquelas garotas princesas. Não me entenda mal, gostei do casamento, mas não precisava me arrumar toda e desfilar como uma debutante. Ver todo mundo foi bom". *Principalmente*, pensou ela, lembrando-se de suas interações bizarras com Beckett 'Don Keedic' Campbell, Suzan 'Amanda Lick' Cuthbert e o ignominioso Damien Drake. "Mas eu teria ficado bem se fôssemos só nós quatro."

Chase temia que suas palavras fossem ferir o homem, já que Tate e suas duas filhas haviam feito a maior parte do trabalho braçal para o

casamento. Mas não fizeram.

"Sim, eu também." Tate rolou o copo sobre a mesa. "Por falar em amigos, você teve alguma notícia do Linus? Ele não estava no casamento."

Chase franziu a testa.

Ele *não estava* lá. Eles haviam lhe enviado um convite, é claro, mas ela não conseguia se lembrar se o homem havia respondido.

Depois do tiroteio na WCI, Tate e Chase tiraram duas semanas de folga para ficar com seus filhos. Os dois também participaram de sessões psiquiátricas obrigatórias, além das que Chase participou com Georgina.

Linus, por outro lado, havia tirado uma licença por tempo indeterminado.

Depois de perceber que Georgina estava bem - tão bem quanto alguém poderia estar depois de quase ter sido morta e ter tirado a vida do culpado -, ela procurou Linus.

Ele nunca respondeu.

Chase sabia que Tate também havia tentado entrar em contato com o homem, mas não teve sucesso.

Linus não era como eles. Ele podia ser um diretor do FBI, mas não era um agente de campo. Ele não via em primeira mão as coisas que eles faziam, geralmente estava à distância da violência que havia se tornado uma parte inextricável de suas vidas.

"Deveríamos realmente fazer uma visita a ele quando voltarmos", disse ela, quase solenemente.

"Sim, já deveria ter sido feito há muito tempo."

Ficaram sentados em silêncio por um momento, bebendo suas cervejas e olhando para a neve lá fora, que começava a cair mais forte a cada momento. Chase avistou Rachel nas encostas - era difícil não notá-la em sua roupa ridícula. A garota estava descendo uma das colinas maiores, esculpindo para frente e para trás com a graça de um esquiador de slalom. Atrás dela estava Georgina, movendo-se um pouco mais devagar, mas com a mesma facilidade.

"Acho que a Rach pode ter encontrado sua vocação", disse Tate. "Quem diria que uma garota que conseguia sair da cama sozinha há alguns anos seria uma futura esquiadora olímpica."

"Eu não iria tão longe. Mas parece que ela está se divertindo muito."

"Isso faz com que um de nós seja", disse Tate, ainda um pouco amargurado com sua queda.

Só que, quando Chase riu disso, imaginando sua expressão gelada quando ele se virou de costas sem fôlego, Tate também se juntou a ele.

Capítulo 13

"Não tenho tanta certeza sobre essa, Rachel", disse Georgina enquanto olhava para a colina. Ela estava marcada como um único diamante negro, o que, tecnicamente, não estava fora dos limites, mas tinha uma grande crista perto do meio que era preocupante. Ela não conseguia enxergar além dela e estava preocupada com o fato de que ela escondia uma queda abrupta.

"Vai dar tudo certo, basta se mover de um lado para o outro como antes. Vá devagar, com calma. Você vai se sair bem."

Georgina hesitou.

Por mais que ela estivesse gostando de esquiar, a neve estava começando a soprar para os lados, reduzindo drasticamente a visibilidade.

"Georgina, vamos lá, vamos embora. Apenas me siga, ok?"

E então, antes que ela pudesse reclamar mais, Rachel partiu.

Georgina olhou ao redor. Não havia mais ninguém no topo da colina - eles só haviam encontrado um punhado de esquiadores no total - e ela pensou em atacar a encosta menor à sua esquerda.

Mas se ela fizesse isso, nunca mais ouviria o fim da história.

Segurando seus bastões com força, Georgina seguiu relutantemente atrás de sua meia-irmã. A neve fresca retardou um pouco sua descida, pelo que ela ficou grata. Ela percorreu os primeiros trinta segundos sem problemas, evitando as áreas onde a neve era mais fina e, portanto, mais provável de estar gelada.

Em seguida, ela entrou em um ritmo, passando a descer em um ritmo controlável.

Tudo estava bem até que Georgina chegou ao topo da montanha. Então ela entrou em pânico. Não só a queda era ainda mais íngreme do que o esperado, mas também estava coberta de gelo.

Ela tentou parar, mas estava muito escorregadio para virar. Georgina disparou para frente e depois ganhou ar.

"Merda!"

Seus joelhos quase dobraram ao aterrissar, e ela balançou para frente e para trás como um motociclista à beira de uma queda de velocidade.

No entanto, até mesmo isso teria sido possível. Mas com sua incrível velocidade, a neve que caía era como uma parede.

Ela não viu nada.

Ela *sentiu* um pânico extremo.

Não era como se Tate estivesse rolando lentamente para a lateral da loja profissional. Foi como explodir com o impacto.

"Cuidado!" Alguém gritou e Georgina gritou.

Emergindo da neve, havia duas pessoas com roupas coloridas. Uma

era alta, a outra era baixa.

E, por algum motivo, eles pararam a uma boa distância da base da colina.

Georgina sabia que estava em apuros. A superfície estava muito escorregadia para tentar pisar fundo nos freios, então ela fez a única coisa que podia: deslizou.

Ela quase conseguiu.

Ela quase se livrou do grupo, mas, no último segundo, o calcanhar de seu esqui direito atingiu o dedo do pé de um dos esquiadores parados, que Georgina percebeu agora ser uma garota mais ou menos da sua idade. Se ela tivesse atingido o tornozelo da garota, não havia dúvida de que ele teria se partido em dois.

Mais uma vez, Georgina estava no ar, com suas amarras sendo liberadas em pleno voo.

Isso é turbulência de verdade, pensou ela inexplicavelmente.

Suas mãos atingiram a neve primeiro, fazendo com que a dor subisse pelos pulsos até os cotovelos.

Seu peito, em segundo lugar.

Ela perdeu o ar e começou a rolar.

O resultado não foi tão ruim quanto poderia ter sido. A neve densa e pulverulenta reduziu significativamente seu impulso, fazendo com que ela parasse completamente a uma distância de menos de seis metros.

E então Georgina ficou deitada, assim como Tate, enquanto fazia uma avaliação interna de seus ferimentos.

Seus braços doíam e seus pulmões gritavam, mas nada parecia quebrado.

Pela primeira vez em sua vida, ela teve sorte.

"Você está bem?" A voz sem cabeça surgiu do nada.

Conseguindo respirar novamente, Georgina se forçou a ficar de quatro.

Era o mais alto dos dois idiotas que haviam parado a três quartos da descida de uma maldita colina de esqui de diamante negro.

A garota que havia gritado para ela olhar para fora apareceu ao seu lado.

"Estou... estou bem", disse ela, parecendo surpresa.

"O que é isso?" O homem se aproximou.

Georgina levantou a voz.

"Eu disse que estou bem. Eu... sinto muito."

O homem era jovem, mais ou menos da idade de Rachel. Tinha traços escuros.

"Não, eu sinto muito. Não deveríamos ter parado."

Não, droga.

"Eu só estou..."

"Você provavelmente deveria ficar com as colinas mais fáceis." A garota tinha uma aparência semelhante à do garoto de cabelos escuros, o que sugeria que eles eram irmãos. Ela também tinha uma expressão severa no rosto, com sobrancelhas escuras que encobriam seus olhos.

"Eu sei", disse Georgina, levantando-se sem jeito. "Eu não achei que fosse tão íngreme."

Maldita Rachel.

A garota franziu os lábios vermelhos, fez uma careta e, em seguida, seu irmão lhe deu uma cotovelada de leve na lateral.

"É melhor sairmos da colina, por via das dúvidas..."

Para o caso de outro maníaco vir em disparada.

O rugido de um motor cortou o vento, e Georgina viu um veículo de quatro rodas correndo em direção a eles. O veículo, que arrastava um trenó vermelho atrás de si, derrapou e parou ao lado deles.

"Alguém se machucou?", perguntou o homem, que Georgina reconheceu como o mesmo que havia levado a bagagem delas para o quarto, com um tom totalmente profissional.

"Não, não há ferimentos", Georgina conseguiu.

Ela viu a garota revirar os olhos e murmurar algo sobre a sorte de ninguém ter morrido.

"Bem, você não pode ficar nas encostas assim, a visibilidade é ruim." Ele olhou para Georgina. "Por que você não entra no trenó e eu a levo de volta para o chalé?"

A carranca da garota se transformou em um sorriso zombeteiro.

"Não, sério, não estou machucado."

Para provar esse ponto, Georgina deu dois passos para trás, subindo a colina, tentando localizar seus esquis na neve.

"Eu vou buscá-los", ofereceu o homem que ela quase matou.

Georgina ficou agradecida; andar com as botas era um pesadelo.

"Pegue os esquis dela", disse o cara do resgate de esqui, "enquanto você entra no trenó".

Georgina sentiu seu rosto ficar vermelho de vergonha. Havia também a possibilidade de que Chase a visse.

Se sua tia percebesse, os dias de esqui de Georgina quase certamente teriam acabado.

"Por favor, eu vou ficar..."

O homem estava inflexível agora.

"Entre no trenó. Por favor."

Georgina não viu outra alternativa. Ela evitou olhar para a garota enquanto se abaixava no trenó de plástico.

"Deite-se."

Ela obedeceu, sentindo-se como um cadáver em um caixão aberto.

O homem apertou o acelerador, e o veículo de quatro rodas desceu

lentamente a colina. Quando parou novamente, Georgina finalmente ouviu Rachel.

"Puta merda! O que aconteceu?" A neve havia obviamente, e felizmente, ocultado sua queda. Georgina se sentou. "Oh meu Deus, você está bem?"

"Estou bem."

Ela conseguiu se levantar.

"Eu nunca deveria ter feito você descer aquela colina."

"Não, não é nada demais."

Era, mas não havia motivo para fazer com que Rachel se sentisse pior do que já estava.

"Onde estão seus esquis? Seus bastões?"

"Eles..."

O homem e sua irmã apareceram, a primeira carregando todo o seu equipamento perdido debaixo de um braço. Ele estava sorrindo, enquanto a garota estava carrancuda.

"Acredito que sejam seus", disse ele com um falso sotaque inglês.

Georgina, sentindo seu rosto corar novamente, ou talvez fosse apenas uma queimadura de vento, pegou os itens dele.

"Então, eu tenho que preencher um relatório de incidente. Sei que você está hospedado no quarto 118. Só preciso de seu nome e..."

"Você tem que fazer isso?" Georgina perguntou ao guarda de esqui. "Minha tia... ela não me deixará esquiar pelo resto da viagem se você fizer isso." Quando o homem não mostrou nenhuma evidência de mudança de opinião, ela acrescentou desesperadamente: "Por favor. Não estou machucada - ninguém está machucado. Ficarei longe das pistas de diamante negro. Prometo."

O homem observou todos os quatro.

"Tudo bem. Mas vocês precisam ser mais cuidadosos."

"Eu o farei. E obrigado."

Com isso, o homem subiu novamente em seu veículo de quatro rodas e partiu.

Georgina deu um suspiro de alívio.

"A propósito, meu nome é Ben, e esta é minha irmã mais nova, Raven."

Ele disse isso para o benefício de Georgina e Rachel, mas era óbvio que ele só tinha olhos para uma delas.

Rachel também percebeu isso, pois começou a mexer em sua ridícula roupa de neve.

Ajudando Rachel a passar por esse interlúdio incômodo, Georgina falou.

"Eu sou Georgina, e esta é minha meia-irmã, Rachel."

Ben inclinou a cabeça.

"Eu ouvi você mencionar sua tia. Vocês estão aqui em uma viagem

de família?"

"Algo do gênero. Minha tia acabou de se casar com o pai da Rachel. Estamos na lua de mel deles."

Por mais que isso seja verdade, as palavras soam ridículas quando ditas em voz alta.

"Ok..."

"É uma longa história", disse Rachel, encontrando sua voz.

Raven, que não poderia parecer mais desinteressada nessa conversa se tentasse, tirou a luva com os dentes e, em seguida, retirou um telefone de um bolso com zíper.

"Ben, está ficando tarde. Prometemos à mamãe e ao papai que voltaríamos a tempo para o jantar."

Ben acenou com a cabeça.

"Sim, claro, só um segundo." Depois, para Rachel, ele disse: "Sabe, ficaremos aqui por mais alguns dias. Eu adoraria ouvir essa história".

"Talvez", respondeu Rachel, fazendo-se de tímida.

"Legal. Adeus, meninas", disse Ben, e Raven grunhiu. Os dois esquiamam para longe.

Quando eles se foram, Rachel tirou os esquis e as duas começaram a caminhar de volta para o chalé.

"Que diabos aconteceu?" perguntou Rachel.

"O que aconteceu foi que o rapaz estava flertando com você. Ele estava deitado no rizz *com força*."

Capítulo 14

A tempestade estava tão forte por volta das sete horas, quando se encontraram para jantar, que os quatro levaram uns bons vinte e cinco minutos para caminhar de suas cabanas até o chalé. A neve era espessa e se acumulava até os tornozelos.

Eles escolheram um dos dois restaurantes do chalé, um restaurante de carnes chamado *Bones & Brew*.

Todos estavam de bom humor, até mesmo Tate. Chase achava que a rapidinha depois das cervejas o tinha levado a mudar de ideia sobre o quanto ele queria sair de Silver Peaks.

O plano deles em Honolulu era aproveitar o que o site dizia ser o melhor bufê de todo o Havaí. No entanto, eles haviam levado na mala algumas roupas bonitas para o caso de sentirem necessidade de mudar de roupa e irem para a cidade.

Mas esse era um traje para o clima quente, e Chase se sentiu um pouco boba ao colocar a jaqueta, o chapéu e as luvas sobre um vestido de verão fino. A garçonete, uma mulher de meia-idade com cabelos de cor estranhamente parecida com a sua, não notou nada.

Eles se sentaram imediatamente, pois, apesar de ser horário nobre, o restaurante estava quase vazio.

Chase pediu um bife mal passado, acompanhado de batatas assadas e feijão verde. Ela e Tate pegaram mais cervejas, enquanto Rachel se absteve e Georgina pegou uma Sprite.

Eles conversaram um pouco sobre o dia, sobre esquiar, sobre como, às vezes, planos mal feitos podem resultar em uma diversão inesperada.

Chase notou que, quando Georgina pediu licença para ir ao banheiro, ela estava mancando um pouco, mas atribuiu isso ao fato de sua sobrinha estar dolorida por causa do esqui.

Na metade da refeição, ela viu Georgina cutucar Rachel subrepticiamente embaixo da mesa, e então seus olhos se desviaram para a esquerda.

Chase seguiu seus olhares até uma das poucas outras famílias que estavam jantando. Os pais estavam na casa dos quarenta e poucos anos. O homem usava óculos e tinha ombros curvados, enquanto a mulher, quase, mas não totalmente fora de seu alcance, era bonita e tinha cabelos loiros curtos. Eles tinham três filhos com eles, todos com cabelos escuros, quase pretos, claramente resultado de algum gene recessivo. O menino tinha a idade de Rachel e ainda estava crescendo em seu corpo magro. Ele tinha um ar de bobo. A garota, talvez um ano mais velha que Georgina, tinha uma expressão severa gravada no rosto. A mais nova do trio, talvez com sete ou oito anos de idade, era obviamente a desordeira do grupo. Ela atirou uma couve-de-bruxelas

no irmão e foi imediatamente repreendida pela mãe.

"Quem são eles?" Chase perguntou em voz baixa.

"Oh, apenas algumas pessoas que conhecemos nas encostas", disse Georgina, tentando passar um ar de desinteresse.

Mas o fato de Rachel não conseguir tirar os olhos do garoto sugeria que havia algo mais do que isso.

O Tate deve ter percebido isso também, pois disse: "Ei, o que aconteceu com o Billy? Você tinha permissão para levá-lo ao casamento, sabia?".

Rachel corou.

"Somos apenas amigos agora, pai".

"Sério? O que aconteceu?"

"Não *aconteceu* nada", respondeu Rachel em um tom que só os adolescentes parecem ser capazes de reunir. "Somos apenas amigos."

Chase sorriu. Talvez tenha sido a neve, talvez tenham sido os planos de lua de mel fracassados ou talvez tenha sido o comentário dela sobre o benefício da espontaneidade. Fosse o que fosse, de repente ela se viu prestes a fazer algo totalmente diferente de si mesma.

Chase se encorajou com um gole de cerveja e se levantou.

"O que está fazendo?" Georgina sibilou.

Chase a ignorou e foi até a outra mesa.

A jovem parou de jogar comida quando se aproximou.

"Oi, eu sou o Chase."

"Oi", disse a mulher, um pouco hesitante.

"Sei que é estranho", começou Chase, "mas tenho quase certeza de que sua família conheceu a nossa na pista de esqui".

"Eu não esquio", disse o homem.

Chase sorriu.

"Nem meu marido."

"Pai, encontramos Georgina e Rachel na colina de diamante negro."

Espero que não tenha sido um diamante preto duplo.

Ela sacudiu esse pensamento de sua cabeça.

"Sim, eles mencionaram isso. Não quero interromper sua refeição e fique à vontade para recusar, mas gostaríamos muito que vocês se juntassem a nós." Chase olhou em volta. "Não há muitos outros aqui".

"Obrigado, mas...", disse o homem, mas sua esposa, sorrindo docemente, o interrompeu.

"Tom, por que não nos juntamos a eles? Pode ser divertido."

"Lori..."

"Que tal isso? Depois que vocês terminarem, por que não aparecem para tomar um drinque e comer a sobremesa?" ofereceu Chase, tentando dissipar um pouco do constrangimento da situação.

Isso pareceu ser mais do agrado de Tom, e o homem concordou.

"Mais uma vez, desculpe interromper."

Com isso, Chase voltou para sua mesa.

Ninguém disse nada por quinze segundos, e Chase se deleitou com o silêncio. Ela tomou um gole de sua cerveja e deu outra mordida no bife - estava cozido perfeitamente.

"O quê?", disse ela por fim.

As mesas estavam próximas o suficiente para que eles provavelmente tivessem ouvido sua conversa com Lori e Tom.

"Quem é você?" disse Georgina, semicerrando os olhos.

"O que você quer dizer com isso?"

"O que você fez com o Chase?" perguntou Tate, inclinando-se para a piada.

"Ah, vá se foder", disse Chase em voz baixa. A maldição arrancou uma risada de Georgina. "Eu só perguntei se eles queriam se juntar a nós para um drinque e uma sobremesa. Não é como se eu tivesse lhes dado os códigos de lançamento nuclear."

Apesar de seu comentário, ela entendeu o ponto de vista deles. Talvez o casamento a tivesse mudado. Talvez ela pudesse ser outra pessoa.

Alguém sociável, alguém que gostava de ter uma vida privada.

Ou talvez ela estivesse apenas sentindo os efeitos do álcool.

A outra família chegou no momento em que Chase estava pedindo um pedaço de cheesecake - outro desvio chocante da norma.

Ela não era uma garota de sobremesa, nunca foi.

Tom contou que eles estavam aqui porque ele tinha um desempenho excelente em uma grande empresa de consultoria em Denver. Sua recompensa eram férias pagas em qualquer lugar do estado do Colorado, e a filha do meio disse que Silver Peaks tinha sido sua escolha. Lori, por outro lado, era uma esposa que ficava em casa e apresentou seus filhos como Ben, Raven e Eva, a garotinha.

Depois que Georgina e Rachel disseram seus nomes, foi a vez de Chase e Tate. Sem sequer um olhar de lado, os dois inventaram empregos falsos. As pessoas tendiam a se sentir desconfortáveis na companhia de policiais e isso só aumentava quando se tratava de agentes do FBI.

Chase disse que era secretária jurídica, enquanto Tate, sempre muito modesto, disse a esses recém-chegados que era um empresário bem-sucedido - enfatizando a palavra -.

Ele afirmou estar desenvolvendo um aplicativo de corrida revolucionário, entre todas as coisas.

Chase quase cuspiu sua cerveja quando ele disse isso.

Tate odiava correr.

Todas as manhãs, ela o obrigava a se levantar e calçar os sapatos.

Georgina e Rachel acompanharam o jogo.

Depois de conversar e saborear suas bebidas e sobremesas, Tate sugeriu que os adultos ficassem em uma mesa e as crianças na outra.

Todos concordaram.

Foi quando as coisas começaram a desandar.

Tom e Lori eram pessoas incrivelmente chatas. *Dolorosamente* entediadas.

Tate estava se esforçando, mas Chase não se importava muito. O tédio era bom para pessoas em sua linha de trabalho - como agentes do FBI e não empreendedores de fitness e secretários jurídicos.

Após cerca de meia hora, Tom bocejou dramaticamente e verificou seu telefone.

Lori percebeu essa demonstração não tão sutil.

"Acho que vamos dormir por esta noite.

"Claro, talvez a gente se veja amanhã?" disse Chase.

"Provavelmente", disse Tom com um aceno de cabeça. "Este lugar está bem morto. Acho que a maioria das pessoas ficou longe por causa da tempestade."

"Foi um prazer conhecê-los."

"O mesmo."

Todos eles se moveram para reunir seus filhos. Georgina percebeu a aproximação deles e tentou indicar sutilmente para que Chase continuasse andando.

Tate não percebeu isso.

"Georgina? Rachel? Estamos fazendo as malas."

"Podemos ficar aqui mais um pouco? Ainda é cedo", perguntou Rachel.

Chase sentiu seu antigo e protetor eu voltar.

"É..."

"Não vejo nenhum problema nisso", disse Tate. "Você?"

Chase se mexeu desconfortavelmente.

Aparentemente, a capacidade do homem de perceber pistas também estava de férias.

"Por favor?" Georgina implorou.

"Tudo bem, mas volte para o seu quarto às onze horas".

Eram as férias deles também.

Georgina sorriu.

"Obrigado."

"Pai?" disse Ben.

Tom deu de ombros.

"Não me importo. Mas Eva, você virá conosco."

"Mas..."

"Mas não, querida", disse Lori. "Vamos lá, vamos embora."

Tom, Lori e Eva saíram, enquanto Chase e Tate ficaram para trás e se esforçaram para vestir suas roupas de inverno.

"Seja bom", disse Chase ao se despedir.

O tempo lá fora havia piorado mais uma vez. A neve era como uma parede.

Tate deu uma olhada nas portas da frente e balançou a cabeça.

"De jeito nenhum."

O concierge chamou um carregador de malas. Era o mesmo de antes, só que agora ele estava usando uma roupa de resgate de esqui.

Chase comentou sobre isso e sorriu timidamente.

"Todos nós fazemos muitos trabalhos por aqui. Alguns deles são mais glamourosos do que outros, mas todos têm um propósito. A propósito, meu nome é Donnie".

Ele os levou até a cabine presidencial, o que levou mais tempo do que a caminhada até o chalé.

Chase foi forçada a abaixar a cabeça para evitar o impacto do vento e da neve.

Pelo menos alguém tinha limpado a varanda da frente, talvez Donnie, e Chase ficou perto do novo marido enquanto ele colocava a chave na fechadura.

Eles entraram e fecharam a porta atrás de si.

Além de alguém ter limpado a pá, havia um pequeno fogo aceso na lareira.

Estava quente e Tate começou imediatamente a tirar a roupa.

"Sério, o que deu em você, Chase?", perguntou ele quando ficou só de cueca.

"O quê? Não posso ser amigável?"

Antes que percebesse, ela estava no centro da sala apenas com o sutiã e a roupa íntima.

"Acho que gosto dessa novidade, Chase", disse Tate. "Agora, venha até aqui. Vou lhe mostrar como é amigável."

Capítulo 15

"Eu estudo na Virginia Tech. Sou caloura", disse Rachel.

Ben passou a mão pelos cabelos.

"Estou tirando um ano de férias para explorar. Meus pais não gostam disso, mas não têm escolha. Afinal de contas, tenho 21 anos."

Raven revirou os olhos e sussurrou para Georgina: "É mais como se ele não tivesse entrado por causa das notas ruins. E ele não tem vinte e um anos, ele só tem vinte anos".

Georgina soltou uma risadinha, o que provocou a ira de Rachel.

Sua meia-irmã lhe confidenciou que havia cortado relações com Billy porque ele constantemente lhe perguntava o que realmente havia acontecido na WCI. Sentindo-se culpada, Georgina insistiu que isso era normal, que não era algo pelo qual eles deveriam terminar o relacionamento.

Mas Rachel tinha sido inflexível - Georgina vinha em primeiro lugar. Assim, Georgina decidiu dar um desconto para Rachel por estar interessada em Ben, que parecia ser mais do que um pouco idiota.

Ela devia isso a ela.

"Ei, em que escola você estuda?" Georgina perguntou a Raven enquanto Ben continuava a se gabar do que estava fazendo em seu ano de folga. O que, ela percebeu rapidamente, não significava praticamente nada.

"Nós moramos aqui em Denver - eu frequento a Lakeshore High. E você?"

Georgina se contorceu.

"Eu costumava ir à WCI na Virgínia, mas..."

Os olhos de Raven se iluminaram... um pouco. O olhar severo da garota era difícil de decifrar.

"WCI? A escola onde houve aquele tiroteio no ano passado?"

Georgina não sabia o que dizer.

"Eu ouvi falar sobre isso; estava em todos os noticiários. Você conhecia o garoto que levou a arma para a escola? Tommy, alguma coisa?"

Georgina empurrou o último pedaço de brownie em seu prato.

"Oh, merda." A expressão de Raven voltou à sua cara de cadela em repouso. "Eu sinto muito. Deve ter sido aterrorizante."

Georgina engoliu com força, forçando a memória. O Dr. Matteo a havia alertado sobre isso, que as pessoas eram naturalmente curiosas sobre esse tipo de coisa - basta ver a popularidade dos podcasts sobre crimes reais e dos documentários da Netflix - e que não teriam vergonha de fazer perguntas. Ele havia lhe dado dicas e truques para desviar essas perguntas, mas Georgina não esperava ter de usá-los tão cedo.

Ou com alguém de quem ela estava realmente começando a gostar.

"Foi... foi muito louco."

"Aposto que sim."

"Ei, você sabe o que estamos perdendo?" disse Ben, apoiando os cotovelos na mesa.

"O que é isso?" perguntou Rachel. Ela estava ansiosa - muito ansiosa.

"Dois drinques. Você quer?"

"Claro, vou querer um refrigerante de vodca", disse Rachel.

"Ben, você ainda não tem nem 21 anos", disse Raven.

Ben fez uma careta para a irmã.

"Claro que sim." Na verdade, ele deu uma piscadela para Rachel.

"Perto o suficiente, de qualquer forma. Faço aniversário daqui a um mês."

"Dois meses", corrigiu Raven.

"Tanto faz."

"Se mamãe e papai..."

"Mamãe e papai não estão aqui. Pare de ser tão idiota."

Raven se inclinou para a frente para igualar a pose do irmão.

"Está bem. Então quero um refrigerante de vodca também".

"Sim, certo."

"Estou falando sério. Você me traz um refrigerante de vodca ou eu..."

Ben suspirou.

"Tudo bem. E você, Georgina? Você quer alguma coisa?"

Georgina não bebia. Claro, ela havia tomado dois coquetéis no casamento, mas isso foi apenas para agradar Rachel. E eles a deixaram maluca.

Ela não gostava da ideia de perder o controle.

Raven tocou seu braço.

"Ela também vai querer um refrigerante de vodca."

Ben olhou para a irmã enquanto se levantava.

"Veja-o ser rejeitado", disse Raven com mais uma de suas risadas de escárnio.

Ele não fez isso.

Ben voltou alguns minutos depois, com quatro vodcas na mão. Ele passou uma para Rachel e outra para Georgina, depois deslizou a de Raven para o outro lado da mesa.

Era forte. Um gole e tudo o que Georgina sentiu foi o gosto de álcool.

Rachel entrou na dela e, em poucos minutos, sua conversa particular com Ben fez com que os dois rissem.

Raven não conseguia parar de revirar os olhos.

"Ei, você quer sair daqui? Dar uma volta?"

Georgina sentiu as maçãs de suas bochechas se contraírem.

"Claro."

Eles saíram da cabine e Raven disse ao irmão que eles estavam saindo um pouco.

"Não vá para longe, a mamãe vai ter um ataque cardíaco se você se perder na nevasca".

"Tanto faz."

"Você quer que eu vá com você?" Rachel perguntou a Georgina.

"Não, tudo bem. Mas vou esperar por você antes de voltar".

"Está bem."

Georgina pegou sua bebida antes de perceber que Raven estava saindo de mãos vazias.

"Você não quer seu refrigerante de vodka?"

"Não, não sou muito de beber. Só queria fazer o Ben pagar por isso."

Georgina, agora totalmente sorridente, colocou o copo de volta no chão.

Raven passou o braço pelo de Georgina e as guiou para fora do restaurante. Não podia ser a bebida - forte ou não, ela só tinha tomado um gole -, mas Georgina se sentiu um pouco tonta.

Ela pensou em sua interação com Brandon Baxter, o imbecil que havia transformado sua vida em um inferno no WCI, tudo porque ele a havia rejeitado.

Essa sensação foi diferente.

O Bones & Brew ficava no segundo andar do chalé, e o caminho pelas escadas lhes dava uma visão clara das enormes janelas.

"Tem certeza de que quer ir *lá* fora?" perguntou Georgina. O tempo estava péssimo lá fora.

"Não, não é lá fora. Vamos lá, conheço um lugar diferente."

Raven a puxou por um corredor até uma saída de emergência. Havia uma placa vermelha na porta que informava que um alarme soaria se ela fosse aberta.

"Não se preocupe, isso não funciona."

Raven empurrou a porta, mas ela não se moveu.

"Dê-me uma mão."

Georgina se aproximou dela. O cabelo da garota tinha um cheiro doce.

Juntos, eles empurraram e a porta se abriu. O vento uivava e a neve batia no corredor escuro.

"Rápido!"

Eles saíram e a porta se fechou atrás deles.

Havia um banco à direita deles, provavelmente para os funcionários que faziam intervalos para fumar, que estava quase totalmente coberto de neve.

Raven limpou um pouco disso com a manga da jaqueta e indicou para Georgina se sentar ao seu lado.

Apesar do vento que havia lutado contra a porta de saída de emergência, havia algum abrigo aqui e a tempestade não era tão ruim quanto na frente.

Raven enfiou a mão no bolso e tirou um baseado. Ela o acendeu e exalou uma nuvem de fumaça pungente.

Ela o ofereceu a Georgina.

"Você quer um pouco?"

Georgina não gostava, mas gostava de Raven.

Ela pegou o baseado, apertou-o entre dois dedos e o levou aos lábios. Embora Georgina tenha inalado apenas uma pequena quantidade, ainda assim ela começou a tossir.

Raven não deu muita importância ao pegar o baseado de volta.

"Primeira vez?"

"Sim."

"Todo mundo fuma maconha aqui", disse Raven. "É como um rito de passagem, sabe?"

"Na Virgínia, isso..."

Raven baixou o baseado, inclinou-se e deu um beijo nos lábios de Georgina.

Pega no meio da frase e completamente de surpresa, Georgina recuou bruscamente.

"Ah, foi mal. Pensei que você..."

Georgina balançou a cabeça.

"Não, não é isso. É que..."

"Deixe-me adivinhar? É sua primeira vez nisso também?"

E foi.

Foi o primeiro beijo de Georgina.

Tinha sido desleixado e estranho, mas ela tinha gostado. Tanto que Georgina iniciou outra.

Seus lábios roçaram os de Raven, que eram macios e flexíveis.

No momento em que ela sentiu a boca da garota começar a se abrir, a porta se abriu atrás delas e elas se separaram rapidamente.

Rachel e Ben saíram, rindo como no andar de cima.

"Eu sabia que o encontraria aqui", disse Ben. Ele acenou com a mão para dissipar a fumaça que ainda pairava no ar. "E se você contar à mamãe sobre as bebidas, eu contarei a ela sobre isso."

Raven, despreocupadamente, arrancou a ponta queimada do baseado e colocou a parte não acesa de volta no bolso.

"Tanto faz."

Rachel foi menos crítica.

"Você está pronta para ir, Georgina?"

"Acho que sim." Ela não queria ir embora; ela queria beijar Raven

novamente. Mas o momento estava perdido.

Rachel olhou para o oeste, onde a cabana estava... em algum lugar.

"Vai ser um inferno tentar encontrar o caminho de volta", comentou ela.

"Nós o acompanharemos", ofereceu Ben.

"Não, tudo bem. Nós vamos..."

"Não, não é nada demais."

E eles conseguiram. Os quatro chegaram à cabana de Rachel e Georgina em pouco menos de meia hora.

"Aqui, você entra", sussurrou Rachel, com os dentes batendo. Ela entregou a chave a Georgina.

"Eu vou ver você de novo?", perguntou ela a Raven.

"Espero que sim."

"Eu também", disse Georgina.

Assim que Georgina entrou, ela viu Ben e Rachel se beijando.

"Que nojo", disse Raven, balançando a cabeça.

Naquela noite, Georgina adormeceu com um sorriso no rosto pela primeira vez desde o tiroteio.

Capítulo 16

Dessa vez, foi Chase quem acordou com o som de batidas.

Só que não era uma dor de cabeça. Era muito espesso, muito ressonante.

A cama inteira em que ela e Tate estavam dormindo parecia balançar.

Chase se levantou como um foguete, pegando imediatamente sua pistola de serviço que estava trancada no estojo embaixo da cama.

Parecia uma explosão.

Vários deles, de fato.

"Tate, acorde", disse ela.

Tate não se mexeu.

"Tate?"

"Chase?" Ele se virou e tirou o sono dos olhos. "O que está acontecendo?" Ao vê-la sacar a pistola de serviço, ele acordou instantaneamente.

"Ouvi uma explosão", disse Chase enquanto carregava sua arma. "Duas explosões. Quero dar uma olhada nas meninas. Você vem?"

Sem esperar por uma resposta, Chase começou a vestir algumas roupas e a pegar sua jaqueta. Quando se virou, viu Tate se esforçando para vestir uma calça jeans.

"Apreste-se."

Abrir a porta foi um desafio. A tempestade não havia cessado durante a noite e batia contra a estrutura de madeira.

Chase se preparou e puxou. A neve soprada a atingiu em cheio no rosto. O que caiu no chão derreteu instantaneamente.

"Merda", jurou Tate. Ele ainda estava pulando em um pé só tentando calçar as botas. "Parece que continuou nevando a noite toda."

Chase verificou seu telefone. Eram pouco antes das cinco da manhã. O sol ainda estava lutando para limpar a caldeira, e o céu estava da cor de leite velho.

Quem quer que tenha limpado a varanda da frente na noite passada ainda não havia feito isso hoje.

Chase encostou o queixo no peito e levantou a bota bem alto antes de colocá-la no chão novamente. A neve chegou quase até seu joelho.

Com a arma na cintura, ela seguiu em frente, caminhando em direção à cabana de Georgina e Rachel.

A janela da frente de sua cabana estava coberta de neve e ela tirou um pouco dela.

O interior era escuro e silencioso.

Chase tentou abrir a porta, mas quando a encontrou trancada, imediatamente começou a bater.

Enquanto esperava, seus olhos voltaram para a cadeia de

montanhas, tentando localizar de onde tinham vindo as explosões. Ao leste, ela viu uma nuvem gigante de neve subindo de uma série de picos distantes.

Que diabos está acontecendo? Uma avalanche?

Quando ninguém apareceu na porta e as luzes continuaram apagadas, Chase bateu ainda mais forte.

"É o Chase, abra a porta", ela gritou.

Finalmente, o movimento.

"Chase? Que horas são?" Georgina perguntou, sua voz seca e quebradiça.

"Georgina, abra a porta."

Pela janela, ela viu sua sobrinha se aproximar usando uma camisola.

A fechadura girou e, quando Georgina começou a abrir a porta, Chase a empurrou para dentro.

"O que é..." Georgina parou de falar quando viu a arma. Chase, percebendo o choque e o susto no rosto da garota, enfiou a arma embaixo do casaco e no cós da calça, na parte de trás.

"Você está me assustando."

Tate entrou em seguida.

"Ouvimos uma explosão, só queríamos ter certeza de que vocês estavam bem", disse Tate. Isso não era exatamente verdade; *Chase* tinha ouvido as explosões, enquanto Tate estava dormindo na hora.

"Uma explosão? Que tipo de explosão?"

"Não sei. Aconteceu há cerca de cinco minutos. Onde está a Rachel?"

"Dormindo."

Tate entrou na cabana, alheio à neve que havia trazido com ele. Ele foi até o quarto e empurrou a porta, que Georgina havia deixado entreaberta, até o fim.

"Você acha que é uma avalanche?" Georgina perguntou, seus olhos verdes se arregalaram.

"Não tenho certeza. Pode ser, eu acho. Mas me pareceu que..."

"Ela não está aqui", gritou Tate de repente. Ele colocou a cabeça para fora do quarto. Seu rosto estava tão branco quanto a neve lá fora.

"Rachel não está em sua cama!"

Capítulo 17

"Georgina, quero que você me conte exatamente o que aconteceu ontem à noite depois que saímos", exigiu Chase.

Georgina estava confusa, seu olhar se dirigia para o quarto. Ela não conseguia aceitar o fato de que Rachel não estava lá. Tate estava com o celular na mão e discava repetidamente o número da filha.

"A tempestade está bagunçando o sinal - não tenho nenhuma barra."

Georgina pegou seu celular e olhou para ele.

"Eu também não tenho."

Chase estalou os dedos na frente do rosto de sua sobrinha.

"Georgina, concentre-se. O que aconteceu depois que saímos do restaurante?"

Georgina limpou a garganta.

"Ficamos lá por cerca de meia hora", ela hesitou. "Depois voltamos para cá. Raven e Ben nos acompanharam até em casa. Juro que fomos para a cama na mesma hora. Rach estava na cama ao lado da minha. Eu *juro*."

"Você trancou a porta?"

"É claro."

"Você ouviu alguma coisa? Alguém invadindo a casa? Rachel saindo?"

Georgina balançou a cabeça dramaticamente e afastou os cachos alaranjados do rosto.

"Não, eu não ouvi nada."

Chase examinou o saguão. A cabine das meninas tinha apenas um terço do tamanho da deles.

"Onde está a chave?"

"O...?"

"A chave, Georgina. Onde está a chave de sua cabine?"

"Eu o coloquei na mesa perto da porta. Não está... não está lá."

Chase assentiu com a cabeça. Georgina poderia ficar chateada com esse fato, mas na verdade era um bom sinal. Ao contrário dos quartos de hotel normais, o Silver Peaks usava chaves de verdade e não do tipo digital. E as portas não se fechavam automaticamente atrás de você. No entanto, a porta estava trancada quando Chase bateu nela. Isso significava que ou alguém havia entrado e agarrado Rachel - o que era improvável, já que Georgina havia permanecido dormindo durante o ataque - e havia educadamente trancado a porta atrás de si, ou Rachel havia saído por conta própria.

E a trancou para manter Georgina em segurança.

"Onde diabos ela está?" disse Tate em voz alta, desistindo de tentar falar com a filha por telefone.

Os olhos de Chase continuaram a percorrer a sala.

"Acho que ela saiu por vontade própria."

"O que você quer dizer com isso?" Tate e Georgina perguntaram ao mesmo tempo.

"A jaqueta e as botas de Rachel estão faltando e quem pegou a chave trancou a porta."

Demorou um momento para que isso fosse registrado por Tate e, enquanto ele ainda estava em modo de pânico, Chase o viu respirar fundo.

"Ok, ótimo."

"Imagino que você não saiba em que cabana os dois que estavam com você ontem à noite estão hospedados?"

"Não, eles nunca nos contaram."

"Ok, vamos para o saguão e descobrir." Chase mudou de ideia. "Na verdade, você fica aqui, Georgina. Tranque a porta atrás de nós e não responda a menos que seja eu ou o Tate na porta. Você entendeu?"

Georgina ainda estava pálida.

"Sim."

"Diga."

"Vou trancar a porta atrás de vocês e não atenderei a menos que sejam vocês, Rachel."

"Ótimo." Chase olhou Tate nos olhos. "Vamos lá."

Chase não foi o único que acordou com o som das explosões.

Pouco depois das cinco da manhã, o saguão do resort estava mais movimentado do que ontem, no horário de pico do esquí.

Chase contou cerca de vinte convidados no total. Todos eles estavam confusos, perguntando em voz alta o que diabos estava acontecendo.

Com Tate ao seu lado, Chase passou por eles, ignorando seus olhares irritados, e foi direto para a recepção.

Na área de check-in estava a mesma concierge que havia dado as chaves a Chase ontem. A mulher estava conversando com um homem de bigode que usava um gorro listrado vermelho e branco.

"Que barulho foi esse? Parecia uma explosão?"

Chase o interrompeu.

"Olá."

"Desculpe-me", disse o Homem de Bigode. "Eu estava falando. Por que você não..."

Além de trazer sua arma, Chase também trazia consigo seu distintivo do FBI. Ela o retirou e o colocou sobre a mesa.

O homem viu a insígnia e imediatamente se calou.

"O que foi a explosão?" Chase perguntou ao concierge.

Atrás dela, Tate começou a perguntar a todos que quisessem ouvir se tinham visto sua filha.

"Foi... foi..." A concierge não conseguia tirar os olhos do distintivo do FBI. "Espere, você é... você é do FBI?"

"Sim. Qual foi a explosão?"

A mulher engoliu em seco.

"Foi uma explosão controlada. Com toda a neve pesada, o resgate de esqui achou que havia o risco de uma avalanche. Eles saíram cedo e montaram as cargas."

"Eles fizeram isso de propósito?" perguntou Chase, sem ter certeza de que havia entendido.

A mulher acenou com a cabeça freneticamente.

"Sim. Eles colocaram explosivos na neve e os detonaram, provocando uma mini avalanche no lado oposto, longe do resort. É... é um procedimento."

Chase se virou e viu Tate basicamente abordando um jovem casal, exigindo saber onde Rachel estava.

"Colocamos pôsteres", continuou o concierge, na defensiva. "E até colocamos um anúncio em todas as TVs do resort. Acho... acho que a maioria das pessoas não viu. Eu lhe asseguro que isso é totalmente normal".

Chase viu Lori e Tom. Raven e Eva estavam ao lado deles, mas não havia sinal do garoto mais velho.

Chase saiu da mesa e foi até eles. O homem de bigode voltou a reclamar, dizendo que aquilo assustava muito sua família e que eles deveriam ter um sistema melhor para avisar que *as bombas* iam explodir. Segundo ele, Silver Peaks precisava de um buzinaço como o que havia na Segunda Guerra Mundial.

"Chase? O que está acontecendo?"

"Onde está o Ben?" disse Chase, ignorando a pergunta de Tom.

Ele ficou com uma expressão de confusão.

"Ben?"

"Sim. Você viu o Ben ou a Rachel?"

"N-ão. Ele tem sua própria cabine. Batemos em sua porta, mas ele não respondeu."

"Que som foi esse?" Lori perguntou, com a voz estridente.

De repente, Raven se interessou pelo chão a seus pés.

Chase se agachou sobre suas coxas.

"Raven, você sabe onde está seu irmão?"

Raven balançou a cabeça e Chase, sabendo que, se algo sinistro estava acontecendo aqui, o tempo era o fator mais importante, estendeu a mão e agarrou o pulso da garota.

"Ei!" gritou Tom.

Chase mostrou seu crachá, que ela havia pegado na mesa do

concierge.

Por alguma razão, Lori ofegou audivelmente.

"FBI? Achei que você tinha dito que era um advogado..."

"Raven, por favor. Se você sabe de alguma coisa, me diga".

Raven bufou.

"O Ben disse que talvez saísse mais tarde para se encontrar com a Rachel. Mas eu estou na cabana dos meus pais e ele tem a dele, então... não sei".

Tate foi atraído pela cena e pegou o final da conversa.

"Em que cabine o Ben está?", perguntou ele.

Tom e Lori ainda estavam em choque e não responderam. Eva reclamou que estava com fome.

"Que cabine?" Tate perguntou novamente.

"124. Como eu disse, batemos em sua porta, mas ele não respondeu", disse Tom, encontrando sua voz. "Ele tem o sono pesado."

A pressão no saguão mudou repentinamente e todos os olhares se voltaram para as portas da frente. A neve espessa obscureceu os recém-chegados, mas quando ela se dissipou, Chase reconheceu um traje de neve familiar.

Tate correu para encontrar Ben e Rachel".

"Onde diabos você esteve?"

Rachel piscou os olhos, tirou o capuz da cabeça e olhou para Ben.

"Rachel, onde diabos você esteve?"

"Qual é o seu problema, pai? Eu estava com..."

Rachel foi repentinamente jogada para o lado quando uma mulher entrou correndo em Silver Peaks antes que um dos outros convidados pudesse fechar completamente a porta.

Tate estendeu a mão e estabilizou sua filha.

"Veja por onde você anda!"

A mulher não pareceu ouvir Tate. Ela simplesmente continuou a se mover em direção ao centro da sala.

Seu rosto estava branco, com as pálpebras abertas. Seu lábio inferior, que era da mesma cor pálida das bochechas, tremia violentamente.

"Meu bebê!", gritou ela. "Ela está lá fora - não consigo encontrar meu bebê!"

PARTE II - A tempestade

Capítulo 18

Convidados preocupados se reuniram ao redor da mulher perturbada e todos começaram a falar ao mesmo tempo.

"Droga!", praguejou Chase. Ela não conseguia nem chegar perto.

Bem, de qualquer forma, o gato está fora do saco.

Ela anunciou que Chase e Tate eram agentes do FBI e os mares se separaram.

Geralmente era assim durante os estágios iniciais de uma investigação, se é que era isso mesmo. As pessoas comuns não sabiam ao certo o que fazer, então adiavam a experiência. Eventualmente, se as coisas não andassem tão rápido quanto esperavam, condicionadas como estavam por programas de TV completamente irrealistas como Law and Order e CSI, elas começavam a se virar.

A reverência daria lugar à dissonância.

Mas, por enquanto, eles nem sequer questionaram por que o FBI estava em Silver Peaks, tamanho era o alívio deles.

Chase olhou nos olhos da mulher que havia chegado do frio. Ela estava apavorada, a ponto de hiperventilar.

"O que aconteceu?"

"Eu estava passeando com a Lily quando..."

As portas se abriram novamente e Chase, por mais que tentasse manter sua atenção voltada para a mulher desesperada, não conseguiu evitar que ela se voltasse para aquela direção, esperando que fosse a filha da mulher entrando.

Não foi.

Era Georgina.

Chase lançou um olhar mordaz para a sobrinha. Georgina, na ponta dos pés e olhando por cima das cabeças dos outros convidados, provavelmente procurando por Rachel, não percebeu.

"-Eu a perdi", continuou a mulher com um estremecimento, apesar do calor que vinha do fogo ardente na lareira. "Ela tem problemas para dormir e eu estava acordada de qualquer maneira, então eu disse: vamos dar uma volta. Estávamos fazendo anjos de neve, então ouvimos um estrondo e eu me levantei, sabe? Queria ver o que era... estava *muito* alto. Então, quando olhei para trás, Lily tinha simplesmente *desaparecido*. Havia tanta neve. Eu não conseguia encontrá-la! Procurei e procurei e chamei seu nome e... e..."

A mulher se desfez em lágrimas e Chase sentiu sua dor.

Ela sabia como era o desaparecimento de uma criança.

Mas não havia tempo para lamentações.

Chase disse à mulher para ficar quieta e correu até o concierge.

"Temos uma criança desaparecida lá fora", disse ela, com naturalidade. "Ela pode ter ficado presa na avalanche."

A concierge balançou a cabeça.

"Não, isso é impossível. A neve é sempre direcionada para o outro lado da montanha. Não há como isso acontecer..."

"Você precisa ligar para o resgate de esqui ou para quem quer que tenha colocado essas cargas. Diga a eles para começarem a procurar."

"Mas..."

"Faça isso", disse Chase com autoridade.

Isso estimulou a mulher a agir, e ela pegou um walkie-talkie embaixo do balcão de check-in. Enquanto falava, Chase se aproximou de Tate, que agora estava ao lado de Georgina.

"Achei que tinha dito para você ficar na cabine."

"Eu estava preocupado com a Rachel."

"E eu lhe disse para ficar..."

"O que temos?" perguntou Tate, vindo em socorro da garota.

Chase cerrou a mandíbula e se concentrou.

"Menina desaparecida - eles estavam fora durante a avalanche."

"Merda."

"Ainda não há barras em seu telefone?"

Tate deu o check rapidamente.

"Não. Nada."

"Certo, precisamos montar um grupo de busca. O concierge está entrando em contato com a patrulha de esqui."

Tate olhou pelas janelas de vidro na frente do chalé. A situação estava piorando lá fora; era apenas uma parede de branco.

"Precisamos agir rapidamente."

"Sim."

Chase encontrou uma cadeira abandonada perto da lareira e subiu nela.

"Ouçam", disse ela, levantando a voz. "Como mencionei antes, meu nome é Chase Adams e sou do FBI. Este é meu parceiro, Tate." Seu marido deu um passo à frente, juntando-se a ela. "As explosões que você ouviu esta manhã foram causadas por uma avalanche controlada, que foi planejada. Durante as explosões, uma jovem se afastou e se perdeu na neve."

A mãe da garota, assim como várias outras convidadas, arfou.

"Qual é o nome de sua filha?" perguntou Chase.

"Lily." Ela choramingou. "É a Lily. Eu tentei encontrá-la, mas não consegui ver nada."

Chase manteve o foco.

"Qual é a idade dela? O que ela estava vestindo?"

"Sete. Ela estava usando uma roupa rosa para neve. Uma faixa azul na barriga." Agora, a mulher soluçava.

Percebendo que o concierge havia terminado de falar no walkie-talkie, ela fez sinal para que se aproximasse. Abaixando a voz, Chase perguntou: "Eles estão procurando?"

"Sim. Eles... não viram ninguém lá fora."

Não é uma surpresa, dada a nevasca.

"É seguro sair?"

"O que você quer dizer com isso?"

"Quero dizer, vai haver uma avalanche?" perguntou Chase, incapaz de evitar que sua irritação se infiltrasse em sua voz.

"Não... *não*. Esse é o objetivo das explosões, para que não tenhamos..."

"Quantos walkie-talkies você tem?"

A mulher olhou para o objeto em sua mão de uma forma que sugeria que ela havia esquecido que o estava segurando.

"Quantos walkie-talkies?" Chase repetiu.

"Não sei. Talvez doze?"

"Quantos membros do resgate de esqui estão no local?"

"Agora mesmo?"

"*Sim*, agora mesmo."

"Seis, eu acho. Outro turno está previsto para esta tarde, mas com a neve..."

"Eles têm seus próprios brinquedos?"

"Sim."

Chase se endireitou e levantou a voz. As coisas geralmente se tornavam imprevisíveis quando civis estavam envolvidos em um caso, mas ela não tinha muita escolha.

Eles tiveram que agir rapidamente.

"Ouçam, preciso que duas dúzias de vocês ajudem a formar um grupo de busca. Vocês precisam trabalhar em duplas. Vocês receberão um walkie-talkie e quero que estejam em constante comunicação com -" ela olhou para o concierge. "Qual é o seu nome?"

"Meredith."

"Você precisará estar em constante comunicação com Meredith. Não há mais risco de outra avalanche, mas a neve pode ser desorientadora. A última coisa..."

"Eu faço isso", disse um homem corpulento com bigode em forma de guidão.

"Você precisa de um parceiro. Ninguém deve sair sozinho na neve."

"Eu vou com você", ofereceu outro homem.

Mais alguns convidados se ofereceram como voluntários. Eles começaram a vestir seus agasalhos.

"Eu também vou."

Dessa vez não era um homem, mas uma garota.

Era Georgina, e ela estava balançando a cabeça enfaticamente.

"Não", disse Chase sem rodeios.

"Eu quero ajudar. Quero ajudar a encontrar a Lily."

"Não", disse Chase novamente.

"Por que não? Eu posso..."

As portas da frente se abriram e a rajada de vento que entrou no chalé foi tão forte que quase derrubou Chase da cadeira. Tate colocou uma mão firme em sua perna.

Todos, inclusive Chase, esperavam ver a menina com a roupa de neve rosa.

Em vez disso, o garoto que os havia levado até a cabana entrou.

Ele bateu os pés, tirando a neve das botas, e então percebeu que todos estavam olhando para ele.

"Oi?"

Ele não tinha ideia do que estava acontecendo.

"Eu quero ir, Chase. *Por favor*", implorou Georgina.

"Não. De jeito nenhum." Mas Georgina tinha um traço de teimosia e já estava fechando o zíper do casaco. "Eu não quero que você vá lá fora, Georgina."

"Bem, não estou sentado aqui sem fazer nada."

Eles não tinham tempo para discutir. Cada segundo desperdiçado aumentava a probabilidade de Lily morrer de frio.

Mas Chase tinha que deixar a garota fazer alguma coisa. Georgina era como ela nesse aspecto. Uma fazedora.

Ela pegou o walkie-talkie das mãos de Meredith e a mulher soltou um pequeno suspiro.

"Quero que você fique encarregado de coordenar a equipe de busca. Você e Rachel. Trabalhe com Meredith."

Um segundo membro do resgate de esqui entrou no chalé e o homem, cuja barba estava cheia de neve, parecia estar ciente da situação e imediatamente assumiu o controle.

Ele viu o rosto cheio de lágrimas da mãe de Lily.

"Onde você estava andando quando viu sua filha pela última vez?"

"Perto de nossa cabana. Não fomos muito longe, mas a neve..."

"Em que cabine você está hospedado?"

"132", ela sussurrou.

O homem olhou para Chase.

"Isso fica no lado norte do chalé."

"Ótimo, então é por aí que começaremos a procurar."

Capítulo 19

Com a ajuda do chefe da patrulha de esqui, que se identificou como Gary Devers, a equipe de busca estava pronta para partir em poucos minutos.

Georgina e Rachel, auxiliadas pela concierge Meredith, de aparência atônita, estavam cuidando do forte no chalé. Elas haviam se instalado na sala de jantar, com um grande mapa do Silver Peaks Resort espalhado à sua frente. Eles deram a cada uma das doze duplas de pesquisadores uma área específica para procurar, centralizada atrás da cabana de Lily.

O Sr. Devers, que alegou ter mais de quinze anos de experiência em resgate de esqui, equipou todos os membros da equipe de busca com equipamentos especializados. O primeiro item, que ele considerava mais importante, era um colete vermelho grosso. Além de serem equipados com luzes circulares que piscavam quando ativadas e podiam ser vistas a quilômetros de distância em todas as direções, eles também tinham dispositivos de rastreamento de longo alcance costurados no tecido. Um estranho cordão de puxar pendia de um bolso do peito. O Sr. Devers enfatizou que ela só deveria ser puxada caso o usuário estivesse sendo enterrado sob a neve. Como os coletes salva-vidas disponíveis em todos os aviões comerciais, puxar essa corda faria com que o colete inflasse imediatamente. Isso criaria uma enorme bolsa de ar sob a neve, permitindo que o usuário respirasse enquanto a equipe de resgate o localizava e o retirava.

O segundo item eram bastões de fibra de carbono especializados que se estendiam telescopicamente e deveriam ser usados para perfurar a neve em busca de corpos. Eles tinham mais coletes do que bastões e, quando os bastões acabaram, o Sr. Devers lhes deu bastões de esqui normais para essa finalidade.

Embora ninguém tenha dito isso explicitamente, nenhum deles esperava que isso fosse necessário.

Cada grupo também recebeu walkie-talkies e foi instruído a fazer o check-in a cada quinze minutos, o que Georgina registraria em um caderno que Meredith havia fornecido. Gary mencionou raquetes de neve, mas Chase tomou a decisão executiva de não usá-las - levaria muito tempo para equipar todos.

"Usei o telefone via satélite e liguei para a polícia de Denver", informou o concierge a Chase. "Eles enviaram soldados, mas a neve está tornando a viagem quase impossível. Eles podem chegar aqui em uma hora ou em até oito horas."

"Oito?" Chase hesitou.

"Sim, eu sei", respondeu Meredith, com o rosto vermelho e exasperado. "Eu lhes contei sobre a garota, mas..."

"E quanto a um helicóptero?" Chase interrompeu.

O concierge suspirou.

"Eles disseram que o tempo está muito ruim. Não podem se arriscar a colocar um no ar até que a tempestade passe."

"E quando será isso?" perguntou Tate.

Uma rápida olhada nas janelas revelou que a tempestade não tinha a menor intenção de parar. Havia tanta neve que era impossível dizer se ela ainda estava caindo pesadamente ou se o vento uivante estava apenas soprando-a.

"Está bem. Ligue novamente para eles em trinta minutos", instruiu Chase. Meredith assentiu com a cabeça e se voltou para o parceiro. "Você está pronto?"

Tate levantou o lenço do pescoço e o colocou sobre o nariz e a boca.

"Na verdade, não, mas vamos fazer isso."

Chase olhou para Gary Devers.

"Vamos lá."

O homem, com a ajuda de dois outros membros corpulentos do grupo de busca, abriu as portas.

Antes mesmo de Chase sair de casa, ela sentiu um calafrio nos ossos. Ela achava que conhecia o frio, mas isso era algo diferente.

O resgate de esqui só tinha quatro veículos de quatro rodas à disposição e um snowmobile. Quando Chase questionou Gary sobre isso, ele explicou que dois outros veículos estavam na oficina e que o resort estava com metade da capacidade.

A maioria das equipes de busca se encaixou na traseira dos quatro veículos, que estavam sendo dirigidos por membros mais jovens do resgate de esqui, e se dirigiram para as áreas designadas.

Apenas Gary, Chase e Tate ficaram para trás.

"Com esse clima, eles levarão pelo menos quinze minutos para chegar à cabine 132 e voltar", disse o homem. A neve em sua barba havia derretido durante o tempo em que ficou no chalé, mas segundos depois de sair, ela estava branca como o Papai Noel novamente.

"Quais são as chances de encontrá-la?" perguntou Chase. Ela teve que gritar por cima do assobio do vento.

O homem não hesitou.

"Nesse clima, um adulto que esteja completamente vestido pode ter de duas a três horas. Uma criança pequena, no entanto? Uma."

Uma hora.

Chase fez alguns cálculos aproximados em sua mente, supondo que a mãe de Lily procurou por ela por pelo menos dez minutos antes de chegar ao chalé, o que provavelmente representava uma viagem de vinte minutos.

Depois que Chase assumiu o controle, ela se moveu rapidamente e,

com a ajuda de Gary, eles estavam de pé e fora de casa em cerca de dez minutos.

Isso os colocou em um tempo conservador de 37 minutos. Mais outros oito para dirigir na neve de volta à cabana.

Isso os deixou com quinze minutos de sobra.

Não parecia bom.

"Há alguma chance de que ela tenha ficado presa na avalanche?" perguntou Tate.

Gary foi enfático.

"Não. Toda a neve foi direcionada para a parte de trás da montanha. Mesmo a neve que foi lançada no ar pelos explosivos não chegou nem perto das cabanas."

Isso, pelo menos, era uma boa notícia. Se Lily tivesse sido enterrada, certamente já estaria morta.

O primeiro veículo de quatro rodas voltou mais rápido do que Gary havia previsto - nove minutos em ponto.

"Vou dar uma volta no chalé com o snowmobile", disse o homem enquanto Tate e Chase entravam no veículo, que estava sendo dirigido pelo mesmo jovem que os havia recebido na chegada. "A visibilidade é muito ruim, mas se a garota viu alguma coisa, provavelmente foi a fumaça da chaminé do chalé."

Embora as laterais do veículo estivessem abertas, a frente tinha um para-brisa dobrável que Donnie havia levantado. O homem havia puxado o capuz da jaqueta sobre a cabeça, e a franja peluda estava coberta de neve.

Chase se abaixou atrás dela para se proteger do impacto da tempestade, e o vento a golpeava incessantemente.

Gary estava errado em outra coisa além do tempo para chegar à cabine 132; a visibilidade não era ruim, era efetivamente zero. Como Donnie conseguiu navegar em uma parede de branco era um mistério.

Evidentemente, ele estava se esforçando ao máximo para seguir os rastros que os pneus grossos do veículo já haviam feito na neve, mas ainda assim era lento.

Era como dirigir uma bicicleta de estrada na areia e na lama.

"É aqui", gritou Donnie, parando em frente a uma cabana que eles só viam quando estavam a poucos metros dela. "Cabine 132."

Chase e Tate saltaram e foram recebidos por uma rajada de vento gelado em seus rostos. Cachecóis emprestados cobriam tudo, dos olhos para baixo, mas mesmo essa pequena quantidade de carne exposta começou a arder instantaneamente. Em segundos, Chase sentiu seus cílios começarem a congelar.

A seção deles ficava a oeste da cabana, e eles se espalharam a pé.

Chase logo percebeu que optar por não usar raquetes de neve foi um erro. A neve estava na altura da canela e ficava mais alta a cada

segundo.

As varas projetadas para procurar corpos foram rapidamente reaproveitadas para se locomoverem, mas, mesmo com elas, o progresso era agonizantemente lento.

Chase parou para recuperar o fôlego e colocou as mãos enluvadas em volta da boca.

"Lily! Lily!" Foi inútil - o vento engoliu suas palavras no momento em que elas saíram de sua boca. Ainda assim, temendo que toda essa busca fosse igualmente ineficaz, Chase sentiu a necessidade de fazer alguma coisa enquanto seguia em frente. Ela continuou gritando enquanto se movia.

"Lily!"

A condensação de sua respiração difícil umedeceu o cachecol, que congelou instantaneamente. O material áspero arranhou seu nariz e seus lábios.

"Que droga", murmurou Chase. "Tate, isso é..."

Ela se virou para olhar por cima do ombro, mas Tate não estava em lugar nenhum. Chase mal conseguia distinguir o contorno do chalé e ela não tinha ido muito longe.

"Tate?"

Onde diabos você está?

"Tate!"

O vento zombava dela.

A provocou.

"Tate!"

O medo começou a tomar conta dela.

"Tate!"

Foda-se.

Por mais que tivesse sido negligente, Chase deu meia-volta e refez seus passos. O progresso era mais rápido usando suas pegadas profundas como guia.

"Tate!"

Ele estava perdido para o branco.

Chase tirou o walkie-talkie do cinto e apertou o botão.

"Georgina? Você está aí?"

Ela esperou um pouco.

"Chase? Você a encontrou?"

Chase se retraiu.

"Não, não consigo ver nada. Preciso que você... preciso que você chame todos de volta."

Dessa vez, a pausa se estendeu por mais tempo.

"Você tem... certeza?"

Chase teve que se lembrar de que, apesar do que Georgina havia passado, ela ainda era apenas uma adolescente. E os adolescentes,

mesmo aqueles que haviam passado por um inferno, ainda se achavam invencíveis.

Ainda acreditava que as coisas ruins - as coisas *realmente* ruins - só aconteciam em livros e filmes.

"Sim", respondeu ela, incapaz de evitar que o desânimo que sentia se infiltrasse em sua voz. "Chame-os de volta. Estou preocupada que, se eles ficarem aqui fora por mais tempo, teremos duas dúzias de pessoas desaparecidas em vez de uma."

"Tudo bem. Fique bem."

Chase se desconectou e acendeu sua luz de sinalização. Ela era brilhante, pulsando ritmicamente em seu peito.

"Tate?"

Um som à direita a fez virar.

"Chase? Está tudo bem?"

Seu marido emergiu da parede branca.

"Jesus!" Chase gritou. "Onde você estava?"

O homem se aproximou o suficiente para que ela pudesse ver a expressão em seu rosto.

"Eu estava... eu estava procurando a Lily. O que aconteceu?"

Chase exalou com agressividade, o que forçou o lenço abrasivo a se afastar de sua pele irritada.

"Você não pode se afastar tanto assim."

Ela apagou a luz e parou um pouco para se recompor.

"Eu só... estava preocupado, Tate. Eu falei com Georgina. Disse a ela para chamar todo mundo."

"Já?"

Ela teria se enrijecido em resposta a essa resposta, mas o frio já havia congelado o líquido em suas articulações.

"Eles vão se perder por aqui."

Tate apoiou sua decisão, como ela sabia que ele faria.

"Tudo bem", disse ele com um aceno brusco de cabeça. "Devemos nos dirigir ao ponto de encontro. Espere que Donnie venha nos buscar."

"Não, nós não. Continuaremos procurando. Mas fique por perto, ok?"

Outro aceno de cabeça.

"Vamos ficar perto da cabana".

Agora separados por menos de 30 centímetros, os dois recuaram. Mesmo durante a breve conversa de Chase, primeiro com Georgina e depois com Tate, os passos dos dois quase se completaram.

Eles chegaram à cabana em alguns minutos, usando a pequena varanda da frente e a saliência como abrigo. Em um impulso, Chase verificou a porta da frente.

Ela ficou surpresa ao encontrá-la destrancada. Depois de dar uma

olhada em Tate, ela abriu a porta e entrou.

Apesar de saber que era improvável, no fundo, ela estava esperançosa de encontrar Lily escondida em seu quarto, talvez encolhida sob as cobertas para se aquecer.

A primeira coisa que ela notou foi que estava, de fato, quente dentro da cabana. O fogo havia se apagado, mas ainda havia brasas brilhantes na lareira.

A próxima coisa que chamou sua atenção foi a pequena poça de água na entrada. Antes que ela pudesse pensar mais sobre isso, seu olhar foi atraído para uma luva abandonada perto do centro da sala. A luva única, do tamanho de uma criança, era de cor creme e tinha um pedaço de barbante de dois metros preso à base.

"Lily?" Chase disse suavemente. Sua voz estava abafada pelo cachecol, e ela o puxou para baixo, grata por não precisar mais daquela maldita coisa. "Lily?"

Sem resposta.

Tate entrou por trás dela, soltando um estremecimento audível ao fazer isso.

"Alguma sorte?", disse ele.

Tudo o que Chase precisava fazer era olhar para ele e o homem sabia.

Lily não estava aqui.

Lily se foi.

E, muito provavelmente, a garota estava morta.

Capítulo 20

Alguém finalmente conseguiu arrancar o nome da mulher histérica que havia perdido seu filho: Suzanne.

Suzanne e Lily Rowan.

A cada minuto que passava, ela se tornava mais e mais frenética. Sua respiração era úmida, sibilante, e toda vez que um convidado falava algo acima de um sussurro, ela o encarava.

O concierge estava fazendo o possível para acalmar a mulher, assim como outros funcionários que não estavam ocupados tentando alertar aqueles que haviam dormido durante as explosões de que havia uma criança desaparecida.

A cada cinco ou seis minutos, um dos grupos fazia o check-in com Georgina, e ela registrava isso no bloco de papel.

"Ei", disse Rachel em um momento de desânimo. "Você está bem?"

Georgina franziu a testa.

"Você me deixou", disse ela. "Eu estava tão assustada."

"Fui para a cabana do Ben. Não queria acordá-lo."

"Mas você me *deixou*."

Melhores amigas ou não, Rachel se recuperou.

"Não preciso lhe contar tudo."

Georgina olhou para ela.

"Não, você não *precisa*. Mas sair assim? Quando há explosões acontecendo e uma garota perdida na neve?"

"Não seja um bebê. Isso só aconteceu depois..."

O walkie-talkie ficou cheio de estática.

"- depois."

Era Chase, instruindo-a a dizer a todos que voltassem para dentro.

Ela não queria. Ela queria ouvir que Lily estava com frio, mas viva.

Georgina transmitiu a mensagem com relutância. Ela teve que dizer a vários grupos que isso não era uma sugestão, mas uma ordem do agente Adams.

Suzanne a ouviu e empurrou o porteiro para fora do caminho, indo em direção a Georgina e Rachel.

"Como assim, eles estão voltando?", gritou a mulher. "Por que eles estão voltando se ainda não a encontraram?"

Embora estivessem brigando, Rachel ainda se colocava entre Georgina e a mulher.

"Chase - quer dizer, a agente Adams", Georgina se corrigiu, "disse que a visibilidade é extremamente ruim. Ela acha que os outros..."

"Eu não me importo!" Suzanne gritou. "Eu não me importo! Encontrem a Lily! Encontrem meu bebê!"

"Por favor, Sra. Rowan, estamos fazendo tudo..."

Suzanne deu meia-volta e agarrou Meredith pelos ombros.

"Diga a eles que precisam encontrá-la!"

Ninguém sabia o que fazer. Ninguém sabia como dizer a essa mulher que as vidas de duas dúzias de hóspedes e cinco patrulheiros de esquí eram mais importantes do que a de sua filha.

Então, ninguém fez nada. Ficaram parados e observaram Suzanne esfaquear Meredith.

Um pensamento passou pela mente de Georgina.

O que Chase faria? WWCD.

Era brega, cafona, clichê.

Mas não havia como negar que essa pergunta já a havia ajudado a sobreviver antes.

Georgina sabia que não deveria ficar parada, esperando que outra pessoa se apresentasse.

Ela veio em auxílio de Meredith.

"Ouçam", disse ela em uma voz tão alta quanto sua pequena estrutura podia produzir. Funcionou - Suzanne finalmente soltou Meredith. "Você precisa se acalmar. Todos querem encontrar sua filha, Sra. Rowan. Cada pessoa nesta sala e todos lá fora", ela apontou para as portas da frente, "querem encontrá-la. Mas o desaparecimento de outra pessoa não ajudará em nada. Isso significa que teremos de desviar recursos que simplesmente não temos".

Toda a força foi subitamente drenada do corpo de Suzanne e agora era Meredith quem a segurava, e não o contrário.

Não com raiva, mas com apoio.

O concierge guiou Suzanne até a cadeira mais próxima e a colocou nela.

Meredith pediu a um dos outros membros da equipe que lhe trouxesse algo para beber.

O chalé se acalmou um pouco depois disso. Rachel, ainda chateada com Georgina por tê-la repreendido, manteve distância, mas esse espaço foi rapidamente ocupado por outra pessoa.

"Rachel estava com Ben na noite passada", disse Raven suavemente.

"Você sabia?" Um pouco da aspereza de sua discussão com Rachel transbordou.

Raven, já com o rosto severo, não reagiu.

"Não. Vou ficar com minha mãe e meu pai."

A Raven tinha aquela aparência que simbolizava a postura de *"não aceito sacanagem"*.

Mas, por uma fração de segundo, essa camada de gelo se rompeu.

E isso afetou Georgina.

"Merda", disse ela e se aproximou de Raven, envolvendo seus braços em volta dos ombros da garota. *"Merda."*

Raven a abraçou de volta e Georgina se recompôs.

"Raven? Saia de perto dela. Ben, você vem para cá também."

Eles se separaram e Georgina viu Tom e Lori olhando para eles.

"Pai, eu só estou..."

"Agora."

Raven murmurou algo incompreensível antes de se afastar. Ben, que já havia encontrado o caminho até Rachel, também se aproximou de seus pais.

O mesmo aconteceu com Raven.

E então Lori lançou um olhar mordaz para Georgina.

O que eu fiz? Georgina se perguntava.

O walkie-talkie que estava sobre a mesa ganhou vida e Georgina, ainda confusa, o pegou.

"Chase?"

"Aqui é Gary Devers. Acabei de dar a volta no chalé com o snowmobile. Os pesquisadores estão todos registrados - o primeiro grupo deve estar voltando em breve."

"Está bem. Qualquer..." Georgina baixou a voz, tentando se certificar de que Suzanne não a estivesse ouvindo. "Algum sinal de Lily?"

Era uma pergunta idiota; é claro que, se alguém tivesse visto Lily, Gary teria começado com isso.

Mas ela não sabia mais o que dizer.

"Não."

Gary assinou e Georgina fez uma anotação no diário.

No topo da página, ela instintivamente escreveu o nome "LILY" em letras maiúsculas e o circulo. As coisas haviam mudado tão radicalmente desde o voo que ela estava tendo dificuldade em acreditar que o casamento de Chase e Tate havia sido ontem. A separação emocional - da euforia da festa aos sentimentos melancólicos de uma criança desaparecida em uma nevasca - havia se tornado um abismo intransponível.

Menos de um minuto depois, as portas se abriram e uma série de convidados com aparência deprimida entrou, com os rostos totalmente brancos.

"Algum sinal da garota?" perguntou um dos homens que havia se oferecido para fazer a busca, mas que havia sido recusado por causa do número excessivo de pessoas.

Outro homem, este com as bochechas congeladas e um olhar exausto, como se tivesse escalado o Monte Everest em vez de ter passado apenas meia hora caminhando em uma nevasca, se aproximou.

"Por favor?" Suzanne implorou, olhando para cima de uma xícara de líquido fumegante.

O homem baixou os olhos e balançou a cabeça.

"Não, sinto muito, mas não a encontramos."

Capítulo 21

Chase estava congelada em seu âmago. Mesmo depois que Donnie abriu as portas do chalé e o ar quente saiu, ela não conseguia parar de tremer.

Eles foram os últimos do grupo de busca a retornar, e Chase viu o restante deles amontoados em volta da fogueira.

Todos eles pareciam infelizes e por um bom motivo.

Todos eles testemunharam como era lá fora, sentiram o frio extremo atravessar suas camadas de roupas.

Na melhor das hipóteses, Lily tinha ido embora rapidamente, caindo no sono antes que o frio a pegasse.

Por mais que Chase não quisesse pensar nisso, ela sempre voltava àquele caso no Alasca.

As duas primeiras vítimas do agente Martinez também haviam congelado na neve. Só que elas se confundiram, pois sofriam de algo chamado despir paradoxal, causado pela hipotermia. Elas tiraram todas as roupas, o que apenas acelerou suas mortes.

Chase tirou o cachecol e abriu o zíper da parte superior da jaqueta.

Apesar de sua contagem preliminar ter registrado vinte e dois pesquisadores congelados e quatro patrulheiros de esqui, Chase foi até Georgina e confirmou que todos estavam registrados.

A garota havia desenhado círculos no mapa onde os grupos haviam procurado por Lily. Eles só tinham conseguido cobrir uma pequena porcentagem da vasta encosta da montanha.

Meredeth estava consolando Suzanne, enquanto Raven, Ben e Eva falavam em voz baixa com seus pais do outro lado da sala. Lori percebeu seu olhar e imediatamente desviou os olhos.

Chase teve um pensamento, um pensamento banal, que nunca deveria ter entrado em sua cabeça.

Estou em minha maldita lua de mel, pelo amor de Deus.

Ela o jogou fora.

"Ouçam", disse Chase. Ela tirou as luvas e esfregou as mãos, tentando trazer alguma sensação de volta às pontas dos dedos. "Sei que todos estão chateados e que todos querem encontrar Lily. Mas não podemos ir até lá novamente. Nós...", ela fez uma pausa, adiando o que sabia que precisava ser dito. "Temos que esperar a tempestade passar".

Suzanne ofegou e a xícara caiu de suas mãos. Um líquido escuro encharcou o carpete.

"Eu sei", disse Chase em voz baixa. "Eu sei."

"Quanto tempo isso vai durar?" Alguém exigiu. "Meu telefone não está funcionando. Não consigo nem checar o tempo."

"A tempestade está interferindo nos sinais de celular", disse Tate.

"Pode levar uma hora, pode levar três."

"Três?"

Quando Tate começou a falar com os convidados, Chase se aproximou de Suzanne. Algo sobre o que ela tinha visto na cabine da mulher a estava incomodando. Só que ela não conseguia entender o que era. Estava bem ali, escondido logo abaixo da superfície de sua mente.

Se ela não estivesse com tanto frio, teria sido capaz de pensar com mais clareza.

"Suzanne, preciso lhe perguntar uma coisa. Sei que está sofrendo, mas..."

Os olhos de Suzanne se arregalaram de repente. Eles estavam injetados de sangue, com as pupilas reduzidas ao tamanho de alfinetes.

"Ela está morta, não está?" Havia uma calma estranha em sua voz. "Minha Lily está morta."

Chase fechou as mãos em punhos, ignorando a sensação dolorosa que se seguiu.

"Eu não sei." A experiência lhe dizia que uma abordagem direta era quase sempre o melhor curso de ação, mas ela simplesmente não conseguia dizer as palavras, dizer a essa mulher perturbada que, sim, Lily estava quase certamente morta. "Se ela conseguiu encontrar o caminho para uma das cabines, então talvez..." De repente, ela se lembrou. "Suzanne, você trancou a porta quando saiu para caminhar hoje de manhã?

"Eu...?"

"Tranque a porta de sua cabine."

Suzanne pensou sobre isso por um momento.

"Sim. Eu a tranquei depois que saímos."

"E você ainda tem sua chave?"

A mulher deu um tapinha nos bolsos da calça. Ela tocou em algo duro e retirou um chaveiro com um "132" gravado em latão.

"Tem certeza de que a trancou?"

"Sim, tenho certeza. Por que está me perguntando isso?"

Chase, com medo de perder a linha de raciocínio, ignorou a pergunta da mulher.

"E quando você saiu, que luvas Lily estava usando?"

"Bege com flores".

Chase imaginou a luva que tinha visto caída no chão da cabana. Seu peito se apertou e, dessa vez, não tinha nada a ver com o frio.

"Quantos pares de luvas ela tem?"

"Não sei. Talvez três. Por quê?"

"As luvas dela são todas iguais?"

"Eu não entendo."

"As luvas da Lily", esclareceu Chase. "As luvas dela são todas iguais? São todas bege com flores nas palmas das mãos?"

"N-não. Suas outras luvas são vermelhas e... verdes, eu acho. Colocamos mais porque - porque -"

Suzanne se desmanchou e começou a chorar.

Meredeth olhou para ela, e Chase acenou com a cabeça para a concierge. Ela também estava chorando, Chase notou enquanto Meredith voltava a consolar Suzanne.

Chase se aproximou de Tate.

"Não, não podemos nos arriscar. Se algum de vocês sumir..."

Ela segurou o braço do marido. Ele olhou para ela e imediatamente baixou a sobrancelha.

"Não podemos ficar sentados aqui enquanto aquela garota está lá fora na neve", disse um dos pesquisadores em voz alta, em tom de galo.

Isso foi recebido com murmúrios que, em sua maioria, concordavam.

"Chase? O que está acontecendo?" perguntou Tate em voz baixa.

Chase bufou e começou a balançar a cabeça.

"Chase?"

"Eu não acho que a Lily tenha se perdido", disse Chase após uma longa pausa. Sua voz mal era um sussurro. "Acho que alguém a levou, Tate. Acho que alguém *levou* Lily Rowan."

Capítulo 22

Chase não precisou explicar; Tate entendeu. Ele tinha visto a luva, a poça no chão da Cabine 132.

Se Suzanne saiu quando disse que eles saíram, antes da avalanche orquestrada, a água já deveria ter secado quando eles entraram na cabana.

Lily *havia* encontrado o caminho de volta. Por algum milagre, perdida em meio à nevasca, a garota havia chegado à sua cabana.

Só que ela estava trancada.

Alguém a havia deixado entrar. E então a levaram. Talvez tenha havido uma luta, talvez o cordão das luvas de Lily tenha se prendido em alguma coisa e rasgado.

De qualquer forma, Chase estava convencido de que agora se tratava de um caso de sequestro e não de uma criança desaparecida.

Isso já era complicado o suficiente, mas o fato de estar isolado do resto do mundo agravava as coisas. E ainda havia os hóspedes a considerar. A maioria havia sido encurralada no saguão, mas provavelmente ainda havia outros por lá. Pessoas dormindo, talvez de ressaca. Alheias ao que estava acontecendo no chalé.

No momento, apenas Tate e Chase estavam cientes desse acontecimento. E *tinha* que continuar assim.

Não apenas a multidão se voltaria uns contra os outros, talvez até contra os dois agentes do FBI, mas também havia o risco de que um deles estivesse por trás disso.

Se eles entrassem em pânico e Lily ainda estivesse viva - uma possibilidade pequena, embora cada vez mais plausível se eles considerassem que ela não tinha ficado presa na nevasca - Chase teria que perder um tempo precioso separando brigas em vez de procurar a garota.

"O que você quer fazer?" perguntou Tate em voz baixa.

O Chase considerou suas opções. Elas eram limitadas.

Ela examinou os rostos dos convidados, da equipe de Silver Peaks que havia se reunido. Será que o sequestrador estava entre eles, escondido à vista de todos?

Chase limpou a garganta e falou.

"Escutem. A melhor coisa que podemos fazer pela Lily neste momento é manter a calma. Precisamos ficar aqui, neste saguão. Precisamos que todos se reúnam aqui também".

Os convidados se entreolharam nervosamente. Com exceção dos poucos que queriam sair para procurar Lily novamente, eles não tinham a intenção de ir a lugar algum.

Chase olhou para Meredith.

"Quantos hóspedes estão hospedados no hotel no momento?"

A mulher deu de ombros.

"Quarenta?"

"Preciso de um número exato. Também preciso saber quantos membros da equipe fizeram o check-in esta manhã."

"Provavelmente mais vinte, incluindo a equipe da cozinha e a patrulha de esqui."

"Meredeth, preciso de um número exato", disse Chase, mais severo dessa vez.

A concierge apertou gentilmente a mão trêmula de Suzanne antes de deslizar para trás do balcão de check-in. Enquanto a mulher acessava seu computador, Chase foi até Georgina.

"Eu cometi um erro antes", disse a garota preventivamente. "Nem todos já voltaram. Gary ainda está lá fora."

Chase coçou a nuca. Ela não queria perder mais ninguém, mas se havia alguém que conhecia bem o terreno para não se perder, esse alguém era o chefe da equipe de resgate de esqui.

"Chame-o. Peça a ele que vá a cada uma das cabines. Se houver alguém que ainda esteja dormindo, diga a ele para reuni-lo e trazê-lo de volta para cá."

"Está pensando em enviar outra equipe de busca?"

Havia um brilho de otimismo juvenil nos olhos verdes vibrantes de Georgina.

"Eu só quero conversar com todo mundo, está bem?"

A garota era observadora e sabia que Chase estava mentindo. Ela também sabia que não deveria desafiá-la quanto a isso.

"Está bem."

Chase deixou a sobrinha e voltou para Meredith.

"Trinta e quatro hóspedes fizeram o check-in e temos dezessete membros da equipe no local. Normalmente há mais, mas acho que alguns não conseguiram chegar por causa da tempestade."

Merda.

Chase estava esperando um número menor.

"Obrigado. Alguma notícia da polícia de Denver?"

"Eu liguei para eles há cerca de dez minutos, como você me disse. Eles estão a caminho, mas..."

Mas a neve está tornando impossível chegar aqui, concluiu Chase em sua mente.

Ela chupou o lábio inferior.

"Mais uma pergunta: quantos conjuntos de chaves existem para cada uma das cabines?"

"Chaves?"

"Sim, quantos?"

"Por quê?"

Chase lançou à mulher um olhar severo, que transmitia uma

mensagem inequívoca.

"Três", respondeu Meredith. "Um para os hóspedes, um para a equipe de limpeza e um extra para o caso de alguém se perder."

"Não há uma chave mestra que abra todas as portas?"

"Não. Todas as fechaduras são diferentes."

Chase fechou os olhos e respirou.

Trinta e três convidados. Dezesete membros da equipe.

Subtraindo Chase e sua família, restou um total de quarenta e seis.

Quarenta e seis possíveis suspeitos que poderiam facilmente ter pegado a chave da Cabine 132 e levado Lily Rowan.

Capítulo 23

Chase não estava lhe contando nada. Georgina conhecia a tia bem o suficiente para saber quando ela estava guardando um segredo.

E essa foi uma grande surpresa. Estava escrito em todo o rosto de Chase.

Eles haviam encontrado Lily? Será que descobriram seu corpo minúsculo e congelado, mas não queriam incitar o pânico contando a todos?

Georgina distraiu seus pensamentos mórbidos entrando em contato com Gary e passando as instruções.

O chefe da unidade de resgate de esqui nem sequer a questionou.

"Georgina?"

Ela colocou o walkie-talkie no chão e olhou para Raven, que falava com ela a alguns metros de distância.

"Sim?"

"Não fui totalmente honesto com você."

Os olhos de Georgina se estreitaram.

"Eu sei..."

"Raven, volte aqui", disse Lori com firmeza.

"Não, mamãe."

"Raven, ouça sua mãe", advertiu Tom.

"O que há de errado com vocês? Eu posso ajudar, vocês sabem que eu posso."

"Raven", disse Tom, "eles mentiram para nós. Disseram que eram uma secretária e...".

"E daí?" Raven rebateu. "E daí se eles não quiseram nos contar que eram agentes do FBI? Além disso, eu já sabia."

Isso foi uma surpresa total para Georgina, mas não para Tom e Lori. Raven silenciosamente desafiou seus pais, mas eles não aceitaram e, em vez disso, concentraram sua atenção em Ben e Eva.

Raven esperou um segundo antes de se voltar para Georgina.

"Como assim, você *sabia*?" Georgina perguntou bruscamente.

"Reconheci sua tia."

Georgina balançou a cabeça, sem entender.

"Como? De onde?"

Raven suspirou e sua expressão se suavizou.

"Estou começando um podcast sobre crimes reais e alguns dos casos que eu estava analisando mencionavam um agente do FBI. Eles mencionaram Chase Adams."

Georgina sentiu todo o sangue escorrer de seu rosto.

Se ela conhecia Chase, então também conhecia Georgina.

Sabia *tudo* sobre Georgina.

"Não, está tudo bem", disse Raven rapidamente, percebendo a

angústia de Georgina. "Eu não vou dizer nada."

Georgina sentiu seu choque ser lentamente substituído por raiva. Essa era a garota com quem ela havia compartilhado seu primeiro beijo? E aquelas perguntas sobre o tiroteio...? Raven estava apenas fingindo estar interessada.

Ela estava fazendo pesquisas.

Maldita pesquisa.

"Afasto-se de mim", sibilou Georgina.

"Desculpe-me, mas eu estava..."

"Apenas vá embora. Volte para seus pais."

Raven olhou para seus pés.

"Sinto muito. Gosto de você, Georgina."

"Você é um mentiroso", ela rebateu. "Fique longe."

"Não tem problema se você me odeia, mas preciso lhe dizer outra coisa."

"Outra mentira?"

O sangue de Georgina estava começando a ferver e ela estava tendo dificuldade para se conter. Ela sabia como era importante manter a calma, não irritar Suzanne ou qualquer um dos outros convidados.

Mas ela estava a ponto de perder o controle.

"Não, não é uma mentira. E não se trata de você ou de sua tia. É sobre este lugar."

"Do que você está falando?"

Raven olhou para cima. Seus olhos estavam úmidos.

"Há rumores sobre este lugar, Georgina. Sobre crianças desaparecidas. Sobre um Yeti que desce durante uma nevasca e as pega."

Georgina hesitou.

"O quê?"

Raven lambeu os lábios antes de continuar.

"Lembra do jantar em que meu pai disse que eu escolhi este lugar para passar as férias?"

Georgina se lembrou brevemente do comentário, que foi mencionado de improviso.

"Sim, e quanto a isso?"

"Bem, escolhi Silver Peaks porque queria fazer um podcast sobre ele. Fiz algumas...", ela hesitou, "pesquisas sobre Silver Peaks. Crianças desapareceram daqui - muitas crianças. Como eu disse, um Yeti...".

Georgina não podia acreditar no que ouvia.

"Um Yeti? Que diabos é isso?"

Raven moveu a cabeça de um lado para o outro.

"É como se fosse parte do folclore, sabe? Abominável Homem das Neves, uma coisa grande e peluda que..."

"Você não está falando sério comigo agora sobre um conto de

fadas."

"Não, tudo bem, esqueça o Yeti. Mas há crianças desaparecidas neste lugar. Há anos, Georgina. Lily não é a primeira."

"Você está mentindo. Você só quer..."

"Não estou. Tenho coisas no meu quarto. Artigos de jornais, relatórios policiais. Tudo isso faz parte do domínio público. Algumas delas estavam enterradas, mas consegui colocar minhas mãos nelas."

Havia uma seriedade no tom de Raven que fez Georgina esquecer tudo sobre as mentiras da garota e seu primeiro beijo.

"Acho... acho que algo ruim pode ter acontecido com Lily, e não estou falando de ter se perdido na tempestade."

Georgina sentiu seu coração começar a acelerar no peito.

"Você precisa contar à minha tia o que sabe agora mesmo. E se eu fosse você, guardaria essa história do Yeti para você."

Chase estava ocupado fazendo outra contagem de cabeças quando Georgina e sua amiga se aproximaram.

"Você conseguiu falar com o Gary?"

"Eu disse, ele está trazendo todos para cá."

O tom de voz de Georgina, plano e uniforme, deu o alarme.

"O que é isso?" Seus olhos se desviaram de Georgina para Raven, que parecia incapaz de olhar diretamente para ela. "O que está acontecendo?"

"Diga a ela", disse Georgina, cutucando Raven.

"Me dizer *o quê*? Georgina, eu realmente não tenho tempo -"

"Apenas diga a ela o que você me disse".

Raven respirou fundo.

"Estou começando um podcast sobre crimes reais", disse a garota secamente, "e escolhi este lugar para nossas férias de propósito".

Um podcast sobre crimes reais? De que diabos ela está falando?

"Não sei do que se trata, mas se está me convidando para uma entrevista, você é um verdadeiro..."

"Não", Raven retrucou. "Não se trata disso. É sobre este lugar."

"E quanto a este lugar?" Chase gritou. "Caso tenha se esquecido, há uma garota desaparecida lá fora. Se estiver apenas desperdiçando meu tempo, eu juro que vou..."

"Esse é o problema", interrompeu Raven. "É sobre a garota desaparecida. Lily... Lily não é a primeira a se perder no Silver Peaks Resort, agente Adams. Nem de longe."

Capítulo 24

Dizer que Chase ficou surpreso com o que Raven lhe contou seria como dizer que havia uma brisa gelada lá fora.

Dezesseis meninas desaparecidas? Um predador que persegue Silver Peaks há *décadas*?

E ela, a chefe da CVU, nunca tinha ouvido falar disso?

Isso não poderia ser verdade... mas e se fosse?

"Por que você não disse nada antes?" exigiu Chase.

Os olhos escuros de Raven se arregalaram.

"Eu não fiz a conexão. Como todo mundo, achei que a Lily tinha saído por aí".

"Eu não..."

"Tenho tudo em minha cabine. Posso lhe mostrar."

Pode ser um estratagema, uma garota jovem e gregária querendo fazer seu nome no TikTok ou no YouTube para conseguir uma entrevista com o famoso agente do FBI.

Isso não era o ego de Chase falando, era a realidade.

Ao longo dos anos, especialmente logo após alguns de seus casos de maior visibilidade, muitos veículos de notícias entraram em contato com ela, inclusive alguns dos maiores nomes do setor.

Chase, em termos inequívocos, recusou todas elas.

"Fique aqui", ela ordenou. "Georgina, estou falando sério. Não diga nada... apenas fique aqui."

Desde então, Gary havia entregado pelo menos quatro novos convidados que Chase podia ver, e outros estavam colocando-os em dia.

Eles ficaram chocados com a notícia sobre Lily.

Tate estava ocupado tentando manter o controle quando Chase, relutantemente, o puxou para o lado.

Ela rapidamente contou a ele o que Raven havia compartilhado com ela.

"Impossível", disse o homem sem hesitar. "Linus tem um roteiro. Se houvesse tantas garotas desaparecidas, isso teria aparecido no radar da CVU."

"Foi o que eu pensei também, mas ela diz que tem documentos."

Os olhos de Tate se estreitaram com desconfiança.

"Onde?"

"Em sua cabine."

"Chase, você não vai sair por aí de novo."

Chase sentiu seu nervosismo aumentar.

Se ele acha que, agora que estamos casados, é assim que as coisas vão acontecer, ele está se preparando para outra coisa.

Mas Chase reconheceu que isso era um mecanismo de defesa

amplificado pelo frio e pelo cansaço.

"Tate, preciso checar." Os olhos de Tate percorreram a sala ansiosamente. "Ela é apenas uma criança. E eu tenho... isto." Chase levantou a parte de trás da jaqueta, mostrando ao parceiro um vislumbre da coronha da pistola enfiada no cós da calça.

Tate fez uma careta.

Ele estava em cima do muro; ela só precisava empurrar um pouco para que ele chegasse até o fim.

"Vou levar um walkie-talkie. Se acontecer alguma coisa, ligarei imediatamente."

Tate ainda não estava satisfeito, mas isso resolveu o problema.

"Não sei por quanto tempo conseguirei mantê-los calmos, Chase. Eles estão ficando ansiosos."

"Eu sei, eu sei. Serei o mais rápido possível."

Chase também não estava interessado em voltar para o frio, mas ficar sentado aqui, esperando que parasse de nevar e que os policiais aparecessem, era igualmente desagradável.

Tate se inclinou e a beijou na testa.

"Fique bem, Chase."

"Eu vou."

Chase voltou para Georgina e Raven.

"Pegue suas coisas, estamos indo embora."

As duas garotas assentiram e Chase se aproximou de Tom e Lori. Ela descreveu brevemente - *muito brevemente* - o que planejava fazer, justificando-o com a menção de que a Raven poderia ter algo em Silver Peaks que poderia ajudá-la na busca.

Tom disse que isso estava fora de cogitação, mas Lori, talvez pensando em como se sentiria se Eva ou qualquer outro de seus filhos desaparecesse, tinha uma opinião diferente.

"Prometo manter a Raven segura. E não ficaremos fora por muito tempo."

Chase já havia se decidido. Se Tom e Lori dissessem não, ela iria mesmo assim, com ou sem Raven.

"Tom, se Raven puder ajudar..."

"Por favor", acrescentou Chase.

Tom praguejou baixinho.

"Se algo acontecer com ela..."

"Nada vai acontecer."

Chase pegou Georgina e Raven antes que os pais da garota mudassem de ideia. Como prometido a Tate, ela pegou um walkie-talkie no caminho para a porta da frente.

"Achei que tínhamos cancelado a busca", disse um membro da patrulha de esqui, notando que eles estavam fechando o zíper das jaquetas e ajustando os chapéus.

"Nós fizemos. Nós três estamos apenas saindo para verificar uma coisa", disse Chase, esperando que isso fosse suficiente para saciar a curiosidade do homem.

Não foi.

"Verificar o quê?"

"As linhas telefônicas", disse Chase, sem rodeios. "Vamos ver se conseguimos colocar o telefone fixo em funcionamento para que vocês possam ligar para suas famílias."

"Eu vou", disse o homem, olhando para Raven e Georgina. "As crianças não deveriam estar lá fora na tempestade."

"Aparentemente, há alguns lugares pequenos que só eles vão conseguir alcançar", disse Chase, dobrando a mentira. "Não ficaremos fora por muito tempo. Preciso das chaves de um veículo de quatro rodas."

Com relutância, o homem lhe entregou um conjunto.

E então os três voltaram para o frio.

Apesar do clima terrível, quando Georgina saiu, sentiu imediatamente que sua ansiedade crescente começava a diminuir.

O fato de estar presa dentro do chalé a fez lembrar demais da situação no refeitório da WCI, com um homem armado à solta.

"Coloquem seus faróis", instruiu Chase enquanto procurava a chave correta entre os veículos de quatro rodas. A chave tinha um número na etiqueta, e ela o comparou com o que estava escrito na lateral de um dos veículos estacionados.

Georgina clicou no botão de seu colete e ajudou Raven, que estava lutando para fazer o mesmo com suas luvas grossas.

"Sinto muito", disse Raven.

Georgina permaneceu em silêncio.

"É este aqui", gritou Chase. "Entre."

Eles entraram no veículo de quatro rodas e Chase pegou um mapa das cabanas e o pressionou contra o volante. O vento quase o arrancou de suas mãos.

Ninguém disse nada durante o trajeto, todos apenas se agacharam e tentaram se aquecer.

Uma mistura de pensamentos girava na cabeça de Georgina. Pensamentos sobre Lily, sobre outras garotas desaparecidas, sobre seu beijo com Raven.

Sobre Brendon Baxter, entre todas as pessoas.

Dez minutos depois, Chase parou em frente a uma cabana idêntica à de Georgina e Rachel.

"Sou eu", confirmou Raven.

Ela pegou uma chave enquanto Chase desligava o veículo de quatro

rodas.

Raven deu a chave para Chase e ela abriu a porta.

Apesar de uma pequena fogueira acesa na lareira, abandonada quando a família foi embora após as explosões, ainda não estava quente o suficiente para convencer Georgina a tirar as luvas.

"Meu quarto é aqui", informou Raven, batendo os pés para tirar um pouco da neve. Eles não se preocuparam em tirar as botas.

Raven havia empurrado a cama para um lado para abrir espaço para a instalação de seu podcast. Era simples, uma luz circular em cima de um tripé na altura da cabeça. Havia um suporte de plástico para celular no centro da luz.

Raven foi direto para a cama e se abaixou embaixo dela. Esticando o braço, ela pegou várias pastas de arquivos e as retirou.

Ao ver a cara deles, ela disse: "Meus pais não são muito fãs do fato de eu querer começar um podcast". Ela deu a pasta de cima para Chase e a de baixo para Georgina. "Está tudo aqui dentro."

Georgina finalmente tirou as luvas e abriu a pasta.

"Chase, você acha que aconteceu alguma coisa com a Lily?", perguntou ela, lembrando-se da expressão no rosto da tia quando ela lhe disse para transmitir a mensagem para Gary levar todos os convidados de volta ao chalé. "Tipo, algo além de se perder?"

"I-" Georgina sabia que outra mentira estava na ponta da língua de sua tia. Mas então Chase a fez mudar de ideia. "Não tenho certeza, mas ela pode ter voltado para sua cabine e alguém a pegou lá."

Uma cena se desenrolou na mente de Georgina. Uma garota gritando em um traje de neve, um homem agarrando seu corpo que chutava pela cintura.

Ela estremeceu.

"Lily se encaixa no perfil. O desaparecimento mais antigo que consegui encontrar é o de uma garota chamada Roxie-Roxanne-Capito", disse Raven, folheando um bloco de notas coberto de anotações manuscritas de margem a margem. "Ela desapareceu em março de 1986. Aparentemente, como Lily, ela saiu para caminhar com os pais e se perdeu. Eles nunca encontraram seu corpo."

Georgina se voltou para o artigo em suas mãos e examinou os detalhes. Era datado de 26 de março de 1993 e descrevia uma menina de nove anos que havia subido sozinha em um teleférico e nunca mais desceu a colina. Assim como Roxie, ela também nunca foi encontrada.

Um detalhe em particular a chamou a atenção.

"Isso diz que a garota desapareceu do Brackenridge Ski Resort, não de Silver Peaks."

Raven estava agora na frente de sua instalação e estava ocupada tentando prender seu telefone no centro do anel de luz.

"Eu sei. Este lugar... mudou de nome quatro ou cinco vezes ao

longo dos anos. Às vezes, após uma reforma substancial, às vezes, após o desaparecimento de uma garota. Acho que tem algo a ver com o fato de não querer ser associado à má fama.

A luz se acendeu e Georgina fechou um olho contra a dureza da luz.

Ela colocou a fotocópia do artigo de jornal no chão e leu o próximo. Era de 1995 e descrevia outra garota que havia desaparecido em circunstâncias semelhantes. Ela o colocou à direita do primeiro artigo, organizando-os por ordem crescente de ano. Sua mente estava estranhamente vazia enquanto ela fazia isso, desconectada do que estava lendo e de suas ações.

Georgina repetiu esse processo com o terceiro artigo, mas quando chegou ao quarto, sua mente voltou a se concentrar.

O título foi o primeiro a sugerir uma conexão entre a vítima mais recente e pelo menos duas das outras: *Yeti faz outra vítima em tempestade de neve recorde em Denver*.

Foi de um mau gosto incrível, considerando o fato de que eles estavam falando de crianças desaparecidas de verdade, mas esse não foi o único motivo pelo qual ela escondeu isso no artigo anterior.

A atitude de Chase em relação a qualquer coisa sobrenatural ou religiosa era bem conhecida na casa dos Abernathy/Adams.

E estava longe de ser um elogio.

"Bem-vindos ao primeiro episódio de Beyond the Crime Scene", disse Raven em uma voz que era um pouco mais grave do que Georgina estava acostumada. "Sou sua anfitriã..."

"Que diabos você pensa que está fazendo?" Chase, que estava com a cabeça enterrada em sua própria série de artigos de jornal, exigiu.

Raven parou a gravação.

"Estou fazendo a introdução do meu podcast."

"Não", disse Chase com firmeza. "De jeito nenhum. Não quero que você grave nada disso."

A expressão de Raven ficou amarga.

"A polícia encobriu tudo, você sabe, as meninas desaparecidas. Mudaram o nome do resort, enterraram os relatórios policiais. Inventaram uma história idiota sobre um Yeti que levou as crianças."

Georgina se encolheu, mas Chase não pareceu perceber essa última parte.

"Não me importo", disse Chase, balançando a cabeça. "Não quero que você grave isso."

"Não vou usar seus nomes. Mas as pessoas precisam saber o que aconteceu aqui. Todos os anos, pessoas ricas vêm para este lugar pensando que é seguro para suas famílias. Elas merecem saber a verdade."

Georgina ficou impressionada com a maneira como Raven estava

enfrentando a tia. Ela sabia, por experiência própria, que isso não era uma coisa fácil de fazer.

"Sei que você é apenas uma criança, mas..."

"Não sou *apenas uma criança*. Já passei por coisas. Meu melhor amigo..."

"Raven, não temos tempo para gravar um podcast. Alguém levou a Lily e, quanto mais esperarmos, maior será a probabilidade de ela acabar morta. Se ela já não estiver morta."

As palavras sóbrias de Chase causaram uma pausa momentânea na conversa.

Georgina quebrou o silêncio.

"Ela está certa, você sabe." Chase olhou para ela, mas Georgina continuou. "As pessoas merecem saber. Apenas deixe-a registrar enquanto analisamos esses artigos."

"Não se meta nisso, Georgina."

"Foi *você* que me meteu nisso", lembrou ela a Chase.

Chase fez uma careta. Georgina sabia o que viria a seguir. Uma repreensão, um aviso de que isso não era negociável. Mas, inesperadamente, Chase se acalmou. Esse era um desvio da tia que Georgina conhecia, assim como suas ações no *Bones & Brew* na noite passada.

"Tudo bem. Grave seu podcast. Mas se você usar qualquer um de nossos nomes, farei com que o FBI o retire do ar. Não me importo com seus direitos da Primeira Emenda ou qualquer outra coisa. Você entendeu?"

"Eu entendo." Raven estendeu a mão e apertou o botão de gravação novamente. "Bem-vindos ao primeiro episódio de *Beyond the Crime Scene*. Eu sou sua anfitriã, Raven..."

Capítulo 25

De acordo com a pesquisa da Raven, no total, 17 crianças desapareceram do Silver Peaks Resort entre 1986 e 2024.

Dezoito, se você considerar Lily Rowan.

E esses foram apenas os que Raven conseguiu encontrar. A manutenção de registros no início dos anos 90 era de má qualidade, pois a polícia de Denver estava passando por uma grande mudança após uma exposição não relacionada à corrupção no departamento.

Chase escreveu os anos das abduções na parte interna da pasta.

1986, 1989, 1990, 1991, 1993, 1995, 1998, 1999, 2001, 2004, 2006, 2008, 2011, 2013, 2016, 2018, 2021.

2024.

Todos os desaparecimentos ocorreram em março, embora as datas exatas não fossem conhecidas ou não tenham sido registradas. Eles também coincidiram com uma nevasca ou um sistema meteorológico intenso na área.

Chase olhou para as datas enquanto Raven continuava a gravar a introdução do seu podcast.

Ela não viu um padrão. Será que ele mudou seu campo de caça? Ele estava preso durante esses intervalos?

Algumas das lacunas podem ser explicadas pelas reformas. Chase encontrou um relatório indicando que, entre 1995 e 1998, o resort passou por uma grande expansão, com os quartos de hóspedes sendo convertidos em áreas comuns dentro do chalé e as cabanas sendo construídas. Antes, o resort se chamava Rocky Ridge e, depois, Summit Vista.

Raven parou de gravar.

"Se você está procurando um padrão, não consegui encontrar nenhum", disse ela. "A não ser quando o resort estava fechado para reformas."

Chase grunhiu.

"Você sabia sobre essas meninas desaparecidas?" perguntou Georgina.

"Não", disse Chase. "Nunca ouvi falar deles."

Isso a incomodava. Crianças desaparecidas eram exatamente o tipo de coisa que a CVU deveria estar investindo seu tempo investigando, não pervertidos que corriam nus pelo pátio da escola. Mas, de alguma forma, esses casos tinham escapado da rede.

Todos eles.

Tate tinha razão em estar incrédulo. Eles passavam horas por dia procurando por crimes como esse, mas nenhum deles tinha ideia de que isso estava acontecendo em Denver.

Denver, entre todos os lugares... e não um refúgio rural que estava

protegido da atenção da mídia nacional.

Chase não era ingênua. Ela sabia que alguns crimes eram ativamente encobertos, especialmente quando pessoas como Epstein ou Duffy estavam envolvidas.

Esse poderia ser o caso aqui?

Chase balançou a cabeça. Haveria tempo para pensar sobre isso mais tarde. Agora, ela precisava se concentrar.

Normalmente, ela era boa em identificar padrões, mas sem a Internet ou o acesso a qualquer banco de dados do FBI, ela não sabia o que fazer.

Ela era boa, mas não era a melhor.

Linus Bowen era.

Onde diabos ele estava? Por que ele não apareceu no casamento?

"Acho que deveríamos voltar agora", disse Chase. Seus olhos estavam começando a ficar embaçados. As datas e os nomes estavam se misturando em uma sopa de letrinhas. "Preciso falar com o Tate sobre uma coisa".

E tenho que entrar em contato com o Linus.

"Está bem", concordou Georgina. Ela começou a colocar todos os artigos de volta na pasta, dessa vez em ordem. "Você... você acha algum desses artigos estranho?"

Chase achou *tudo* isso estranho. Os infratores violentos não costumam tirar três anos de folga, especialmente durante uma execução como essa. Ela também achou estranha a grande quantidade de mudanças de nomes de resorts.

"Especificamente?" Raven perguntou enquanto apagava a luz e pegava seu celular.

"Bem, se um cara está por trás de tudo isso, quantos anos ele teria agora?"

Chase levantou uma sobrancelha, surpreso com o comentário astuto.

"É um período de quase quarenta anos, de 1986 a 2024. Se ele tivesse começado aos vinte anos, hoje teria pelo menos sessenta", acrescentou Georgina.

Chase pensou sobre isso.

A maioria dos artigos mencionava uma grande tempestade de neve durante o período em que as meninas desapareceram. Isso fazia sentido. Um predador poderia não apenas usar isso como disfarce, mas se a polícia estivesse realmente empenhada em manter o passado em segredo, ninguém levantaria uma sobrancelha se alguns, ou a maioria, desses casos fossem registrados como acidentes.

Quase fizeram o mesmo com o desaparecimento de Lily.

E o clima... se você fosse jovem, saudável e soubesse se virar, poderia ser apenas um inconveniente.

Mas um homem de 60 anos caçando na neve como hoje?

E isso se ele tivesse começado aos vinte e poucos anos. O FBI mantinha registros muito rigorosos sobre esse tipo de coisa. A unidade de análise comportamental relatou que a idade média de início de um assassino em série era de vinte e poucos anos.

Vinte e sete a vinte e nove, para ser exato.

Se esse fosse o caso aqui, o homem já estaria na casa dos sessenta e poucos anos. Isso era raro, mas não inédito. Ray e Faye Copeland mataram até os setenta e poucos anos. Mas o clima era uma variável importante a ser considerada.

"Você acha que pode ser um funcionário de longa data? Ou alguém que vinha aqui para as férias anuais?" Raven sondou.

Chase não sabia - ela precisava da ajuda de Linus. Ele poderia mergulhar fundo nos registros de funcionários e hóspedes.

Talvez uma pergunta igualmente importante seja: o que o suspeito estava fazendo com todos os corpos?

Chase respirou fundo.

Há corpos? E se ele não os estiver matando?

Cinco anos atrás, ela teria se recusado a aceitar uma ideia tão ridícula. Mas então surgiu o Duffy Group e isso mudou tudo.

As meninas podiam ser vendidas, usadas, abusadas. Colhidas.

Nada estava fora da mesa.

Era um dia triste quando Chase esperava que dezessete meninas estivessem mortas em vez de uma das alternativas mais perturbadoras.

"Ei, Raven, você parece saber muito sobre esse resort. O que acontece no verão? Toda a neve derrete?"

Raven inclinou a cabeça.

"Não toda a neve. Os topos das montanhas permanecem cobertos. Sei que no verão algumas das colinas de esqui são convertidas em trilhas para caminhadas."

Havia inúmeras maneiras de se livrar de um corpo, mas a maioria delas não era prática em um resort popular. Enterrá-los em um solo congelado também não era uma opção.

Chase considerou a possibilidade de que os corpos estivessem apenas envoltos em neve no topo da montanha.

Não, de jeito nenhum.

As Montanhas Rochosas do Colorado eram o lar de lincês, lobos, leões da montanha, bobcats, etc. Um desses predadores teria encontrado os corpos, e alguns dos ossos teriam inevitavelmente descido a montanha.

"Quantos anos tem Gary Devers?" Georgina perguntou do nada.

"Quem?" Raven e Chase disseram em uníssono.

"O chefe da equipe de resgate. A maioria dos membros, como Donnie, que nos levou até a cabana, é bem jovem. Mas Gary parece

mais velho."

Chase imaginou o homem em sua cabeça. Era difícil dizer sua idade em meio a todas aquelas camadas e com sua barba gelada, mas Georgina estava certa: ele era o funcionário mais velho que ela havia encontrado no resort. E ele sabia se virar.

O homem também pediu para ficar de fora quando todos os outros estivessem sendo chamados.

Quanto à forma como ele se locomovia, bem, o snowmobile que ele dirigia era ainda mais móvel do que os veículos de quatro rodas.

"Não sei", admitiu Chase. "Mas, quando voltarmos, acho que vou sentar com ele e conversar um pouco."

Capítulo 26

Chase avistou Gary Devers assim que entrou no chalé. Ele deve ter chegado recentemente, pois ainda estava tirando seu equipamento.

Ela tentou adivinhar a idade dele, mas a neve em sua barba que ainda não havia derretido tornou a tarefa impossível.

Definitivamente, tinha mais de quarenta anos, mas sessenta era um exagero.

"Vocês duas fiquem juntas", disse ela a Raven e Georgina. "Guardem o que discutimos para vocês."

Ambos concordaram, mas não puderam deixar de olhar para Gary como se ele tivesse três cabeças.

"Claro. Você quer..."

"Os telefones ainda não estão funcionando." Um dos convidados havia se aproximado sorratamente dela e estava praticamente falando diretamente em seu ouvido.

Chase abriu espaço.

"O quê?"

"Os telefones - você disse que ia consertar os telefones. Eles ainda não estão funcionando." O homem sacudiu o celular na cara dela.

"Por que você não faz o backup? E se você continuar sacudindo esse telefone, farei com que ele nunca mais funcione."

O homem ficou chocado com as palavras dela, mas então seu rosto se transformou em uma careta.

"Você não pode nos manter aqui, sabe. Se eu quiser ir embora..."

"Prestem atenção! Todos, prestem atenção!" gritou Tate. Ele lhe deu uma olhada furtiva. "A comida está sendo servida agora na sala de jantar. Café quente também. Sei que vocês provavelmente não estão com fome, mas precisam comer. Não temos ideia de quanto tempo vamos ficar presos aqui."

Apenas um punhado de convidados se dirigiu à sala de jantar. Chase ouviu vários outros dizerem que não estavam com fome, que não poderiam comer em um momento como aquele.

O homem com o celular não se mexeu. O idiota estava certo, é claro. Ela não podia mantê-los aqui. O saguão inteiro estava cheio de pessoas confusas, irritadas e, em breve, furiosas. Eventualmente, elas esqueceriam por que estavam aqui, esqueceriam tudo sobre Lily Rowan. Nesse momento, a autopreservação entraria em ação e haveria brigas para ver quem poderia usar os veículos de quatro rodas para fugir do resort.

O assassino usaria isso como uma distração e fugiria, levando consigo qualquer última esperança de encontrar Lily viva.

Não se tratava de uma questão de se isso aconteceria, mas de *quando*.

"Por favor, pelo menos tomem um café", implorou Tate. Mais alguns convidados se afastaram. O cara do celular se afastou, mas continuou olhando para Chase. "Ei, você encontrou alguma coisa. Eles estão ficando inquietos."

"Eu sei disso."

"Também ouvi alguns deles dizerem que iriam voltar e procurar Lily novamente."

Chase avistou Suzanne no mesmo lugar de quando ela havia saído. Alguém havia pegado e enchido sua caneca de café, mas a maneira como seus olhos estavam vidrados sugeria que ela poderia estar sob a influência de algo mais forte do que cafeína.

"Não podemos deixar que isso aconteça."

"Bem, há muito mais deles do que de nós."

Chase não podia pensar nisso agora.

"Talvez tenhamos um problema maior, Tate." Ela baixou a voz mais duas oitavas. "Raven tem razão, meninas desapareceram deste resort. Dezoito delas, em um período de quase quarenta anos."

"Você não pode estar falando sério." Chase permitiu que sua expressão falasse por ela. "Mas como? Como nunca ouvimos falar disso?"

Ela respondeu à pergunta de Tate com uma pergunta própria.

"Qual é a importância do setor de esqui para a economia de Denver?"

"Eu odeio esqui."

"Sim, mas muitas pessoas adoram."

"Você está sugerindo que a polícia local está enterrando essas crianças desaparecidas?" Chase estremeceu com o uso da palavra "enterrado". "Desculpe, não quis dizer isso."

"Olhe para este lugar, Tate. Deve custar uma fortuna ficar aqui por uma semana. Se não fosse pela reputação de Stu Barnes, nunca sonharíamos em vir aqui. Nós dois sabemos o poder que algumas dessas pessoas ricas possuem."

Chase estava novamente pensando no falecido senador Duffy e em seu grupo de pessoas ricas e influentes que se achavam acima da lei.

Há quanto tempo eles estavam operando antes que a CVU os fechasse?

Quanto tempo levaria até que aqueles que escaparam da acusação comessem a agir novamente?

"Jesus", disse Tate. "Dezoito crianças... eles encontraram algum dos corpos?"

"Não."

"Ele pode ser um dos hóspedes - não, espere, é mais provável que ele seja um funcionário."

"Fale baixo", alertou Chase. "Mas, sim, era isso que eu estava

pensando. E só há uma pessoa aqui que é remotamente velha o suficiente."

A cabeça de Tate se ergueu e seus olhos se fixaram imediatamente em Gary Devers. A barba do homem não era mais branca. Estava úmida e escura.

Talvez ele a tenha tingido?

"Você acha que...?"

"Isso eu não sei", admitiu Chase. "Mas devemos falar com ele. Quero entrar em contato com Linus primeiro, pedir que ele cruze as datas de check-in e os registros dos funcionários quando as crianças desapareceram."

"Se você conseguir entrar em contato com ele."

"Vou tentar pelo telefone via satélite."

"Certo, espere. *Ele*", Tate indicou Gary com um sutil levantar de queixo, "estava lá fora reunindo todos os convidados. Se ele levou Lily, ela pode estar em uma das cabines".

Chase havia pensado nisso.

"Que olhar é esse?" perguntou Tate.

"Você não vai gostar, mas alguém tem que revistar as cabines."

Tate curvou o lábio superior, enterrando-o em seu bigode.

"Você não quer falar com ele primeiro?"

"Eu quero, mas se a Lily estiver machucada..."

"Chase, não gosto da ideia de você falar com ele sozinho."

"Eu também não gosto disso. Mas estou congelado, preciso me aquecer antes de sair por aí."

Tate passou a mão pelo cabelo, bagunçando-o.

"Foda-se. Tudo bem. Espere que eu volte antes de falar com ele. Por favor?"

"Eu vou." Uma mentira, e ambos sabiam disso. "Leve o garoto com você. Donnie, acho que é o nome dele. Peguem as chaves com Meredith e entrem e saiam de cada cabine. Faça o check-in com frequência."

"Como você fez?" Chase ficou olhando. "Desculpe."

Tate se inclinou e a surpreendeu com um beijo no rosto. Normalmente, eles tentavam manter a vida pessoal separada do trabalho, mas que se dane.

Essa era a lua de mel deles.

E que lua de mel mais foda foi essa.

"Fique bem, Tate."

"Você também."

Capítulo 27

"Eles estão ficando chateados", disse Meredith preventivamente quando Chase se aproximou. "A comida só vai ocupar por algum tempo."

Chase se perguntou o quanto a mulher ficaria ansiosa se soubesse que havia um possível assassino de crianças entre eles.

"Eu sei. Estou fazendo tudo o que posso. Neste momento, preciso de sua ajuda. Preciso de uma lista dos funcionários e seus aniversários. Também vou precisar de uma lista com as informações de todos os hóspedes. Não apenas dos hóspedes atuais, mas de todos os que estão em seus computadores. Você pode conseguir isso para mim?"

As perguntas dela a dominaram. Ela não fez nada.

"Por favor? Você pode procurar isso no computador?"

"Por quê?"

O concierge estava desconfiado, e com razão. Ela tinha que lhe dar algo.

Chase olhou fixamente para Gary Devers. Ele estava se aquecendo perto da fogueira, rindo com um dos membros mais jovens do resgate ou patrulha de esqui, ou seja lá como se chamavam.

Rindo.

Chase tinha que dar algo a Meredith, mas não *isso*.

"Ouça, preciso que você mantenha isso entre nós, certo? Você pode fazer isso?"

A mulher, com os lábios trêmulos, assentiu.

Sua expressão não inspirava confiança em Chase, mas isso não importava. Na verdade, isso tornava o concierge mais suscetível a acreditar na mentira que sairia de sua boca em seguida.

"Olhe, achamos que pode haver alguém aqui que tenha um mandado pendente. É por isso que preciso acessar alguns registros históricos e..." Chase deixou a frase se arrastar, esperando que isso fosse suficiente.

"Mandado para quê?" A voz de Meredith estava tensa.

"Nada violento."

"Mas por que você quer os registros dos funcionários?"

Chase suspirou.

"Há quanto tempo você trabalha aqui, Meredith?", perguntou ela, direcionando a conversa um pouco para a direita.

"Pouco mais de dois anos."

Antes de hoje, a garota anterior havia desaparecido há quase exatamente três anos.

"E antes de vir para cá, você ouviu alguma coisa sobre este lugar?"

"Como *o* quê?"

Isso não estava acontecendo da maneira que Chase esperava.

"Qualquer coisa."

Meredeth deu de ombros.

"Sou do Missouri. Acabei de responder a um anúncio de emprego. Precisava de um novo começo. Quero dizer, algumas pessoas falam sobre um Yeti vagando pela área, mas isso é só..."

Chase ignorou isso.

"Não, não é isso. Outra coisa."

"Acho que não. Estou... estou realmente confuso. Que tipo de mandado?"

"Não tão alto." Chase estava protelando. "Está relacionado a drogas."

Não foi a única coisa que me veio à mente, mas todo o resto era muito volátil, muito próximo da verdade.

Meredeth franziu a testa em desaprovação.

"A maconha é legal aqui há mais de uma década. Todo mundo sabe disso."

"Não é maconha."

Chase só queria seguir em frente. Começar a trabalhar.

"Cocaína?"

Chase permaneceu em silêncio.

"Heroína? Oh, meu Deus, é heroína, não é? Todas essas overdoses. Merda."

Ela permitiu que a mulher tirasse suas próprias conclusões.

"Agora você pode me pegar..."

"Mas por que está preocupado com a heroína agora? Com a Lily desaparecida, quero dizer. E - e - e eu pensei que você só estava aqui porque seu avião foi forçado a pousar? Pelo menos foi isso que a companhia aérea nos disse. Isso foi um disfarce?" Os olhos de Meredith se arregalaram como se ela fosse uma personagem coadjuvante em um filme de detetive feito para a TV.

"Não posso entrar em detalhes, mas acho que o desaparecimento de Lily e o mandado de prisão por porte de drogas podem estar relacionados."

Chase não sabia ao certo por que havia dito aquilo e se arrependeu imediatamente.

"Os cartéis! Você acha que os cartéis..."

"Não posso dizer mais nada." *Eu deveria ter falado menos. Eu deveria ter pedido a essa mulher que me trouxesse os registros. Que diabos há de errado comigo?* "Agora, essas listas."

"Está bem. Ok, ok."

Meredeth foi finalmente colocada em ação. Por mais irritante que a mulher fosse, pelo menos ela trabalhava rapidamente. *Quando* ela trabalhava.

"Aqui. Peguei. Registros de funcionários."

Chase se inclinou sobre o balcão e examinou os nomes. A lista estava bem organizada, mas o único nome que ela reconheceu foi Donnie. Ele tinha vinte e quatro anos.

"Não estou vendo..." ela quase disse o nome de Gary. Sugerir que ele estava envolvido teria feito a cabeça de Meredith explodir. "Isso é tudo? E quanto aos funcionários mais antigos?"

"Não os tenho neste computador. Acho que estão armazenados em algum lugar."

Foda-se.

"Deixe-me adivinhar, os registros de hóspedes também não remontam a mais de alguns anos?"

Meredeth digitou algo no computador e depois começou a rolar a tela.

"Parece que os mantemos por dois anos. Provavelmente há outra lista em algum lugar, mas não sei onde está. Sou apenas o concierge. Você realmente acha que o cartel tem algo a ver com o desaparecimento de Lily?"

"Não, não acho que seja isso."

"Mas você disse..."

"Me dê o telefone via satélite."

"O...?"

"O telefone via satélite. *Agora.*"

Quando a mulher imediatamente se esforçou para encontrar o dispositivo de grandes dimensões, Chase se amaldiçoou mais uma vez.

Sim, em vez de inventar uma história idiota sobre os cartéis e um mandado pendente, eu deveria ter dado ordens à mulher.

Ela estava sendo muito complacente, muito diferente de Chase.

Primeiro, dançando em seu casamento. Depois, conversando com Lori e Tom.

Agora isso.

Preocupado em satisfazer a curiosidade do concierge em vez de prestar atenção ao que realmente importava.

"Aqui", disse a mulher, entregando o grande telefone amarelo. "Tudo o que você precisa fazer é discar. Se quiser o número da polícia de Denver, eu posso..."

"Não, não estou ligando para a polícia. Estou ligando para o FBI."

Capítulo 28

Linus estava bêbado. Muito, *muito* bêbado.

Mas isso não era incomum para ele, mesmo no início da tarde, como era o caso.

Ele estava de volta ao salão de bilhar onde passava quase todos os dias desde o tiroteio na escola.

O homem que ele estava seguindo também estava lá. Um membro de gangue com tatuagens no pescoço e nos braços.

Seu nome era Hector Rodrigues, e ele era um dos principais participantes do comércio de metanfetamina na Virgínia. Ele não estava no topo da cadeia alimentar, mas também não era apenas um reles traficante de rua.

Hector era viciado e tinha um temperamento difícil.

Ele havia colocado pelo menos três drogados no hospital e provavelmente havia matado mais dois.

Linus se levantou da mesa e colocou o capuz sobre a cabeça. Ele deu dois passos em direção ao bar, cambaleou e colocou a mão em uma cadeira vazia para se firmar. Sua visão estava embaçada, e parecia que ele estava passando por águas rasas.

Mas ele estava determinado.

Linus deu mais dois passos e enfiou a mão direita no bolso central do moletom. Seus dedos envolveram a coronha da pistola.

Linus estava se preparando quando o telefone começou a tocar. Ele zumbia em seu bolso e ele se esforçou ao máximo para ignorá-lo. Mas era uma distração, pois a vibração irritava sua coxa, que já estava tremendo. Mas era uma distração, a vibração irritava sua coxa já trêmula.

Linus esperou que ela parasse antes de continuar.

Durante todo o tempo, ele manteve os olhos fixos na parte de trás da cabeça do homem, que estava envolta em uma bandana preta.

Enquanto ele contava os zumbidos, esperando que a chamada fosse para o correio de voz, alguém se aproximou por trás e agarrou seu braço.

Linus quase gritou.

Ele tentou se virar e se afastar, mas o aperto que o mantinha no lugar era forte.

"Acho que você deveria ir embora", disse uma voz masculina perto de seu ouvido. "Você não quer fazer isso."

Isso era verdade. Linus não *queria* fazer isso.

Mas ele *precisava* fazer isso.

"Vá para casa e durma."

A mão se soltou e Linus se virou para encarar o interlocutor. Era o barman, um homem de meia-idade com longos cabelos escuros presos

em um rabo de cavalo.

"I-"

"Vá para casa", repetiu o barman, um pouco mais alto dessa vez. Seus olhos estavam duros.

Linus se voltou para o alvo e viu que Hector agora estava olhando em sua direção. Os olhos do traficante de metanfetamina não eram gelados como os do barman, eram de granito.

Linus desviou rapidamente o olhar.

Em outra ocasião, pensou ele. Em outro dia.

Ele tirou a mão de dentro do moletom e começou a procurar a carteira no bolso de trás da calça.

"Por conta da casa. Saia daqui antes que se machuque".

Linus cambaleou em direção à porta da frente, esbarrando em algumas cadeiras pelo caminho. Uma vez do lado de fora, a luz do sol forte atingiu suas retinas, deixando-o ainda mais desorientado.

Linus tropeçou no meio-fio e caiu para frente. Ele estendeu as mãos à sua frente, mas, no último segundo, um pensamento ridículo - de que cair sobre a arma no bolso central poderia fazer com que ela disparasse - fez com que ele colocasse o braço protetor sobre o estômago.

Ele aterrissou com força na calçada rachada. A dor era intensa, que ia da palma da mão estendida até o ombro. Ele latiu e depois rolou de costas, fechando os olhos contra o sol que o atacava.

Seu mundo girava.

Ele teve vontade de vomitar.

"Por que está me olhando aí dentro?"

Linus respirou profundamente. Ele enfiou lentamente a mão não ferida no moletom novamente.

"Ei, *gringo*, eu lhe *fiz* uma pergunta. Por que diabos está me olhando?"

Linus não estava olhando para ninguém; seus olhos estavam fechados. Quando Hector se moveu para frente, seu corpo bloqueou o sol e Linus finalmente os abriu.

De perto, ele viu que as bochechas de Hector estavam muito marcadas, resultado de uma acne cística que nunca cicatrizava direito.

Ele era horrível.

A forma como seus lábios se retraíram, revelando dois incisivos dourados, só o deixou mais feio.

"Cadela, estou falando com você."

Linus não conseguia falar. Ele estava concentrado em tentar sacar sua arma. Esse era o confronto que ele queria. Era o que ele imaginava todas as noites quando fechava os olhos e revivia o mesmo pesadelo.

JC Marshall estava de costas para ele, com Georgina agarrada ao peito.

Uma arma em sua têmpera.

Ele não poderia puxar o gatilho naquele momento, mas o faria agora.

Ele *tinha* que fazer isso.

Hector riu. O som era profundo e retumbante, muito mais barítono do que a estrutura relativamente pequena do homem parecia ser capaz de produzir.

Linus puxou a arma, mas ela ficou presa na parte interna do bolso.

"Que porra você *vai* fazer?"

Hector recuou e deu um chute forte nas costelas de Linus.

Ele gritou e arqueou as costas.

"Maldito maricas", Linus ouviu Hector dizer sobre o som de seus próprios gritos agonizantes. "Se eu o vir aqui de novo, vou matá-lo."

Hector começou a se afastar, deixando Linus deitado em uma pilha amassada no estacionamento. Demorou quase trinta segundos para que ele recuperasse o fôlego e, quando o fez, Linus finalmente conseguiu tirar a arma.

Hector não estava voltando para o bar. Em vez disso, o homem estava se pavoneando em direção a uma motocicleta estacionada na extremidade do estacionamento.

Linus segurou a arma e mirou nas costas do homem. Ele fechou um olho, alinhou a mira frontal entre as duas miras traseiras e forçou a língua na bochecha. Em algum lugar no fundo de sua mente distorcida, ele percebeu que devia estar ridículo, como o Soap de *Lock, Stock and Two Smoking Barrels*, um de seus filmes favoritos de todos os tempos, mas não se importou.

Ele *tinha* que fazer isso.

Ele *tinha* que provar que *podia* fazer isso.

Para Chase, para Georgina.

Para os *papais*.

Um... dois...

Mas ele não podia.

Ele simplesmente não conseguia puxar o gatilho.

Linus baixou a arma e a colocou de volta no bolso.

Então ele começou a chorar.

Capítulo 29

Chase gemeu.

Linus não estava respondendo.

"O que há de errado?" perguntou Meredith, nervoso.

"Nada", disse Chase. Ela bateu com o telefone na palma da mão. Sem a ajuda de Linus, cruzar nomes e datas seria uma tarefa formidável.

Mas alguém tinha que fazer isso.

Entrevistar e interrogar todas as cinquenta pessoas no chalé não era apenas completamente irrealista, mas se o suspeito estivesse presente, assim que soubesse disso, ele se esconderia nas sombras.

"Meredeth, você mencionou que os registros de funcionários mais antigos estão armazenados. Onde posso encontrá-los?"

"Eu disse que eles *poderiam*", corrigiu o concierge. "Se eles estão aqui, devem estar no escritório do Marvin".

"Quem é Marvin?"

"O gerente geral."

"Ele está aqui?"

Meredeth balançou a cabeça.

"Não. Ele está de folga. Está de folga há uma semana."

"Ótimo. Onde fica o escritório dele?"

"No andar de baixo, ao lado da sala de instalações."

Chase estava ficando irritado - mais irritado ainda.

"Preciso que você me leve até lá."

"Está bem." A mulher abriu uma gaveta e retirou um molho de chaves. Chase ficou consternado ao ver que a gaveta em si não estava trancada. Ela tinha a sensação de que o acesso às chaves do quarto era igualmente fácil.

Chase esperou que Meredith desse a volta no balcão. Durante esse tempo, um homem se aproximou.

"Não posso ficar parado aqui por muito mais tempo." Era Gary Devers. Ele parecia inquieto. "Não posso ficar aqui sabendo que há uma garota desaparecida na neve."

Chase examinou seu rosto em busca de sinais de engano. Não havia nenhum dos sinais usuais, mas isso não significava muito. Se Gary era o cara deles, ele teve décadas para dominar sua arte, enganando todos para que pensassem que ele era apenas um membro normal da sociedade.

Ela queria tocar sua pele nua. Ver através de seus olhos, como ela havia feito com Drake em seu casamento.

Além de ser constrangedor, o gesto o denunciaria.

"Agente Adams?" Meredith estava a dez passos de distância, balançando as chaves em sua mão.

A mulher não tinha a menor ideia de como ser discreta.

"Espere um segundo." Depois, para Gary: "Você também. Espere aqui".

As duas fizeram o que lhes foi instruído e Chase saiu correndo. Ela encontrou Raven e Georgina sozinhas, debruçadas sobre o mapa do resort, com as cabeças tão próximas que estavam praticamente se tocando.

"Pessoal?" Eles se viraram, com olhares preocupados idênticos em seus rostos jovens. "Preciso que vocês façam algo para mim. Preciso que vão com Meredith ao escritório do gerente e examinem os registros dos funcionários. Veja se alguém trabalhou aqui durante todos, ou quase todos, os anos em que as meninas desapareceram. Você pode fazer isso?"

Eles se entreolharam e acenaram com a cabeça.

"Ótimo. Se encontrar alguma coisa, me chame pelo walkie-talkie".

"Será que todo mundo com um walkie-talkie não vai conseguir nos ouvir?" Georgina poderia ter dito todos, mas claramente estava se referindo a Gary.

"Bem visto. Apenas... apenas diga bolo de carne". *Maldito Beckett.*

"Diga apenas que você está com fome de bolo de carne."

Georgina franziu os lábios.

"Apenas faça isso, *ok*?"

"Sim."

Chase voltou para Meredith e lhe disse que as meninas iriam para o escritório em vez dela. A concierge hesitou, mas Chase usou sua voz de menina grande e ela concordou.

Quando eles se foram, ela se dirigiu novamente a Gary.

Ele parecia preocupado, mas se sabia o que eles estavam tramando, escondeu bem.

"Vou voltar para casa."

Não, você não está.

"Preciso de sua ajuda com algo primeiro."

"Do que você precisa?"

"Mostre-me no mapa exatamente onde você colocou as cargas."

"Eu lhe disse antes, não há como Lily ter ficado presa na avalanche".

"Por favor? Para minha paz de espírito?"

Gary deu de ombros e a seguiu até a mesa de jantar.

"Aqui." Ele colocou um dedo sobre a imagem perto do topo de um pico oriental. "Aqui e aqui."

Chase usou um marcador preto para desenhar Xs nos locais que ele indicou.

"Ótimo. Acho que você tem razão, se a neve caiu pelos fundos, é impossível que Lily tenha conseguido chegar perto de sua cabana", ela

traçou uma linha da cabana 132 com o dedo até o X preto mais próximo. Havia uns bons 800 metros de branco entre eles.

"Eu lhe disse. Fazemos essas explosões controladas uma ou duas vezes por temporada. Nunca aconteceu nada de errado."

Ah, mas tem. Basta perguntar à Roxie e às outras garotas desaparecidas.

"Agora, vou voltar para o snowmobile e..."

"Mais uma coisa. Você mencionou que todos os socorristas de esqui usam coletes e que todos estão equipados com dispositivos de rastreamento?"

"Sim", disse Gary hesitantemente, sem saber onde ela queria chegar.

"Caso eles fiquem presos na neve, poderemos localizá-los."

"Como você os rastreia?"

"Em um computador." Ele não estava apenas hesitante agora; estava totalmente desconfiado.

"Quero que você me mostre. Quero que me mostre onde cada membro de sua equipe estava quando as explosões aconteceram."

E quando Lily desapareceu, Chase pensou, mas não disse nada.

Capítulo 30

Chase seguiu Gary até uma pequena sala no final do corredor do saguão com a inscrição "SKI RESCUE" na porta.

Ela permaneceu atrás dele o tempo todo, pronta para sacar a arma se ele desse a entender que estava tentando alguma coisa.

"Eu realmente não entendo por que você quer ver nossos rastreadores. Éramos eu, Mark, Donnie e Blair. Não vimos a Lily nem a mãe dela."

"É que... eu quero ver o quão perto vocês chegaram da cabana. Às vezes, vemos algo e nem pensamos que é importante. Se, digamos, um dos tripulantes não se lembrar de ter passado pela cabine e nós mostrarmos a ele, isso pode desencadear algo."

Era uma mentira fraca, mas melhor do que a besteira esquisita que ela havia inventado para Meredith. Embora, para ser justo, a mulher tivesse inventado aquela história praticamente sozinha e Chase a tivesse seguido.

A principal característica da sala era um terminal de computador, mas havia pilhas de equipamentos aleatórios encostados nas paredes, incluindo uma enorme pilha de raquetes de neve.

Gary sacudiu o mouse, despertando o computador.

Não havia nenhuma senha ou login - a segurança não parecia ser uma prioridade no resort exclusivo - e Gary abriu rapidamente um software.

Ele se sentou enquanto uma imagem preenchia a tela. Chase reconheceu que era o mesmo mapa do resort que eles estavam usando para organizar a equipe de busca.

"Você quer ver esta manhã?"

"Sim."

Gary usou um controle deslizante na parte inferior para voltar no tempo. Luzes de cores diferentes - vermelha, verde, preta, amarela - ocasionalmente se deslocavam pelo mapa, enquanto todo o resto permanecia estático.

Gary parou de rebobinar.

"Estamos nos reunindo no saguão antes de sairmos."

As quatro luzes apareceram sobrepostas ao chalé. O registro de data e hora dizia 4:46 AM.

"Eu sou o negro."

Gary apertou o play. Os pontos começaram a se mover, saindo do chalé e indo rapidamente em direção às cabines.

Chase prendeu a respiração quando passaram por baixo de toda a casa de hóspedes antes de seguir para o norte. A cabana de Lily estava mais para o centro do aglomerado e, de acordo com a palavra de Gary, nenhum dos pontos se aproximava remotamente dela.

Ela se inclinou para dar uma olhada melhor, com a mão agora atrás dela e segurando a coroa da arma.

Os pontos pararam a cerca de um quarto da subida da montanha.

"É aqui que guardamos os explosivos - em um galpão longe do chalé."

Aposto que você nem mesmo a tranca.

Gary acelerou um pouco o tempo até que os pontos voltassem a subir. Eles estavam se movendo mais lentamente agora, e ele explicou que a neve era pesada e que a montanha era mais íngreme aqui. Eles não queriam correr o risco de causar uma avalanche acidental com seus veículos de quatro rodas ou com o snowmobile.

Green se separou do grupo, tomando um rumo mais a oeste do que os demais.

"Para onde ele está indo?"

Esse é o Blair. Ele é o vigia. Tem um conjunto de binóculos e se certifica de que tudo está limpo. Depois de definirmos as cargas, ele nos dá o sinal verde."

Chase fez uma anotação mental para perguntar a Blair se ele tinha visto Lily ou sua mãe. Era improvável - o jovem teria dito o mesmo - mas valia a pena tentar. Como ela havia dito a Gary, às vezes, no calor do momento, no choque do desaparecimento de uma garota, as coisas eram esquecidas. O cérebro humano priorizava a sobrevivência em detrimento dos detalhes.

Os pontos vermelhos, amarelos e pretos continuaram a subir, enquanto os verdes permaneceram parados.

Em seguida, pararam, descansaram e se espalharam um pouco.

"Estamos definindo as acusações."

As localizações dos pontos correspondiam aproximadamente às áreas que Chase havia marcado anteriormente com Xs pretos no mapa.

"Então nós nos afastamos e - que diabos?" Gary parou de falar.

O amarelo e o vermelho avançaram abaixo do verde, a uma distância segura dos explosivos. O preto, no entanto, começou na mesma direção antes de se separar do grupo. Ele seguiu para o sul em direção às cabines.

"Não, não", disse Gary com firmeza. "Isso não está certo. Eu fiquei perto do topo."

Chase tirou silenciosamente a arma do cós da calça e deu um passo para trás.

"Você viu o Donnie e o Mark?"

"Não... estava nevando muito forte. Mas todos nós já fizemos isso antes, sabemos para onde ir. Eu... eu não voltei para baixo, no entanto. Que diabos está acontecendo?"

Por trás, Chase podia ver as orelhas de Gary ficarem vermelhas enquanto ele continuava a resmungar em descrença.

O ponto preto se dividiu entre as cabines 142 e 144. Em seguida, fez uma curva acentuada antes de parar diretamente em frente à 132.

Gary deve ter visto Lily antes, supôs Chase, e então, usando a neve como cobertura, voltou para baixo para pegá-la.

"Isso... isso não está certo. Eu não fui por esse caminho. Que diabos está acontecendo?" Gary girou a cadeira. "Agente Adams, aqui é..."

Ele foi recebido pelo cano da arma de Chase, apontada para o centro da massa.

"Não se mexa", ordenou Chase entre dentes cerrados. "Não se mexa, porra."

PARTE III - Os bonecos de neve

Capítulo 31

"É bem aqui embaixo", disse Meredith enquanto os três, Raven, Georgina e o concierge, percorriam o porão do chalé Silver Peaks. Quando Chase lhes deu a tarefa de vasculhar os arquivos antigos dos funcionários, Georgina havia imaginado algo muito diferente: tetos abertos e sujos, tubos de ventilação. Teias de aranha.

Estilo filme de terror.

Mas não era assim, de forma alguma. Os corredores do porão eram bem iluminados, completamente acabados.

"Então... sua tia está em uma força-tarefa ou algo assim?"

Georgina lançou um olhar para Raven.

"Algo parecido com isso."

"Deve ser muito intenso lidar com os cartéis."

Raven fez uma careta e pronunciou a palavra "cartéis" nas costas do concierge. Georgina deu de ombros.

"Ela não fala muito sobre seu trabalho."

"Ahh. Bem, este é o escritório do gerente geral", disse Meredith, parando em frente a uma porta. Ela colocou uma chave na fechadura. Ao girá-la, ela acrescentou: "Aviso justo, Marvin não é a pessoa mais arrumada".

Meredeth abriu a porta com a palma da mão e ficou na entrada.

"Os arquivos devem estar..."

"Obrigada." Georgina deu um sorriso apaziguador para a mulher.

"Nós cuidaremos disso a partir daqui."

Ela queria ficar sozinha com Raven.

"Tem certeza?"

"A agente Adams não costuma falar sobre seu trabalho, mas quando o faz, ela enfatiza a importância de manter tudo no mais absoluto sigilo." Isso não fazia muito sentido, já que ela e Raven eram apenas adolescentes não afiliados, mas o concierge parecia quase admirado com o FBI, então Georgina seguiu com a ideia. "É melhor fazermos isso sozinhos."

Meredeth hesitou e, em seguida, suas sobranceiras bem cuidadas se ergueram.

"Ah, sim, é claro. Vou deixar você fazer isso. Você quer que eu..."

Ela fez tilintar a chave na fechadura.

"Pode deixar, nós vamos trancar tudo."

"Está bem. Boa sorte."

Georgina esperou até ouvir os passos da mulher recuando pelo

corredor. Havia um meio sorriso em seus lábios quando Raven se dirigiu a ela.

"*Confidencialidade estrita?*", disse ela em um tom de zombaria. "Você é uma Nancy Drew comum?"

Georgina riu e então parou imediatamente, sua mente se voltando para os eventos na WCI.

"Não, na verdade não. E quanto a você? O que o fez querer entrar no podcasting?"

Agora foi a vez de Raven ficar séria.

"Apenas... algo para fazer, eu acho".

Georgina detectou um motivo mais profundo, mas não a questionou.

A afirmação de Meredith de que Marvin, a quem Georgina supôs que o escritório pertencia, era um desleixado foi um eufemismo. O terminal do computador estava coberto de sacos de salgadinhos vazios e latas de energético amassadas. Havia uma lixeira, uma daquelas pequenas e redondas de plástico, mas ela estava transbordando com a mesma coisa. Uma camada não insignificante de poeira parecia cobrir quase tudo.

"Que nojo", disse Raven, franzindo o nariz. "Deveríamos ter respiradores para isso."

Georgina viu uma série de caixas escondidas em um canto.

"Provavelmente são eles."

Ela soprou a poeira da caixa superior, tossiu e acenou com a mão na frente do rosto.

"Você está certo sobre os respiradores."

Georgina abriu a primeira caixa e deu uma olhada em seu interior.

"Ei, Georgina? Como foi durante o tiroteio na escola?"

Georgina parou o que estava fazendo; suas mãos estavam começando a tremer.

"Não para o podcast", disse Raven rapidamente. "Eu só quero saber."

Ela fechou os olhos. Imagens e sons passavam por trás de suas pálpebras. Gritos. Aquele alarme incessante. Tyler deitado no chão, enquanto os outros alunos o esmagavam até entrar em coma.

A arma.

"Foi... aterrorizante." Sua voz ficou trêmula. "Eu tinha certeza de que ia morrer."

Se ao menos eu tivesse ficado em casa naquele dia. Se ao menos Chase tivesse me deixado ficar em minha cama.

"Droga, não sei o que eu teria feito nessa situação."

"Eu também não sabia o que fazer."

Quando Raven deixou a conversa morrer, Georgina distraiu seus pensamentos atacando as caixas novamente. A de cima continha o que

parecia ser uma declaração de imposto de renda ou algum tipo de recibo. Ela a colocou de lado e se debruçou sobre a próxima.

Mais receitas.

Enquanto ela fazia isso, Raven começou a colocar os artigos de jornal em um tapete no chão, da mesma forma que haviam feito em sua cabine.

"Alguma coisa?"

"Não."

Depois de concluir sua tarefa, Raven se juntou a ela. Elas estavam próximas o suficiente agora para que Georgina pudesse sentir o cheiro do suor da garota. Não era totalmente desagradável, e era um passo melhor do que o cheiro de suor do escritório de Marvin.

Foi perto do fundo das pilhas de caixas que Georgina finalmente encontrou algo. A caixa em si estava caindo aos pedaços, mas dentro dela, bem no topo, havia um relatório de incidente.

"Dê uma olhada nisso."

Raven leu o relatório em voz alta.

"Nas primeiras horas da manhã de 28 de março de 1986, Roxanne Capito saiu para caminhar com seu pai, Donovan, e sua mãe, Victoria. Havia uma nevasca moderada, com aproximadamente quatro polegadas de acúmulo. Donovan afirmou que eles estavam explorando o lado nordeste da montanha, a cerca de 150 metros do prédio principal."

"Eles não tinham cabanas naquela época, tinham?" perguntou Georgina.

"Não. O resort também era muito menor naquela época. Todos os quartos ficavam no chalé." Georgina assentiu com a cabeça e Raven continuou lendo. "Elas começaram a construir um boneco de neve juntas, mas a neve estava muito fofa. À medida que a nevasca se intensificava, Roxanne desceu a encosta em busca de neve mais fofa. Quando ela não voltou em cinco minutos, Victoria e Donovan foram procurá-la. Eles procuraram por vinte minutos até que Donovan entrou no prédio e informou que ela estava desaparecida. O resgate de esqui ainda não havia chegado e a polícia de Denver foi chamada. A neve tornou as estradas intransitáveis, e a equipe foi instruída a não fazer buscas até que eles chegassem, por medo de que outras pessoas se perdessem na tempestade. Donovan, Victoria e alguns convidados não respeitaram as instruções e foram procurar. A polícia de Denver chegou cinco horas depois e foi realizada uma busca intensa, que durou três dias. Durante esse período, o tempo continuou a piorar. Depois de três dias, a busca sem sucesso foi cancelada."

"Parece... parece exatamente o que aconteceu com a Lily", Georgina exclamou. Ela virou a página e viu uma fotografia colada no centro dela. A idade a havia transformado em um tom sépia, mas as três

pessoas que apareciam eram claramente visíveis: um homem com cabelos escuros curtos, uma mulher magra com traços pálidos e uma criança bonita e sorridente sem um dente da frente. Parecia ser uma cena de praia, embora a única razão pela qual Georgina sabia disso era por causa dos trajes de banho que todos usavam - o fundo estava desbotado.

"Um dos pais deve ter dado isso para a equipe de resgate", disse Raven.

"Sim. Você consegue imaginar o que eles devem ter passado? Não saber o que aconteceu com a filha deles? Como você segue em frente?"

"Você só... você meio que faz, eu acho".

O comentário era peculiar por si só, mas o tom de Raven sugeria um entendimento mais profundo.

Quase um parentesco.

Georgina baixou o relatório e olhou para sua amiga.

"Raven, por que você realmente quis fazer podcasting?"

Raven abaixou a cabeça.

"Tudo bem se você não quiser..."

E então a garota começou a falar.

Capítulo 32

"Eu tinha doze anos quando fui para casa com minha amiga depois da escola." A voz de Raven era impassível, algo com que Georgina estava familiarizada. Era uma forma de se distanciar da situação, como um narrador imparcial de sua vida. Ela havia usado exatamente o mesmo tom quando falou pela primeira vez com o Dr. Matteo sobre o tiroteio na escola. "Ela era minha melhor amiga - nos conhecemos na primeira série. Seu nome era Penelope, mas todos a chamavam de Penny. Eu queria um lanche, então entramos em sua casa. Sua mãe não trabalhava e sempre tinha um lanche pronto para Penny quando ela chegava em casa. Só que, naquele dia, não havia nada preparado. Penny chamou por sua mãe, mas ela não respondeu. O problema é que o carro dela estava na entrada da garagem, e ela geralmente esperava Penny na porta. Então, subimos as escadas..."

Raven estremeceu.

"Havia muito sangue. Tanto sangue, Georgina. Nas paredes, no chão e até no teto. A mãe de Penny estava morta, assim como seu pai. Outro homem - por mais de um ano eu não conseguia tirar essa imagem da cabeça - também estava morto. Ele estava nu, deitado de costas, no estilo estrela do mar. Sua cabeça estava apoiada em um travesseiro e ele estava olhando para mim. Sei que isso é estúpido, ele estava definitivamente morto, mas juro que ele estava *olhando* para mim."

Outro estremecimento a percorreu, mais violento que o primeiro, e Georgina, por reflexo, colocou uma mão sobre a de Raven.

No momento em que suas peles se tocaram, a visão de Georgina começou a se afunilar.

"Mamãe?" Penny grita enquanto joga sua bolsa no sofá. "Mãe, a Raven está aqui!"

Eu sigo Penny até a cozinha.

"Não há lanches", diz ela. "Isso é estranho." Penny se afasta e vira a cabeça para a escada. "Mãe!"

Esperamos.

"Fique aqui", diz Penny. Ela parece preocupada e o sentimento se espalha para mim.

"O-" Algo pinga em minha bochecha. "- Ok."

Assustado, pisco os olhos e limpo o líquido. As pontas dos meus dedos voltam a ficar vermelhas.

Mas que diabos?

Viro a cabeça para cima e noto uma mancha vermelha escura, quase marrom, no teto. Outro gotejamento, dessa vez em minha testa.

"Mãe? Onde você está?" Penny diz em uma voz cantada do primeiro degrau.

"Talvez eu deva ir com você."

Duvido que ela esteja ouvindo, mas já estou alguns passos atrás dela.

Penny chega à porta do quarto de seus pais quando eu chego ao patamar. Ela diminui a velocidade, percebendo que ela está entreaberta.

"Mãe?"

Penny abre a porta com cuidado e depois grita.

"O quê? O que é isso?"

Minha melhor amiga se vira e eu corro para frente. Ela se move para me encontrar, mas seus pés escorregam.

Eu tento segurá-la, mas ela é um pouco maior do que eu. Nós dois caímos.

Eu me esforço para nos colocar de pé - Penny parece ter perdido o uso de seus membros -, mas continuamos escorregando em um líquido vermelho.

Sangue.

Finalmente levanto a cabeça, e é aí que vejo a carnificina.

O sangue não está apenas no chão, mas cobre quase todas as superfícies da sala.

Eu grito, ou pelo menos acho que grito. Talvez seja a Penny.

Talvez sejamos nós dois.

Meus olhos se desviam para a cama, e é então que o vejo. Não é o pai da Penny - ele é baixo e meio gordinho -, mas outra pessoa.

Um homem aleatório.

Ele está nu, com o peito peludo coberto de sangue pegajoso.

Seus olhos estão abertos e voltados diretamente para mim.

Georgina ofegou e puxou a mão para trás.

"Que diabos... que diabos acabou de acontecer?" disse Raven, com a cor voltando à sua voz.

Georgina havia experimentado algo semelhante quando tocou Tyler, mas não era menos estranho agora.

Era tão vívido, tão *real*, que a deixou sem fôlego.

"Georgina?"

"Eu não... eu não sei", ela sussurrou. "Eu só... Raven, sinto muito."

A garota voltou a ter aquele olhar distante em seus olhos.

"Os policiais disseram que foi um assassinato-suicídio, que o pai de Penny chegou em casa mais cedo e encontrou a mãe dela na cama com outro homem. Ele matou os dois com uma faca antes de cortar a própria garganta."

"Isso é horrível."

Agora as lágrimas começaram a cair.

"Foi - oh, Deus, foi horrível - mas a Penny teve uma situação pior. Ela... ela não conseguia lidar com isso. Foi morar com a tia em Dakota do Sul e perdemos contato. Só descobri três meses depois que ela havia tomado suas próprias pílulas. Pílulas".

"Oh, Raven. Eu sinto muito, muito mesmo." Georgina queria abraçar sua amiga, mas estava preocupada que ela pudesse ver as coisas novamente.

Raven enxugou as lágrimas dos olhos com a parte de trás da manga.

"Mas esse não foi o motivo pelo qual eu quis começar um podcast. Cerca de um ano depois, alguém lançou um podcast sobre a família da Penny. Era... horrível. Eles inventaram todo tipo de coisa sobre eles. O que o pai da Penny fez... não consigo nem pensar. Não consigo *mesmo*. Mas ele simplesmente surtou, sabe? Não estou defendendo isso, de jeito nenhum. Mas antes disso, ele não era uma pessoa ruim. Acho que isso não vende anúncios ou algo assim, porque o podcast dizia que ele batia na esposa e que abusava da Penny de maneiras que você nem poderia imaginar. Isso... essas coisas nunca aconteceram. *Nunca*. É por isso que eu quero começar um podcast. Para contar a verdade".

Georgina sentiu seu peito apertar. Ela já tinha visto coisas horríveis em sua vida, mas tinha sido condicionada a elas desde muito jovem. O que Penny, ou mesmo Raven, apenas pré-adolescentes normais, devem ter passado era inimaginável.

"De qualquer forma, vamos continuar procurando."

"Mas..."

"Não, está tudo bem, de verdade, Georgina. Eu fiz aconselhamento - ainda faço - e estou melhor."

Você nunca melhora, pensou Georgina. *Nunca*.

Você segue em frente, com certeza - você tem que seguir, caso contrário, você fica preso em sua própria cabeça e acaba como a Penny. Mas você não melhora, não volta a ser o que era antes.

Ficou claro que Raven já havia terminado a conversa.

Georgina, com relutância, voltou a examinar as caixas.

Ela estava tão distraída que quase jogou a primeira pilha de papéis de lado sem nem mesmo lê-los.

Mas então seus olhos caíram na primeira página.

Era um registro de funcionário - era o que eles estavam procurando.

E era antigo.

A mais antiga data de 1982. Harry Norsen foi contratado como gerente geral do resort, então chamado simplesmente de The Colorado Ski Resort. Incluía seu currículo, anotações de sua entrevista, bem como seu contrato. O homem ganhava US\$ 38.000 por ano, o que parecia pouco, mas estávamos em 1982.

"Ei, dê uma olhada nisso."

Georgina entregou o arquivo a Raven, que o escaneou.

"Alguma coisa depois do desaparecimento da Roxie? Desde a época em que a segunda garota desapareceu? De... 1986 em diante?"

Georgina atacou a caixa novamente. Havia outras contratações, a maioria apenas de funcionários da cozinha ou do serviço de quarto, mas então ela encontrou outra relacionada a um GM diferente.

Foi datado de dois anos após o desaparecimento de Roxie.

"Encontrei algo", disse Georgina. "Parece que o Sr. Harry Norsen foi dispensado em 89 e outra pessoa tomou seu lugar."

Raven se inclinou sobre seu ombro e Georgina prendeu a respiração, preocupada com a possibilidade de a garota tocá-la.

Ela não o fez e Georgina relaxou.

"Daniel Moore", disse Georgina em voz alta. "Vinte e seis anos de idade." Ela folheou a página. Daniel ganhava uns bons dez por cento menos que Harry.

Talvez o resort tenha sofrido um golpe depois que a notícia da garota desaparecida se espalhou?

Georgina continuou a virar as páginas. A última continha uma fotocópia da carteira de identidade de Daniel. Ela mostrava um homem sem sorriso, com cabelos curtos e olhos fundos na cabeça.

"Parece amigável", brincou Raven. Ela pegou o celular e tirou uma foto. "Você acha que talvez..."

"Espere", disse Georgina. "Espere um segundo." Ela olhou para os artigos de jornal dispostos ordenadamente no chão. "Você tem aquele artigo de quando a Roxie desapareceu?"

Raven o pegou.

"O que você está pensando?"

Georgina não respondeu enquanto pegava a página de Raven. Ela colocou a imagem da identidade de Daniel ao lado da imagem dos três membros da família Capito.

"Putá merda", disse Raven. "É a mesma pessoa."

Georgina apertou os olhos. Havia pelo menos três anos entre as imagens tiradas, e o homem em questão parecia ter envelhecido no mínimo quatro vezes mais.

Seus olhos estavam muito mais escuros na identificação e seu rosto estava coberto de linhas finas.

Mas Raven estava certa.

Era ele.

Donovan Capito era Daniel Moore.

Georgina largou as duas páginas e se esforçou para pegar o walkie-talkie.

Ela pressionou o botão três vezes com os dedos dormentes.

"Meatloaf", disse ela. "Chase? Meatloaf, meatloaf, *meatloaf!*"

Capítulo 33

"Estou lhe dizendo, eu não desci a porra da montanha até *depois* que as bombas explodiram", disse Gary, levantando as mãos. "E *nunca* cheguei perto daquela cabana."

Ele parou a reprodução, que mostrava claramente o ponto preto fora da cabine 132, enquanto os outros, verde, amarelo e vermelho, permaneciam perto do pico.

"Seu colete de rastreamento conta uma história diferente."

"Por favor", ele implorou. "Há algo errado. Eu *não desci* a montanha."

Gary começou a se levantar, e Chase endireitou o braço com a arma.

"Fique abaixado."

Ele se recostou na cadeira.

"Apenas me diga onde ela está, para onde você a levou".

"Levou *quem*?"

"Lily."

Gary parecia mais do que confuso agora.

"*Lily*? Lily desapareceu durante a tempestade".

"Acho que não. Acho que você viu ela e a mãe dela no caminho para plantar as bombas, depois usou a neve como distração para voltar para baixo. Você encontrou Lily em sua cabana sozinha e a levou."

"De que diabos você está falando?"

O rosto de Gary começou a ficar vermelho, e Chase decidiu mudar sua abordagem.

"Quantos anos você tem, Gary?"

"Por que importa a minha idade? Eu não cheguei perto daquela garota! Ela está perdida na porra da neve!"

"Quantos anos?"

"Tenho cinquenta e três anos, pelo amor de Deus."

Era um pouco jovem, mas ele poderia estar mentindo. Ou poderia estar trabalhando com um parceiro. Um parceiro mais velho.

Outra possibilidade é que sua primeira morte tenha ocorrido quando ele ainda era um adolescente, como aconteceu com Kemper e Pomeroy.

"Há quanto tempo você está trabalhando no resort?"

"Desde 2006. Quase vinte anos. Não sei o que você acha que eu fiz, mas eu não fiz isso. Não tive nada a ver com o desaparecimento daquela garota. E eu *não desci a montanha*."

Mantendo a arma apontada para o homem, Chase pegou a gaveta da escrivaninha. Lá dentro, ela viu um grande laço preto com zíper. Ela o atirou em Gary, e ele caiu em seu colo.

"Coloque-o. Prenda seu pulso na cadeira."

Ela gostaria de usar três ou quatro deles, mas só conseguiu encontrar um.

"Por favor."

"Coloque-o. Agora."

Com relutância, o homem o enrolou em seu pulso e no braço da cadeira. Quando terminou, Chase se inclinou para frente e a puxou com força.

Confiante de que Gary não seria capaz de atacá-la enquanto estivesse amarrado à pesada cadeira do escritório, Chase apertou o play no computador e, em seguida, pulou para trás. O ponto preto deixou a cabine e voltou a subir. Mas, em vez de se encontrar com os outros membros da equipe de resgate de esqui, o ponto se desviou para a direita e parou logo abaixo de um dos picos da montanha.

Não havia nada lá. Apenas outra área branca e em branco no mapa.

"Foi para lá que você a levou, Gary? Foi para lá que você levou a Lily?"

"Eu não a levei! Você entendeu tudo errado. Eu nunca faria mal a ninguém. Por favor, você precisa acreditar em mim. Deve haver algo errado com o rastreador."

"Cale a boca. O que está acontecendo? O que está aí, Gary?" Chase apontou com a mão livre para o ponto preto na tela.

Gary desviou os olhos da arma e olhou para o monitor.

"Não sei, nada. Não há nada lá."

"Você está mentindo!"

"Eu nem mesmo vou tão longe no leste. Não sei!"

Chase estava prestes a perguntar novamente quando seu walkie-talkie explodiu, assustando-a.

"Meatloaf!" Georgina gritou.

Chase pegou o dispositivo em seu quadril e, quando o fez, Gary avançou. Ele quase a alcançou.

Quase.

Mas sua cadeira rolante tombou e o homem caiu para frente, caindo de cara no chão. Ele grunhiu de dor.

"Por favor... eu não fiz nada..."

Seu som era nasalado, e Chase suspeitou que o homem tivesse quebrado o nariz durante a queda.

Bom. Muito bom.

É bem feito para ele.

Chase atendeu ao walkie-talkie, interrompendo outro grito de *bolo de carne* de Georgina.

"Georgina? O que está acontecendo?"

"Acho que encontramos algo."

"Não pelo walkie-talkie. Encontre-me no saguão."

"K. Rápido, Chase."

Chase colocou o rádio no modo silencioso e olhou para Gary, que ainda estava no chão. Ele já havia se recuperado quase totalmente da queda e estava tentando rolar. Parecia impossível com a cadeira em suas costas.

Ela deu uma última olhada no computador e memorizou o melhor que pôde o local geral onde o ponto preto finalmente parou.

"Fique deitado, Gary. Se você sabe o que é bom para você, vai ficar no chão".

Capítulo 34

"O que, exatamente, estamos procurando?" perguntou Donnie.

"Achamos que talvez Lily possa ter voltado para uma das cabanas", disse Tate.

Eles estavam procurando a sexta cabine, todas vazias até aquele momento, quando Donnie finalmente fez a pergunta.

"É um tiro no escuro, você não acha?"

"Sim, provavelmente."

Tate não estava interessado em mais perguntas. Mais perguntas inevitavelmente levariam o garoto à conclusão de que sua explicação não fazia muito sentido.

Todas as cabines que haviam procurado até agora estavam trancadas. Claro, havia a possibilidade de Lily ter entrado em uma cabine destrancada e trancado a porta atrás de si, mas isso parecia altamente improvável.

Uma criança de sete anos, fria, confusa e perdida, com presença de espírito suficiente para se trancar em casa, mas sem o bom senso de pegar o telefone?

As chamadas externas não estavam funcionando, mas Tate tinha certeza de que o sistema interno do resort ainda estava operacional. E havia um botão no próprio telefone que dizia "Recepção". Mesmo que ela não soubesse ler bem, poderia simplesmente pressionar um dos três botões para tentar falar com *alguém*.

O mais provável, embora no grande esquema de possibilidades, também parecesse perigosamente baixo, era que o sequestrador tivesse levado Lily para uma cabana e trancado a porta.

Antes da confusão de um voo inicialmente destinado ao Havaí, Tate havia repreendido Chase por ter trazido sua pistola do FBI.

Agora, ele desejava ter feito o mesmo. Se ele encontrasse o sequestrador, teria que lutar com as próprias mãos.

Não era sua primeira vez, mas parecia um risco desnecessário.

"Lily?", ele gritou. "Lily, você está aqui?"

A porta do quarto estava fechada, mas Tate podia ver o resto da cabine do lado de dentro da porta.

Sem resposta.

Tate foi em direção ao quarto, com as mãos fechadas ao lado do corpo.

"Sr. Abernathy?" Donnie disse atrás dele.

"Sim?" Tate chamou por cima do ombro.

"Vou desligar o veículo de quatro rodas para economizar gasolina."

"Está bem."

O garoto era forte e saudável e, por mais que fosse reconfortante ter alguém ao seu lado caso ocorresse uma briga, Tate não queria

colocar mais ninguém em risco.

Ele alcançou a porta e a abriu rapidamente, empurrando-a com força contra a parede dos fundos.

"Lily!", gritou ele, entrando no quarto.

Ela estava vazia.

Foda-se.

Atrás dele, Tate ouviu a porta da cabine abrir e fechar. Ele deu uma olhada rápida no armário e embaixo da cama só para ter certeza.

Ele pensou: "*Vamos para a próxima.*"

Tate estava se dirigindo para a entrada quando ouviu o que ele pensou ser a voz de Georgina.

Mas que diabos?

Ela estava gritando alguma coisa.

Algo que soava como *Meatloaf*, entre todas as coisas.

E estava vindo de fora.

Tate se preparou para enfrentar o frio e o vento ao sair da cabine.

Ele a ouviu novamente. Estava distorcida pela tempestade e também por outra coisa.

Estático.

Georgina não estava do lado de fora - Tate estava ouvindo o walkie-talkie, que ele havia esquecido no veículo de quatro rodas.

"Donnie?" Com os olhos arregalados, Tate mal conseguia distinguir o leve contorno do veículo. "Ei, Donnie, me passe o..."

Um rosnado horrível veio de sua direita. Um lobo, um urso.

Um predador.

Tate tentou se virar, mas seus pés ficaram presos na neve. Ele vislumbrou algo correndo em sua direção - um borrão de branco rosnando, um lampejo de pelo coberto de neve.

"Que porra é essa?"

Algo o atingiu na lateral da cabeça, e Tate se curvou.

Capítulo 35

Chase encontrou sua sobrinha e Raven no saguão. As duas meninas estavam pálidas, e parecia que Raven estava chorando.

"O que há de errado? É o Gary? Você descobriu algo sobre o Gary?"

Georgina fez uma careta.

"Quem?"

"Gary... Gary Devers, o chefe da equipe de resgate de esqui." Quando as duas garotas ficaram olhando para ela, ela balançou a cabeça. *Elas já haviam se esquecido?* "Não importa. O que você encontrou?"

Raven entregou a ela duas pilhas finas de papéis que estavam grampeados juntos.

"O que é isso?"

"Veja", instruiu Georgina.

Chase deu uma olhada nas páginas.

"O que estou procurando?"

Georgina estendeu a mão e folheou a última página de ambas as pilhas. Chase viu uma foto de uma família - homem, mulher, criança - e depois uma carteira de identidade de alguém chamado Daniel Moore.

"O que isso significa, Georgina? Não estou entendendo."

Sua frustração estava aumentando, e ela se lembrou dos pequenos jogos de adivinhação que Linus costumava fazer.

Eles não tinham tempo para isso quando ele o fez, e definitivamente não tinham tempo para isso agora.

Lily ainda poderia estar lá fora... naquela área onipresente de neve perto do pico da montanha. Ela provavelmente estava morta, mas se Gary tivesse uma cabana secreta lá em cima...

"O homem cujo filho desapareceu, a primeira criança, Roxanne, está registrado como Donovan Capito no relatório da polícia. Mas é o mesmo homem que se tornou o gerente geral do resort dois anos depois. Só que ele mudou seu nome. Agora é Daniel Moore".

Chase sentiu a respiração presa quando olhou para as fotos pela segunda vez. Não havia dúvida de que era o mesmo homem.

Mas o que isso significa?

"Muito bem, bom trabalho. Preciso ligar para Linus novamente. Espere aqui."

Chase levou os papéis com ela ao voltar para a área de check-in.

"Meredeth?"

A mulher não estava atrás de sua mesa.

"Meredeth?" Chase chamou novamente.

Quando ainda não havia sinal da mulher, Chase foi para o outro lado do balcão. Lá, ela viu o telefone via satélite onde o havia

deixado.

Ela pegou o telefone e discou o número de Linus de memória. Já passava das dez na Virgínia e o homem devia estar acordado.

Atenda o maldito telefone, Linus. Por favor.

O telefone tocou uma, duas vezes, e Chase se conformou com o fato de que ele não iria atender.

Uma mensagem gravada começou, e Chase disse: "Linus, me ligue de volta. Estou preso em uma maldita nevasca e...".

Houve um clique e Chase pensou que o que ouviria em seguida era que sua caixa postal estava cheia.

"Alô?"

Não era uma mensagem ou uma gravação, mas o próprio Linus.

"Linus! Graças a Deus, é o Chase. Preciso de sua ajuda."

"Ch-Chase?"

"Sim, eu..."

"Você não está em Ha-Hawaii?"

O homem parecia estar bêbado.

"Não, não estou no Havaí. Estou preso em Denver em uma nevasca. Eu preciso..."

"O quê? Por que você está em Denver?"

"Não importa. Saia dessa, Linus." Silêncio. "Linus?"

"Chase, eu sinto muito." Agora, o homem estava soluçando, entre todas as coisas. "Eu não consegui fazer isso... Eu simplesmente não consegui. E quase..."

"Saia dessa!" Chase gritou. Raven e Georgina ficaram boquiabertas, e Chase deu as costas para as duas. "Sim, eu sei que você fez merda. Todos nós fizemos merda. Mas sabe de uma coisa? Eu fiz besteira muito pior do que você. Ninguém morreu por sua causa."

"Mas Georgina..."

"Você quer ajudar a Georgina? Então ouça o que eu tenho a dizer."

"Chase..."

"Pare de sentir pena de si mesmo, Linus. Pare com isso. Eu preciso de sua ajuda - *nós* precisamos de sua ajuda."

Linus fungou alto e depois limpou a garganta.

"Do que você precisa?"

Muito bom. Isso foi mais fácil do que ela pensava.

"Preciso saber sobre um homem chamado Daniel Moore. Achamos que seu nome costumava ser..." Chase olhou por cima do ombro e estalou os dedos.

"Donovan Capito", disse Raven.

Chase transmitiu o nome.

"Ele era o gerente da Silver Peaks em..."

Dessa vez, ela não precisou pedir a nenhuma das meninas.

"1986."

"Certo, 86. Também quero saber tudo o que você puder encontrar sobre Gary Devers. Ele é o atual chefe da patrulha de esqui daqui."

"Entendi." Linus parecia mais ou menos sóbrio agora. "Mais alguma coisa que possa me dar?"

"Sim, há um grupo de crianças, meninas, que desapareceram deste lugar desde o final dos anos 80 até os dias atuais. Há algumas interrupções, e eu preciso saber por quê."

"Início dos *anos 80*? Será que estou ouvindo direito?"

"Sim", disse Chase com impaciência. "Preciso de tudo o que você puder encontrar o mais rápido possível..."

"Alguém levou meu bebê!", gritou uma mulher.

Era Suzanne Rowan, e ela entrou cambaleando no saguão.

"Meu bebê não desapareceu! Alguém a levou! Os cartéis!"

Os... cartéis?

E então Chase se lembrou das mentiras que havia contado a Meredith.

"Me foda de lado. Tenho que ir. Linus, me ligue de volta quando encontrar algo - este número. Os telefones celulares não estão funcionando."

Ela desligou e correu em direção a Suzanne, cujos gritos começaram a atrair uma multidão. Atrás da mulher perturbada, ela viu Meredith fazendo o possível para acalmá-la.

Fodedor.

Ela lhe disse.

"Sra. Rowan, a senhora precisa falar mais baixo."

Suzanne concentrou sua atenção em Chase.

"Alguém levou a Lily!", gritou ela.

Suzanne a alcançou, e Chase saiu do caminho.

"Você contou a ela?" disse Chase, direcionando sua ira para Meredith.

"Ela estava muito chateada e eu..."

Enquanto Chase estava distraído, Suzanne a atacou novamente. Dessa vez, Chase foi pega de surpresa e Suzanne conseguiu agarrá-la pelos ombros.

Em seguida, ela gritou no rosto de Chase.

Dessa vez, não houve palavras, apenas um grito horrível e agudo.

"Que diabos está acontecendo?" Um homem gritou.

Outra pessoa respondeu: "Lily foi sequestrada!"

Chase ignorou tudo isso e se concentrou em tentar se libertar da mulher.

Mas o desespero de Suzanne a tornou forte.

"Deixe... ir... de... mim..."

Chase se contorceu e se retorceu, tentando se livrar do aperto da mulher.

"Chase?"

Georgina tentou ajudar, mas Suzanne lhe deu uma cotovelada e ela se jogou no chão.

Agora Chase estava imbuído do poder bruto de alguém desesperado para proteger sua família.

Ela cortou para baixo com a lâmina de sua mão direita, finalmente quebrando o controle da mulher.

"Não me agarre de novo", alertou Chase. Quando Suzanne pareceu se fechar em si mesma, Chase ajudou Georgina a se levantar.

"Estou bem", disse a garota, massageando a parte inferior das costas. "Estou bem."

Todos haviam saído da sala de jantar para ver o que estava acontecendo.

E eles estavam com raiva.

Muito irritado.

Chase tinha de assumir o controle. Isso dava uma sensação de mentalidade de máfia e, da última vez que isso aconteceu, alguém acabou em coma.

Uma criança.

Ela sabia o que tinha de fazer, mesmo que não quisesse.

Simplesmente não havia outras opções.

Pelo menos, nenhuma que ela pudesse imaginar.

Chase tirou a arma da calça e apontou-a para o alto, com o dedo encostado no guarda-mato.

"Todo mundo cala a boca e se acalma!"

Capítulo 36

"Você está bem?" perguntou Ben, inclinando-se para perto de Rachel.

Rachel acenou com a cabeça.

"Apenas um pouco abalado. Não posso acreditar que aquela garotinha..."

"Eu sei." Ben assentiu com a cabeça. "E quanto à noite passada?"

Rachel sentiu suas bochechas ficarem vermelhas e olhou para suas botas.

"Sim, também não me importo com isso."

A noite passada não tinha sido a primeira vez que ela fez sexo, mas foi a melhor que ela teve. E ela gostava de Ben. Billy tinha sido bom, e ele tinha sido gentil com ela apesar da merda que seu pai o tinha feito passar. Mas eles não tinham se entrosado.

E ele não parava de perguntar sobre o tiroteio.

Rachel havia feito um voto para si mesma de que Georgina era sua prioridade. A garota havia ficado com ela durante alguns momentos difíceis, e merecia ter alguém cuidando dela também.

"O que vai acontecer conosco?"

Agora era a vez de Ben se interessar terrivelmente pelos dedos dos pés de suas grossas botas pretas.

"Eu não... não sei. Talvez possamos nos ver nos intervalos?"

Rachel percebeu que ele estava apenas falando da boca para fora, mas não o culpou. Para começar, era uma pergunta infantil. Ben e sua família moravam aqui no Colorado e Rachel na Virgínia.

Eles estavam a mais de 1.500 milhas de distância.

"Talvez."

"Ei, aquela sua prima é um pouco diferente, não é?"

Os olhos de Rachel se arregalaram.

"Ela é minha meia-irmã. E ela não é *diferente*". Suas palavras saíram duras.

"Eu não quis ofendê-lo."

"Sim, bem, ela é uma garota doce. Já passou por muita coisa. Não acho que..."

"Alguém levou meu bebê!" O grito veio do saguão e os olhos deles se voltaram para lá.

Ben se empurrou para fora da parede.

"O que está acontecendo?"

Rachel deu de ombros. Ela não fazia ideia.

"Alguém raptou a Lily!"

Rachel imediatamente começou a se mover, mas Ben não a acompanhou.

"Eva?"

Rachel olhou para trás. Eva estava brincando com suas bonecas no chão, a alguns metros de distância, fora do alcance dos ouvidos.

Seus dois bichos de pelúcia - um cachorro e um dragão colorido de algum tipo - ainda estavam no chão, mas Eva não estava mais brincando com eles.

"Eva?" Ben disse mais alto.

Os gritos do saguão continuaram a chegar até eles. Eles estavam se tornando mais intensos.

"Onde diabos está Eva? Rachel? Você viu Eva em algum lugar?"

Rachel virou a cabeça para trás.

"Não... Eva estava bem ali." Ela apontou para os bichos de pelúcia.

"Eu sei. Mas onde diabos ela está agora?"

Rachel abandonou a ida ao saguão e começou a procurar na área de estar para a qual eles haviam migrado depois que os convidados tinham ido comer.

Ela não estava em lugar nenhum.

Rachel sentiu sua garganta e boca começarem a secar.

"Eva? *Eva?*"

"Ela não está aqui", disse Ben desesperadamente. "Ela não está *aqui*."

Eles se olharam por mais alguns segundos até que Ben entrou em pânico.

"Vá procurar minha mãe. Diga a ela que Eva está desaparecida."

Rachel saiu apressada, com os gritos de Ben para sua irmã estimulando seus movimentos.

Ela encontrou Tom e Lori no fundo de uma multidão que havia se reunido em torno de Chase.

"Lori? Tom? Não conseguimos encontrar a Eva!"

"Como assim, você não consegue encontrar a Eva?" perguntou Tom com severidade.

"Ela estava jogando ao nosso lado, mas agora não está mais."

"O quê?" Lori ofegou.

Tom colocou sua esposa sob controle.

"Vá olhar no banheiro". E então, para Rachel, ele disse: "Mostre-me onde ela estava brincando".

Lori foi em uma direção, enquanto Rachel correu de volta para a área de estar.

Ben parecia petrificado.

"Ben, onde está sua irmã?"

"Eu não sei. Papai, eu não sei."

Todos olharam, primeiro na sala de estar, depois na sala de jantar adjacente. Finalmente, no saguão.

Lori reapareceu no momento em que eles terminavam de examinar o número crescente de convidados irritados.

"Você a encontrou?" Tom perguntou à sua esposa. "Lori, diga-me que Eva estava no banheiro."

"Não, ela não estava lá."

"Foda-se", disse Tom, canalizando o desespero de seu filho. "*Foda-se.*"

"Ela não está aqui... Eva se foi", choramingou Lori.

Todos os olhos se voltaram para as janelas acima das portas da frente, para a neve que caía sem parar.

E, de repente, duas mulheres gritaram que alguém havia roubado seu filho.

Capítulo 37

Para a maioria das pessoas, a visão de uma arma provocava uma de duas reações divergentes: pânico ou calma. O fato de um agente do FBI estar segurando a arma fez com que a maioria dos hóspedes do Silver Peaks Resort se inclinasse para a segunda.

Isso não durou muito tempo.

Um grito familiar, proferido por uma voz feminina diferente, quebrou a fina camada.

"Eva está desaparecida! Alguém levou a Eva!"

Chase teve que se mexer para encontrar o alto-falante em meio à multidão.

"Lori?"

Ela se aproximou da mulher com um cotovelo.

"O que está acontecendo?"

"E-eu-eu não sei. Eva estava aqui, agora ela *se foi*."

"Ela estava brincando bem ao nosso lado... deve ter se afastado", disse Rachel. O pânico também estava se instalando em seu rosto. Um aperto nas bochechas, um lábio superior tenso.

"Onde?"

"Bem ali." Rachel apontou. "Já procuramos em todos os lugares e ela não está aqui, Chase."

Chase cerrou a mandíbula.

"Alguém viu Eva?", disse ela, levantando a voz.

Todos os convidados olharam uns para os outros.

"Eva!" Chase reiterou. "Cabelo preto, rosto pálido. Sete anos..."

"Eles a levaram também!" Suzanne gritou. "O cartel levou Lily e Eva!"

Vá se foder, Meredith.

"Os cartéis?" Era o homem do celular, ainda procurando um motivo para desligar. "Que porra é essa?"

"Alguém viu as portas da frente abertas?" Chase gritou por cima dele.

Isso foi recebido com um leve balançar de cabeça. Ninguém viu, mas isso não significa que não tenha acontecido. Eles estavam em alvoroço por estarem presos.

"Alguém?"

"Eu estava perto das portas - elas não abriram", respondeu uma mulher com brincos grandes de ouro. "O que é isso sobre os cartéis?"

"Ela", Suzanne cuspiu, indicando Chase, "disse que um dos hóspedes está trabalhando para os cartéis de drogas. Eles estão usando crianças para contrabandear suas drogas!"

Chase viu alguém se escondendo nas sombras: Meredith.

"Ela perdeu o controle", disse o homem do celular. "Perdeu a

cabeça."

Era uma coisa horrível de se dizer, mas era melhor do que a alternativa.

"Não são os cartéis, é o maldito Yeti. Ele desceu a montanha e pegou outro garoto."

A palavra despertou uma lembrança recente de seu uso.

Chase, com a arma ainda sacada, dirigiu-se com raiva ao orador mais recente. O homem era magro, com ombros largos, nariz em forma de bico e cabelos castanhos esvoaçantes.

Ele lambeu os lábios nervosamente quando Chase se aproximou.

"Não comece com essa merda, ok? Nós não precisamos..."

"Estou falando sério." O homem não conseguiu evitar que seus olhos se desviassem para a arma de Chase ao seu lado. "Há rumores sobre este lugar. Que meninas desaparecem. Que um Yeti-".

"Pare", alertou Chase.

"Não existe Yeti", disse outro hóspede.

"Existe!", rebateu o homem com o nariz. "Eu já vi."

"Vá se danar. Você não o viu."

"Eu tenho! Quando eu era..."

"Pare!" Chase gritou.

Os dois homens ficaram frente a frente.

"Há uma garota desaparecida, e você quer começar a falar sobre um mito..."

O homem que iniciou o tumor deu de ombros.

"Estou lhe dizendo, quando estive aqui no ano passado, eu vi..."

O segundo homem empurrou o que estava falando sobre o Yeti no peito. Ele foi atingido de leve e saiu voando.

"Ei!" Chase tentou se colocar entre eles, mas o homem no chão se levantou em um instante e correu para a frente.

"Vão se foder, vocês dois!" Chase levantou sua arma, lembrando-os mais uma vez de quem estava no comando. "Você, pare com essa conversa de Yeti. E você, se tocar nele de novo, eu vou algemá-lo e, quando a polícia chegar, vou mandar prendê-lo por obstrução e qualquer outra coisa que eu possa inventar. Entendeu?"

Chase esperou para ver se suas ameaças seriam contestadas. O homem Yeti começou a abrir a boca, mas ela cerrou os lábios e inclinou a cabeça em sinal de advertência. Ele decidiu não falar.

"Ótimo. Agora, preciso que todos fiquem calmos. Não há cartéis e não há a porra de um Yeti. Apenas duas garotas desaparecidas. Agora, vou perguntar novamente: alguém viu a Eva?"

Mais balanços de cabeça dessa vez. Um punhado de encolhimentos de ombros indiferentes.

"Por favor", implorou Lori. "Por favor, encontre minha filha."

Talvez não houvesse um importador de heroína mexicano entre

eles ou uma criatura mitológica perseguindo o resort, mas havia um membro do resgate de esqui que, por acaso, estava em frente à cabana de Lily, onde sua luva foi encontrada.

Ele havia se soltado?

Improvável, mas possível.

De qualquer forma, vale a pena dar uma olhada.

Ela chamou Raven e Georgina de lado.

"Fique aqui. Mantenha-os sob controle." Um pedido impossível, algo que ela mal conseguia realizar com a ajuda de sua arma. Mas Chase não sabia mais o que fazer. "Eu tenho que ir."

"Ir para onde?" Georgina perguntou, visivelmente abalada.

"Vou procurar a Eva", disse Raven.

"Não, apenas..."

"Vou procurá-la."

Chase sabia que não havia como convencer a garota a não fazer isso.

"Apenas não saia de casa. Fique no resort. *Por favor.*"

Chase pensou que Raven havia assentido, mas não tinha certeza.

"Chase? O que eu faço?"

Ela não podia contar a Georgina porque não tinha uma resposta.

"O que você puder."

Chase saiu correndo do saguão, apenas vagamente ciente de que a multidão começou a murmurar assim que ela sumiu de vista.

A porta da sala do SKI RESCUE estava entreaberta, mas ela não conseguia se lembrar se a havia deixado daquele jeito.

"Gary!"

Ela entrou na sala, com a arma na mão.

Ele se foi.

A cadeira ainda estava lá, ainda virada, mas Gary não estava mais nela.

De alguma forma, ele conseguiu remover todo o braço da cadeira.

Chase recuou para o corredor, com a respiração difícil e pesada.

As portas da frente não haviam se aberto, mas essa não poderia ser a única saída para esse lugar.

Além disso, se Gary, com o braço da cadeira ainda pendurado no pulso, tivesse passado pelo saguão, alguém, distraído com o folclore local ou não, certamente notaria.

Isso significa que ele deve ter ido para o outro lado.

Chase correu pelo corredor, virou à direita e avistou uma saída de emergência. Havia uma placa indicando que, se a porta se abrisse, um alarme dispararia e ela fez uma careta.

Ele não poderia ter saído dessa forma.

Ela estava prestes a refazer seus passos, mas então viu que a neve ainda estava derretendo no chão, logo após a saída de emergência.

Ou será que sim?

Chase abriu a porta com um empurrão.

Nenhum alarme foi disparado.

O ar frio batia em seu rosto e o vento parecia estar tentando ativamente forçá-la a voltar para dentro.

Ela avançou e uma forma se materializou no branco.

Um homem em um snowmobile.

Chase fez pontaria.

"Gary! Pare!"

Gary inseriu a chave e deu partida no veículo.

"Gary! Saia do snowmobile!"

Ela não achava que ele pudesse ouvi-la por causa do barulho da nevasca, mas ele deve ter ouvido, pois olhou por cima do ombro.

Seu nariz estava torto e sangue seco cobria as duas narinas.

"Eu não a levei", ele gritou.

"Saia!"

"Você vai ter que atirar em mim porque eu não vou sair dessa coisa."

Para onde diabos ele está planejando ir?

O homem não estava nem usando casaco, apenas um suéter de mangas compridas com o colete de resgate de esqui por cima. Seu rosto e suas orelhas já haviam ficado vermelhos de raiva.

"Gary..."

O homem respondeu à pergunta que ela não havia feito.

"Eu vou encontrá-la. Vou encontrar a Lily, você vai ver."

"Gary, saia da porra do snowmobile."

Chase deu mais um passo à frente, suas botas afundando na neve profunda.

"Você vai ter que atirar em mim."

Chase não hesitava em usar sua arma, especialmente se isso significasse salvar uma criança inocente... ou duas.

Mas se ela o matasse, nunca encontraria Lily ou o local para onde o ponto preto de rastreamento havia ido depois de se afastar de sua cabana.

Ou Eva... onde diabos estava Eva?

A garota não estava no snowmobile, não estava com Gary.

Chase mudou de tática.

"Você vai me levar até aquele ponto no mapa, perto do pico".

Ela estava jogando um jogo perigoso, mas essa era uma linha de trabalho perigosa.

"Vamos lá."

Chase não abaixou a arma enquanto enfrentava a neve. Quando ela se aproximou do snowmobile, a pequena caixa de transporte na parte traseira se abriu.

"Há algumas luvas e chapéus lá dentro."

Estava muito frio.

Chase pegou o par de luvas e o chapéu oferecidos e os colocou, passando a arma de mão em mão enquanto fazia isso.

Havia mais de um conjunto lá dentro e ela passou um chapéu e luvas para Gary.

Não seria bom para nenhum dos dois se o homem congelasse até a morte enquanto dirigia o snowmobile.

Ela o observou atentamente enquanto ele as vestia, o que não era uma tarefa fácil com o braço pesado da cadeira ainda preso a ele.

"Eu não fiz isso, Chase. Eu não toquei na Lily."

Se ele era alguma coisa, Gary Devers era convincente. Tanto que Chase estava a ponto de acreditar no homem. Gary tinha aquele olhar atônito. Um rato encurralado atacaria, mas um rato do campo se encolheria.

No entanto, ela já havia sido enganada em circunstâncias semelhantes antes. Outro homem a havia convencido de que não tinha nada a ver com uma série de crimes horríveis.

E ela havia dormido com ele.

Agente Chris Martinez.

Ele se revelou um assassino em série vingativo.

Chase não estava disposto a baixar a guarda.

"Leve-me até o local na montanha", exigiu ela. "E se você tentar alguma coisa, eu atirarei em você".

Gary acionou o guidão do snowmobile, e o braço da cadeira bateu na lateral do veículo.

E então eles partiram.

Capítulo 38

Tate não havia sido nocauteado, apenas atordoado. Ele caiu de braços na neve e, enquanto esperava que o zumbido dentro de sua cabeça parasse, continuou a ver aquele rosto cruel e rosnado em sua mente.

Que porra foi essa?

O zumbido se intensificou, ficando mais alto a cada segundo. Tate, achando que talvez nunca parasse, grunhiu e gemeu quando, de alguma forma, conseguiu ficar de quatro e depois em pé.

Ele balançou, mas conseguiu se manter ereto.

O zumbido não havia desaparecido, mas não estava mais confinado à sua cabeça.

Estava vindo do veículo de quatro rodas. Mas, assim como o barulho, ele desapareceu na penumbra.

Donnie?

Será que ele viu a coisa que o atacou e, em vez de arriscar a vida tentando salvar um homem que mal conhecia, decidiu fugir daqui?

Tate levou a mão à têmpora. Então ele estremeceu. Ele estava prestes a ter um enorme ovo de ganso, mas foi confortado pelo fato de que não parecia estar sangrando.

E que ele não tivesse sido comido por aquela... *coisa*.

Ele examinou a tempestade em busca de sinais de vida. A visibilidade havia sido reduzida a apenas alguns metros à sua frente e ele não viu nada.

Tate refletiu sobre suas opções. Ele poderia ficar aqui, trancar-se na cabine e esperar pela chegada de ajuda. Ou poderia tentar encontrar o caminho de volta.

Se ele estivesse sozinho no resort, Tate teria priorizado manter-se aquecido.

Mas ele não estava.

Rachel, Georgina e Chase estavam de volta ao chalé.

Eu odeio a neve. Odeio esquiar, odeio o frio, odeio tudo nesse lugar.

A contragosto, Tate puxou o cachecol de volta para o rosto, enfiou o queixo no casaco e começou a caminhar em meio à nevasca.

Ele estava quase congelado quando finalmente conseguiu voltar ao chalé. Não conseguia sentir nenhuma de suas extremidades e tinha quase certeza de que seu nariz e talvez suas bochechas tinham queimaduras de segundo grau.

Tate forçou a porta a se fechar atrás dele e depois gemeu. Levaria várias horas para que ele se sentisse aquecido novamente, mas só o fato de saber que isso era inevitável já era suficiente para lhe dar um

pouco de consolo.

"Pai?"

Lentamente, como um animatrônico de um filme ruim, Tate se virou.

Rachel estava olhando para ele, com a boca aberta.

"O que diabos aconteceu com você?"

Tate estava muito atordoado para responder. No entanto, ele não estava tão fora de si para observar o caos no saguão do Silver Peaks.

Quando saiu com Donnie, ele sabia que os convidados estavam fartos. Suas emoções também foram intensificadas com a ausência de Lily.

Mas agora, as coisas tinham piorado.

As pessoas estavam gritando umas com as outras, outras estavam fazendo coisas estranhas, como pegar cadeiras e olhar embaixo delas.

Outros estavam gritando o nome de Eva.

O nome *de Eva*?

"Eu fui atacado", ele finalmente conseguiu. "Alguma... não sei, alguma coisa peluda me bateu na cabeça".

Rachel estava incrédula.

"O quê?"

Tate cutucou seu ferimento. Ela estava sensível ao toque.

"Eu estava procurando no..."

"Foi o Yeti! Eu *disse* a vocês!" O homem que havia falado estava se dirigindo à multidão com um olhar condescendente no rosto.

"Pare com essa merda", advertiu um homem diferente. Ele tinha um olhar selvagem em seus olhos. "Seu pequeno agente do FBI não está mais aqui para protegê-lo. Se você disser mais uma palavra sobre..."

"Ei! Eu sou do FBI", lembrou ele aos dois que logo seriam combatentes. Aumentar o tom de voz fez sua cabeça latejar. "Vocês precisam se afastar, porra. Eu não fui atacado por um maldito Yeti."

No entanto, ele certamente se parecia com algum tipo de animal selvagem. Um animal selvagem com duas pernas.

Os dois homens continuaram a se encarar.

"Pare com isso. Pare com isso agora mesmo. Isso não está ajudando ninguém. Não está ajudando as meninas desaparecidas."

"*Meninas*", corrigiu o homem mais magro. Tate franziu a testa, mas não pediu esclarecimentos. Ele permaneceu entre eles até que ambos se acalmassem. Em seguida, instruiu-os a ficar em cantos diferentes da sala, como um professor disciplinando alunos desordeiros.

Quando estava confiante de que eles não iriam se desentender, pelo menos não no futuro imediato, ele permitiu que seu foco voltasse para a filha.

"Rach? O que aconteceu? Onde está o Chase?"

"Eu não sei. Ela estava aqui. Papai, alguém... alguém levou a Eva."

"Alguém a *levou*?" Tate ainda estava tentando se orientar, para se livrar do frio.

"Não sei, ela está desaparecida."

Os olhos de Tate examinaram a sala, tentando encontrar Chase, o concierge ou qualquer pessoa que pudesse saber o que estava acontecendo.

"Fique aqui."

"Estou cansado de ficar aqui. É só isso que todos me dizem para fazer."

"Apenas fique, Rach."

Tate viu Georgina e Raven próximas uma da outra, evitando a multidão furiosa de pessoas em frente à fogueira.

"Georgina? Onde está sua mãe?"

A garota parecia petrificada, o que Tate achava que ele provavelmente se pareceria se tivesse passado mais dez minutos na tempestade.

"Eu não sei. Ela nos disse para controlar a multidão, mas nós... não sabemos como. Eles não estão ouvindo."

"O Chase disse para você...", ele se arrastou e um pensamento horrível lhe ocorreu.

Chase protegia ferozmente sua sobrinha e, se ela chegou ao ponto de colocá-la como responsável por essa bomba-relógio, então algo realmente importante deve tê-la afastado.

Como Gary Devers.

"Onde está o Gary?"

"Gary?"

"Sim. O cara da patrulha de esqui. Onde está..."

"Tate?" Era uma voz de mulher e Tate, com os ouvidos ainda zumbindo por causa do frio e do ferimento, pensou que fosse Chase.

"Obrigado G-"

Não era a esposa dele, mas Meredith. Ela estava segurando o telefone via satélite com uma mão trêmula.

"É... é para seu parceiro. Eu não tinha certeza se deveria responder, mas..."

Ele pegou o telefone dela, se atrapalhou com ele, mas conseguiu colocá-lo no ouvido.

"Quem está falando?"

"Chase?"

Essa voz ele reconheceu imediatamente.

"Linus? Que diabos está acontecendo?"

"Era isso que eu esperava que você pudesse me dizer. Por que você está em Denver?"

"Uma nevasca nos forçou a aterrissar aqui", disse ele bruscamente. "Por que está ligando?"

"Chase me pediu para dar uma olhada em Daniel Moore e Gary Devers."

Tate procurou Gary novamente na sala. Assim como Chase, o homem estava misteriosamente ausente.

"E quanto a eles?", perguntou ele enquanto continuava sua busca visual.

"Chase me disse para investigar meninas desaparecidas, que Daniel Moore poderia estar envolvido de alguma forma."

Tate não tinha a menor ideia de quem era Daniel Moore e disse a Linus para explicar.

"O gerente do resort. Trabalhou lá por anos. Mudou de nome."

Mudou seu nome?

Em vez de esclarecer as coisas, quanto mais Linus falava, mais confuso Tate ficava. Ele não tinha certeza se estava sofrendo de confusão induzida por hipotermia ou se seu parceiro tinha feito alguns desenvolvimentos importantes enquanto ele estava apenas tentando sobreviver.

"Sim, ele mudou de nome."

Eu disse algo em voz alta?

"Não estou entendendo."

"Donovan Capito era hóspede do resort em 1986. Sua filha desapareceu - ela nunca foi encontrada. Depois, sua esposa se divorciou dele e ele mudou seu nome para Daniel Moore. Em 1989, ele foi contratado como gerente geral do resort."

Tate piscou os olhos e tentou se concentrar no que Linus estava dizendo.

O que isso significa? Por que o nome de repente lhe pareceu familiar?

"Veja só, consegui descobrir os registros hospitalares do Daniels. Os intervalos nos anos em que nenhuma garota desapareceu? Noventa e dois, 94, 2017? Daniel foi internado devido a vários ferimentos. Ele quebrou a perna em 92 e em 94 ele..."

"Linus, vá direto ao ponto".

"Certo. Bem, o problema é o seguinte: todos os sinais apontam para o envolvimento de Daniel, mas *não pode* ser ele. Não desta vez, pelo menos."

"Por que não?"

"Porque ninguém o vê há cerca de dois anos. O último registro que consegui encontrar de Daniel Moore é que ele foi internado no hospital por insuficiência renal. Estágio cinco. Seu plano de saúde foi cortado e ele recebeu alta por conta própria e... depois nada. Sem cuidados adequados, o tempo de sobrevivência é de apenas semanas ou meses. Meu palpite? Ele foi para casa para morrer em paz".

Daniel Moore... Daniel Moore... por que isso me soa familiar?

"Quanto a Gary Devers?" Linus continuou a tagarelar. "Ele está

limpo. Estaladiço. Temos registros de que ele estava de férias, embarcando em voos, em duas das datas em que as meninas mais recentes desapareceram. E ele estava trabalhando no outro lado do país durante a maioria dos desaparecimentos anteriores."

Tate mal estava ouvindo. Ele ainda estava pensando em Daniel Moore.

E então algo aconteceu.

"Espere - você disse Donnie Moore?"

"Uhh, não. *Daniel* Moore."

"Quantos anos ele tem?"

"Daniel tinha 61 anos quando morreu. Por quê?"

"Ele tinha um filho?"

"Como eu disse, ele tinha uma filha, Roxie, mas ela desapareceu..."

"Linus", disse Tate bruscamente. "Daniel teve um *filho*?"

"Espere, espere."

Enquanto esperava, Tate pensou no garoto no veículo de quatro rodas. Pensou na coisa que o havia atacado do lado de fora da cabine 132.

O pelo... Donnie tinha um acabamento de pelo no capuz de sua jaqueta. Poderia ter sido ele?

"Sim... droga, você está certo. Ele tem um filho chamado Donnie. *Oh-oh*."

"O quê?"

"Ele trabalha *lá*. Donnie Moore trabalha em Silver Peaks."

Tate não conseguia engolir.

"Tenho que ir."

Ele desligou e pegou Georgina.

"Você viu para onde o Chase foi?"

"Não. Como eu disse..."

"Ela foi lá fora?"

Os olhos de Georgina se voltaram para as portas da frente.

"Acho que não."

"Ela foi por ali", disse Raven, apontando na direção oposta. "Acho que a vi indo pelo corredor".

"O que está acontecendo, Tate? O que está acontecendo?"

"Fiquem aqui. Fiquem juntos e fiquem com a Rachel". Um hóspede jurou em voz alta. "Se as coisas piorarem, tranque-se em uma sala de funcionários e não saia até que Chase ou eu retornemos."

Georgina choramingou.

"Não posso. Da última vez, eu..."

"Sinto muito, eu sinto. Mas tenho que ir. Apenas... fique em segurança."

Georgina parecia prestes a começar a chorar, mas Tate não teve escolha.

Ele correu - tentou correr, mas seu corpo ainda não o estava ouvindo - para o corredor que Raven havia indicado.

Onde você está, Chase?

A maioria das portas do que pareciam ser escritórios de funcionários nessa parte do chalé estava fechada, mas uma estava escancarada.

Era o escritório do SKI RESCUE.

E foi uma foda.

Havia uma cadeira no chão, e parecia estar faltando um dos braços ajustáveis.

O computador ainda estava ligado e o fato de ele mostrar o mapa familiar do resort chamou sua atenção.

Pontos brilhantes se moviam pela montanha.

Que diabos são esses?

Havia três deles. O preto estava à frente dos outros dois - verde e vermelho -, mas todos pareciam estar indo para cima, em direção a um dos picos do leste.

Eles são os rastreadores, percebeu Tate. Os rastreadores nos coletes especiais que Gary nos deu antes de nossa tentativa de procurar Lily.

E um deles tinha que ser o Chase.

Outro, Donnie Moore.

Ele achava que o terceiro pertencia a Gary Devers, mas não tinha certeza.

Por mais que Tate detestasse a ideia de voltar para o frio, ele sabia que não tinha outra escolha se quisesse ver sua nova esposa novamente.

Capítulo 39

"Estou... com muito frio", reclamou Eva. "Tão *frio*."

"Eu sei, mas você precisa ficar parado. Se continuar se mexendo, só vai ficar com mais frio. Estou quase terminando aqui."

Donnie empurrou o último objeto do tamanho de uma maleta contra a parede gelada. Ele bateu no lugar com a mão enluvada para garantir a segurança.

Em seguida, ele pressionou o botão para ativá-lo.

Todos os quatro acusados estavam armados agora.

"A Lily está mesmo aqui?"

"Oh, ela está aqui. Venha, eu vou lhe mostrar."

Donnie pegou a mão da garota e continuou a se arrastar pela passagem estreita. Ele foi forçado a se virar de lado para caber.

Era lindo aqui, mesmo que não fossem as obras de arte de seu pai.

Gelo azul glacial profundo, com pelo menos 30 centímetros de espessura, cobria as paredes, o chão e o teto da caverna. Grandes rachaduras brancas e bifurcadas adornavam o gelo como vasos gigantes. O gelo estava vivo, o que era apropriado.

Era um organismo vivo, que respirava, mudando com as estações.

Foi isso que seu pai lhe disse, e ele acreditou.

Por que ele não faria isso?

Seu pai nunca mentiu para ele. Ele contou tudo a Donnie.

Contou a ele sobre o que eles fizeram. Como eles o trataram.

Como todos eles são arrogantes.

"Você vai me ajudar a salvar a Roxie, certo? Você vai ser um herói."

"R-Roxie?" Os lábios de Eva tremiam incontrolavelmente.

Donnie sorriu.

"Eu disse Roxie? Eu quis dizer Lily. Que bobagem."

Eles se aprofundaram na caverna, e Donnie soltou um suspiro audível, como sempre fazia quando entrava no que seu pai chamava de Great Showroom.

Eva parou de se mover.

"O que... o que é isso?"

"São bonecos de neve", disse Donnie, ainda sorrindo. "Agora, quero que você fique completamente imóvel, ok? Você vai me ajudar a construir outro."

Eva se enrijeceu.

"Não quero, não quero. Só quero encontrar a Lily."

Donnie colocou a mão no bolso e tirou o pano úmido que havia colocado lá antes.

O tecido de seu pai.

A que Daniel usou para se vingar do que aconteceu com sua filha, com a meia-irmã de Donnie, que ele nunca teve a chance de conhecer.

"Donnie? Eu quero ir para casa", choramingou Eva.

Donnie puxou a garota para perto de si, envolvendo um braço firmemente em sua cintura.

Ele a forçou a olhar.

"Os bonecos de neve não são lindos?"

"Eu só quero ir para *casa*."

Oh, eles são lindos, sem dúvida.

Donnie colocou o pano sobre o nariz e a boca da garota.

Ela lutou, muito mais do que Lily, mas estava quase congelada quando ele a encontrou.

Ainda assim, Eva não era páreo para ele.

Quando, depois de quase um minuto, a garota finalmente ficou mole em seus braços, Donnie se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

"Sinto muito, Eva, você não pode ir para casa. Mas pode me ajudar a construir outro boneco de neve."

Capítulo 40

"Não estou vendo nada!" Gary gritou por cima do ombro. *"Alguma coisa deveria estar aqui, mas..."*

"Pronto!" gritou Chase. Ela estendeu a mão e apontou para um veículo de quatro rodas. A neve já havia se acumulado ao redor dos pneus, cobrindo-os até a metade.

Gary girou o guidão, acelerando o motor, e depois o virou na direção do veículo estacionado. Ela apertou a cintura dele e usou as costas do homem para protegê-la do vento.

No momento em que o snowmobile parou, Chase saltou e sacou a arma novamente. Ela a manteve pressionada contra a lateral de sua perna, esperando que apenas sua presença fosse suficiente para impedir que Gary, de quem ela ainda desconfiava, tentasse alguma coisa.

Sua principal preocupação agora era que seu dedo indicador com luva fosse muito grosso para realmente puxar o gatilho.

Chase moveu a cabeça ao redor, tentando descobrir por que o veículo de quatro rodas estava parado aqui, perto do topo da montanha.

Ela esperava ver uma cabana, algum posto avançado há muito abandonado, talvez, mas se houvesse uma, ela não a encontrou. Isso não significava que não existisse - embora a maior parte da neve fosse canalizada para dentro da caldeira, a visibilidade ainda era ruim perto do topo da montanha.

"De quem é esse veículo de quatro rodas?" Sua respiração ficou acelerada. Chase pensou que isso fosse resultado de um surto de adrenalina, mas quando ela tentou respirar fundo para se acalmar, isso não pareceu ajudar.

Deve ser a altitude.

Gary se aproximou do veículo de quatro rodas e limpou a neve da lateral.

"É do Donnie." Ele se afastou e inclinou a cabeça. "Por que diabos o Donnie está aqui em cima?"

O homem parecia genuinamente perplexo com isso.

Assim como Chase.

Donnie havia saído com Tate para procurar Lily nas cabanas.

Que diabos ele estava fazendo aqui? E onde estava Tate?

As perguntas corriam em sua mente.

Donnie era muito jovem para ter tido algo a ver com a grande maioria dos sequestros, mas ele poderia estar trabalhando com Gary? Gary o estava preparando para assumir o controle depois que ele se fosse?

Uma equipe de assassinos de crianças?

O ar rarefeito estava dificultando a clareza de raciocínio.

"O que há aqui?"

Gary virou o rosto para a vasta extensão branca. Parecia haver uma pausa no terreno monótono um pouco mais acima na encosta. A neve era menos abundante aqui, e Chase viu o que parecia ser uma rachadura na superfície rochosa.

"Eu não sei." Enquanto Gary falava, Chase se aproximou para ouvir melhor o homem. "Nunca saímos por aqui. O antigo GM nos disse que era instável - sempre lançamos as cargas mais para o oeste. Isso está estritamente fora dos limites."

O antigo GM?

"Marvin?" Chase perguntou, lembrando-se de que Meredith havia lhe dito que o homem estava de folga por uma semana ou mais.

Ele voltou?

Chase protegeu os olhos com a lâmina da mão, desviando um pouco da neve de seu rosto.

"Não, não é o Marvin. *Daniel*. Ele costumava trabalhar aqui, trabalhava no resort muito antes mesmo de eu aparecer. Então ele ficou doente há alguns anos e parou de vir. Ele era um cara muito quieto, reservado. Tentei entrar em contato com ele, tentei ligar para ele e até passei em sua casa, mas nunca consegui falar com ele. Então, quando seu filho começou a trabalhar aqui, perguntei a ele sobre o Daniel. Ele disse que seu pai tinha acabado de se aposentar. Deixou claro que realmente não queria falar sobre isso".

O vento soprou, engolindo a frase final de Gary.

Levantando as pernas para limpar os montes de neve, Chase caminhou lentamente até ficar a poucos metros de Gary.

"O que você disse?"

"Eu disse", Gary estava gritando bem alto agora, "Donnie me disse que o pai dele se aposentou".

Chase ficou chocado.

"O quê? Do que você está falando... do pai *do Donnie*?"

"Sim, Daniel é o pai de Donnie." O homem estava gritando a plenos pulmões agora. "Rapaz jovem, cabelo escuro. Trabalha no resgate de esqui e como carregador de malas."

Como eles não perceberam isso?

Chase imediatamente se corrigiu mentalmente. *Eles* - Raven e Georgina - não haviam perdido isso, *ela* sim. A culpa não era deles. Eram apenas crianças sem experiência.

Ela deveria ter percebido a conexão.

Chase fechou os olhos e pensou.

As pistas estavam todas lá.

Quando Lily desapareceu pela primeira vez, Chase havia instruído Meredith a avisar os membros do resgate de esqui que haviam feito as

acusações para que ficassem atentos à garota.

O primeiro da equipe a voltar foi Donnie e, quando ele entrou no chalé, não tinha ideia do que estava acontecendo.

Se ele tivesse se aproximado sorrrateiramente de Lily em sua cabine, provavelmente teria desligado o walkie-talkie para não se revelar.

Depois, houve aquele sorriso tímido que Donnie deu a Chase quando ela observou que o garoto era um carregador de malas e fazia parte da equipe de resgate de esqui.

"Todos nós fazemos muitos trabalhos por aqui. Alguns deles são mais glamourosos do que outros, mas todos têm um propósito. A propósito, meu nome é Donnie".

Ela achava que ele estava apenas se exibindo um pouco, mas, visto de outra forma, suas palavras poderiam ter um significado mais sinistro.

Muitos trabalhos... alguns mais glamourosos.

Temendo ter cometido um grande erro, Chase engoliu com força.

"Gary, tem certeza de que é o seu colete que está usando?"

"O quê?"

Chase puxou a parte de trás do colete do homem.

"Isso é seu?"

"Sim, é claro, eu..." O homem estava olhando para o material vermelho. Ele tocou com os dedos a borda desgastada. "Espere um pouco - verifique a etiqueta."

Chase estendeu a mão e agarrou a coleira, puxando-a para trás.

Oh, ela havia cometido um erro, sem dúvida.

"O que está escrito?"

Chase fez uma careta.

"D."

"D? Tem certeza? Meu colete tem um - espere! Ele trocou de colete." Gary começou a se virar enquanto falava. "Donnie deve ter trocado de colete comigo. É por isso que o ponto preto..."

"Olhe para frente."

"Mas..."

"Basta olhar para frente", repetiu Chase.

A falta de oxigênio estava fazendo sua cabeça girar. Gary poderia ser inocente, poderia ter sido Donnie o tempo todo, mas ela ainda não podia descartar a possibilidade de que eles estivessem trabalhando em equipe.

Gary voltou à forma como estava antes, só que agora seus ombros pareciam menos caídos.

"Ligue seu sinalizador", ela instruiu.

Ambos ativaram as luzes circulares em seus coletes. A iluminação intermitente projetou sombras na neve, e Chase viu um rastro de reentrâncias, que poderiam ser parcialmente preenchidas por passos,

seguindo para o norte, longe do veículo de quatro rodas.

"Ande."

Chase apontou a arma para frente.

O deslocamento foi lento e, por duas vezes, eles tiveram que parar para se certificar de que ainda estavam no caminho.

Quanto mais ao norte eles iam, menos neve encontravam.

À frente, parecia haver uma ruptura na encosta da montanha. Um cisma no que ela agora via não ser rocha, mas gelo.

Estava muito frio nessa altura. Os pulmões de Chase ardiavam com o esforço e a temperatura.

"O que é isso?" perguntou Chase, apertando os olhos ferozmente. Era impossível respirar completamente agora.

"Eu não sei."

Gary chegou primeiro à fenda gelada. Ela tinha talvez sete pés de altura, mas apenas um terço dessa distância.

Talvez menos.

Que porra é essa?

Gary passou a mão pela superfície gelada enquanto inclinava a cabeça para dentro da abertura.

"Acho que pode ser algum tipo de caverna".

O lugar perfeito para esconder corpos, pensou Chase.

"Entre."

Gary se virou.

"O quê?"

Era medo em seus olhos?

"Entre", repetiu Chase.

"Acho que não consigo me adaptar."

Ele poderia caber. Seria apertado, mas se ele se virasse de lado, conseguiria passar.

Ele estava com medo do espaço confinado ou com medo do que poderiam encontrar lá dentro?

Chase levantou a arma em um ângulo de quarenta e cinco graus. A pistola falou por ela.

"Ok, merda." Gary se voltou para a cisma. "Certo."

Ela ouviu o homem inspirar bruscamente várias vezes em uma sucessão rápida e, em seguida, ele se mexeu de lado na fenda.

"Continue."

Ela esperou que Gary estivesse completamente embutido no gelo azul antes de também entrar no que ela esperava ser uma caverna e não apenas uma fenda da qual eles seriam forçados a sair depois de apenas alguns metros.

Gary continuou seguindo em frente.

Apesar do confinamento apertado, o interior da montanha era tranquilo e Chase adorou o alívio do vento e da neve.

Era difícil determinar exatamente a profundidade em que estavam, principalmente devido à natureza onipresente do gelo que agora os sepultava e ao fato de que eles tinham que se arrastar para os lados em vez de realmente andar.

Chase tinha plena consciência do fato de que não conseguiria levantar a arma aqui, muito menos dispará-la. Mas havia algo na maneira como Gary estava se movendo, timidamente, nervosamente, que não a deixou alarmada.

Poderia ser um truque, mas ela achava que não.

Tudo isso mudou quando Gary pareceu cair de repente para frente. O movimento inesperado teria causado arrepios na pele de Chase, exceto pelo fato de que sua carne já estava patinada como a superfície de um antigo artefato de latão.

"O que..."

Então Chase também estava caindo.

Não, não exatamente caindo, mas mais como se espalhando.

A rachadura desapareceu de repente, e Chase se viu ao lado de Gary, olhando com admiração para uma extensão do tamanho de um campo de futebol.

Era, de fato, uma caverna, esculpida no interior da montanha como se um gigante a tivesse escavado com uma colher enorme.

E a beleza era de tirar o fôlego.

O gelo cintilante de cor azul-petróleo cobria todas as superfícies, do chão ao teto, quebrado apenas por pequenos montes de neve que haviam chegado durante essa ou talvez outra tempestade. Uma série de estalagmites brancas estava espalhada em intervalos quase regulares diante deles.

"Que lugar é esse?", ela ouviu Gary dizer. Havia um leve eco em suas palavras, por mais silenciosas que fossem.

Chase estava inclinada a responder em um tom idêntico de admiração quando percebeu seu erro.

As estruturas brancas não eram estalagmites de forma alguma. Elas não compartilhavam a forma cônica característica.

Eles eram bulbosos, feitos pelo homem.

Eles eram *bonecos de neve*.

Mas, em vez de olhos de carvão e nariz de cenoura, eles tinham rostos *humanos*.

Os rostos congelados das meninas desaparecidas.

Eles os encontraram.

Eles encontraram todos eles.

Capítulo 41

A beleza intensa da caverna de gelo foi ofuscada pela natureza macabra da cena.

Mais de uma dúzia de corpos minúsculos jaziam envoltos em bonecos de neve, com os braços cobertos por jaquetas saindo do tronco. Apenas seus rostos estavam expostos e a pouca pele que Chase podia ver era de uma palidez cinza que só a morte poderia trazer.

Seus olhos, totalmente brancos, sem pupilas e sem íris, estavam abertos.

Gary levou um pouco mais de tempo do que Chase para entender o que eles estavam vendo e, no instante em que o fez, o homem se curvou na cintura e vomitou.

"Desligue seu sinalizador", ordenou Chase.

Gary ainda estava com a cabeça pesada.

"Gary, desligue seu sinalizador."

Ela desligou o dela e, em seguida, empurrou a testa de Gary para endireitá-lo o suficiente para que ele desligasse o dele.

"Que lugar é esse?" Os fios de vômito que se agarravam ao queixo e aos lábios de Gary já haviam começado a congelar.

Definitivamente não era ele. Ninguém poderia fazer uma encenação como essa, vomitar sob comando, transmitir um olhar de terror absoluto em seus olhos.

"É onde ele os mantém."

Gary parecia que ia ficar doente de novo.

"Fique aqui", ela sussurrou.

Chase se preocupou com os pés enquanto se agachava e avançava. Embora não tivesse tido a mesma reação visceral de Gary, seu estômago se apertou ao ver os bonecos de neve.

De perto, eles eram ainda mais perturbadores.

Alguém havia deliberadamente se assegurado de que os rostos das meninas estivessem livres de neve. Com o passar dos anos, o gelo se formou em algumas delas. Os cristais estavam concentrados principalmente nos cantos dos olhos.

Eram lágrimas congeladas.

As meninas ainda estavam vivas quando Daniel ou Donnie colocaram neve em seus corpos.

Que droga.

Apesar do frio, Chase passou a arma para a outra mão e arrancou a luva direita com os dentes. Ela a deixou cair no chão enquanto recolocava a arma em sua mão de tiro.

Dessa vez, ela não colocou o dedo na proteção; ela o colocou no gatilho e continuou a passar entre os bonecos de neve, tentando ao máximo não olhar diretamente para seus rostos congelados.

Chase passou por quatro bonecos de neve quando ouviu um barulho. A princípio, ela achou que era mais o vômito de Gary caindo no chão.

Mas era muito regular, muito grosso.

Um barulho de tapa, quase um tapinha.

À medida que ela avançava, o som ficava mais alto.

O que é isso? Neve caindo do teto?

Mas não havia neve no teto, pelo menos não que ela pudesse ver.

Um tapa, um tapa.

Quanto mais ela avançava, mais escuro ficava, pois a luz da fenda atrás dela lutava para não penetrar na paisagem gelada.

Mas, então, ela notou outra fonte de luz, uma série de raios verticais semelhantes, silenciados pelo céu nublado, mas visíveis.

Havia uma segunda entrada para a caverna, do lado oposto ao que eles haviam entrado.

Chase se abaixou ainda mais, usando os bonecos de neve como cobertura agora. Ela espreitou por trás de um deles e depois ficou tão imóvel quanto os cadáveres que a cercavam.

Até agora, todos os bonecos de neve eram duros como pedra, a neve usada para criar seus corpos bulbosos solidificados pelo tempo e pelo frio.

Mas não esses dois.

Eles estavam frescos.

E o primeiro continha a pequena Lily Rowan.

Chase nunca tinha visto a garota antes, mas sabia que era ela; ela parecia uma versão menor de sua mãe.

Ela estava morta, congelada.

O segundo foi construído em torno de Eva.

Ao contrário de Lily, Eva estava bem viva. O rosto da garota estava azul, não cinza, e seus lábios, quase roxos, pareciam estar se contorcendo.

Um homem estava debruçado sobre o boneco de neve de Eva, de costas para Chase.

Ela reconheceu que o colete vermelho que ele usava era idêntico ao que ela estava usando no momento.

Ele estava colocando neve contra a base, garantindo que ela não tombasse.

Chase fez pontaria.

"Isso vai acabar logo", ela ouviu Donnie dizer. "Tudo vai acabar logo".

Chase forçou seu corpo gelado a se endireitar.

"Estenda as mãos para os lados". Era para ser uma ordem, mas a voz de Chase estava fraca.

Mesmo assim, ela assustou Donnie, e ele parou imediatamente o

que estava fazendo.

"Donnie, coloque as mãos para o lado", disse ela novamente.

Donnie se levantou e fez o que ela ordenou.

"Vire-se, devagar".

O rosto do homem estava coberto de neve e as únicas características que Chase conseguiu distinguir inicialmente foram os olhos e os dentes. Os primeiros eram escuros, quase pretos, lembrando pedaços de carvão. Os primeiros não deveriam ser notados, pois eram da mesma cor da neve, mas estavam à mostra e Donnie estava rosnando, o que chamou a atenção dela para eles. Com os pelos do capuz cobertos de pó branco em volta da cabeça, o homem não parecia o alegre carregador de malas que ela conhecera ao chegar.

Ele parecia um animal encurralado.

Não-Yeti. Ele se parece com a porra de um Yeti.

O pensamento foi frustrado quando Chase percebeu que ele estava segurando algo em uma das mãos. Parecia um telefone ou rádio de grandes dimensões, com uma grande antena preta saindo da parte superior.

"Largue o que estiver em suas mãos".

O rosnado de Donnie se transformou em um sorriso que, de alguma forma, era ainda mais aterrorizante.

"Quais são as chances?", disse ele distraidamente.

"Largue..."

"Quais são as chances de o FBI estar aqui *nesta* data?"

Eles não deveriam estar aqui. Se não fosse pela tempestade, eles estariam em uma praia no Havaí.

E as meninas continuariam a desaparecer sem que ninguém ficasse sabendo.

Chase pressionou o gatilho.

"Oh, eu não faria isso", advertiu Donnie. "E acho que você não quer que eu largue isso. Esta é uma troca de Deadman".

Chase ficou tenso.

Ela estava familiarizada com o dispositivo. Já o tinha visto em uso uma vez durante sua carreira. Anos atrás, em Las Vegas, Mike Hartman havia tentado derrubar a nova arena do Golden Knight usando um dispositivo igual a esse.

Ele quase conseguiu.

"Você sabe o que é isso, certo? Posso ver em seus olhos - você sabe. Coloquei quatro explosivos nesta caverna, Chase. Se eu soltar isso, todos nós morreremos. Eu, você e Eva."

Ao ouvir seu nome, a garota quase congelada gemeu.

"Quieto, isso vai acabar logo".

Chase cerrou a mandíbula.

"Por que você está fazendo isso?"

"Por quê? *Por quê?*" A voz de Donnie ficou aguda. "Estou apenas retomando de onde meu pai parou."

Donnie havia sido preparado por seu pai. Preparado para matar.

Preparado para construir mais bonecos de neve.

"Não há para onde ir, Donnie. Desative as bombas e eu vou garantir que você receba a ajuda de que precisa."

Chase também estava falando sério. Donnie pagaria pelo que havia feito a Lily e a qualquer outra garota que ele tivesse ajudado seu pai a matar.

Talvez fosse possível desculpar suas ações quando seu pai estava vivo, racionalizando que talvez ele tivesse sido forçado a participar, mas, de acordo com Gary, seu pai estava fora de cena. Doente, talvez até morto.

O que Donnie fez hoje foi por sua própria vontade.

Mas Chase não era ingênuo quanto ao poder do aliciamento e da influência.

Sua irmã havia caído no feitiço de dois homens que a sequestraram. Mais tarde, ela estava disposta a sacrificar sua própria vida para garantir a segurança deles.

Se pedissem a Georgina que matasse por eles, se pedissem a ela que matasse Chase, não havia dúvida de que sua irmã o teria feito.

Donnie voltou seus olhos para Eva e Chase notou que o tremor dela quase parou.

Eles estavam ficando sem tempo.

"Eu tinha uma irmã, você sabe?"

"Roxie, certo?" disse Chase.

Donnie ficou surpreso por ela saber o nome da garota.

"Sim, Roxie. Não cheguei a conhecê-la. Ela morreu muito antes de eu nascer. Ela morreu aqui, congelou até a morte enquanto construía um boneco de neve com meu pai."

"Isso foi um acidente", disse Chase, lembrando-se da reportagem que Georgina e Raven haviam lhe mostrado. "Ela se perdeu, Donnie. Foi apenas um acidente terrível."

Donnie deu de ombros.

"Talvez. Mas você sabe quanto tempo demorou para que eles comesçassem a procurá-la?"

"Houve uma nevasca. Os policiais não puderam..."

"Horas. *Horas*", continuou Donnie. A maneira como ele falava sugeriu a Chase que ele estava simplesmente repetindo o que seu pai lhe havia dito. "Eles não se importavam com a Roxie. Tudo o que lhes importava era garantir que as pessoas continuassem indo ao seu maldito resort. Você viu as pessoas lá dentro, viu como elas agiam. Quando levei Lily pela primeira vez, eles só queriam esquiar. *Esquiar!* Claro, fingiram que estavam procurando por ela, assim como fizeram

com a Roxie. Quanto tempo eles - *você - realmente* passaram lá fora no frio? Meia hora? Vinte minutos?"

"Nós íamos nos perder!" Chase sabia que ela estava ficando na defensiva, mas não conseguia evitar. "Está uma maldita nevasca!"

"Sim, é isso que eles dirão. Eles dirão que fizeram tudo o que podiam. Que não foi culpa deles. Eles vão encobrir tudo, como fizeram com a Roxie. Mudarão o nome do resort se a mídia fizer uma matéria sobre ele. Mudar a marca, talvez renovar. Culpem a garota por ter se afastado na neve. Culpem uma menina de sete anos! Dá para acreditar nisso?" Ele estava falando sobre Roxie agora. "Dá para acreditar *nisso*? Uma garotinha só queria construir um boneco de neve, e eles disseram: *Ah, bem, ela não deveria ter saído por aí. Ela deveria ter se prevenido.* Como se a culpa fosse *dela*. Bem, a pequena Lily e Eva deveriam saber que não deveriam ter sido atraídas por um estranho."

Chase tinha que fazer alguma coisa. Ela não conseguia mais saber se Eva ainda estava respirando.

"Eu perdi uma irmã", ela desabafou. "Ela foi morta. Assassinada. Eu sei o que você está passando, Donnie. Sei como é difícil perder uma irmã e um pai."

Os lábios do homem se contorceram em uma careta.

"Você mente", ele sibilou.

Chase viu um movimento pelo canto do olho, mas se forçou a não olhar por medo de alertar Donnie.

"Não estou mentindo. Por favor. Você não precisa continuar fazendo isso. O que quer que seu pai tenha começado, pode terminar aqui."

Parecia que Donnie estava cedendo. Seu rosto caiu e suas mãos se abaixaram um pouco.

"Ele trabalhou tanto para esse maldito resort. E quando ficou doente, eles se recusaram a pagar suas contas médicas. Depois de mais de trinta anos, eles simplesmente o dispensaram. Praticamente disseram para ele se enfiar em um buraco - em um banco de neve - e morrer."

"Donnie, seu pai estava matando pessoas. *Crianças*. É por isso que ele trabalhava aqui. Não era porque ele estava..."

A sombra apareceu agora, e Chase a reconheceu como Gary.

Gary, que estava tentando provar que não tinha nada a ver com o desaparecimento das meninas.

Gary, que Chase havia incorretamente classificado como o suspeito.

Gary que não entendia as trocas de Deadman.

"Não! Gary, *não!*"

Donnie também viu o homem. Ele tentou sair do caminho, mas estava parado há tanto tempo que seus músculos se contraíram.

Gary bateu com o ombro na lateral de Donnie. Mesmo a seis metros

de distância, Chase podia ouvir o ar sendo arrancado dos pulmões do homem. Eles se chocaram contra Eva, fazendo com que o boneco de neve recém-formado explodisse. Através do sopro de neve no ar, Chase viu o pequeno corpo da garota cair no chão, onde permaneceu imóvel.

Chase correu para frente enquanto os dois homens continuavam a se debater. Quando ela os alcançou, eles estavam de lado, Donnie chutando furiosamente enquanto tentava se desvencilhar do chefe da equipe de resgate de esqui.

Então Donnie empurrou Gary.

Com *as duas* mãos.

"Não!" Chase gritou. Deitado no chão gelado ao lado deles estava o gatilho do Deadman.

Gary envolveu Donnie em um abraço de urso.

"Vá", disse o homem, com lágrimas nos olhos. "Pegue Eva e vá embora."

"I-"

Chase foi interrompido pelo som de um estrondo profundo. Era como estar dentro da barriga de uma fera faminta.

A primeira carga disparou uma fração de segundo depois. A força concussiva quase derrubou Chase no chão. Isso foi seguido por um tremendo estalo.

Antes que a segunda carga fosse disparada, Chase pegou Eva. Ainda havia pedaços grossos de neve grudados em sua calça de neve, e ela os afastou, preocupada com o fato de que ficariam pesados demais para serem carregados.

Chase ergueu Eva em um dos ombros, percebendo que ela deve ter deixado cair a arma em algum momento.

Isso não lhe serviria de nada agora.

Donnie estava gritando, batendo no rosto de Gary com os punhos.

Ela queria ajudar Gary, queria tirar Donnie da jogada.

Mas não havia tempo.

Nunca havia tempo suficiente.

"Sinto muito."

Chase correu em direção à saída dos fundos. Era mais larga do que aquela pela qual Gary e ela haviam entrado, mas ainda era estreita.

Ela colocou Eva no chão.

"Vai ficar tudo bem", disse Chase enquanto agarrava o braço sem vida da garota. Ela entrou na fenda do gelo, arrastando Eva atrás de si.

Era mais larga e também mais curta. À frente, ela podia ver o mundo externo coberto de neve, o vento soprando flocos grossos horizontalmente na vasta brancura.

Estava bem ali.

Dez pequenos passos, talvez menos.

Nove.

Oito.

Mas não havia tempo suficiente.

A segunda, terceira e quarta cargas explodiram em rápida sucessão e a próxima coisa que Chase ouviu foi a caverna começando a desmoronar atrás deles.

Capítulo 42

Era como se fosse a escola novamente.

Todos gritando, assustados, à beira de um tumulto.

E mais uma vez recaiu sobre os ombros de Georgina a tarefa de restaurar a ordem.

"Acalmem-se todos", disse ela docilmente.

Raven estava gravando com seu celular. Rachel estava parada ali, ainda mais perdida do que Georgina.

"Por favor, acalme-se".

Georgina nem mesmo tinha certeza de que sua voz estava sendo ouvida em meio ao barulho.

Vários dos homens estavam a ponto de jogar as mãos.

"Fique quieto!" Georgina levantou a voz. "Se..."

"Que se dane isso! Vocês não podem nos manter aqui", exclamou um homem corpulento com bigode em forma de guidão. "Estou indo lá fora para procurá-los."

Outros homens resmungaram sua aprovação.

"O Yeti vai *pegar você!* O Yeti-"

"Não! Vocês precisam ficar aqui! Nós precisamos ficar aqui dentro!"

Sua voz caiu em ouvidos surdos.

"Por favor... ?"

O pai de Eva estava entre os homens que já estavam colocando seus equipamentos de neve.

"Raven, fale com seu pai."

Raven abaixou o telefone.

"Se Eva estiver lá fora, precisamos encontrá-la."

"Mas... mas..."

Não havia como impedir nenhum deles agora. Pelo menos seis homens, entre eles Tom e Ben, abriram as portas da frente.

Georgina desistiu. Ela era apenas uma criança. Todas elas eram apenas crianças. Inclusive Raven e Rachel.

O frio inundou o saguão e o vento abusou das chamas da lareira, que agora estavam diminuindo.

"Isso é loucura", disse Georgina. "Eles vão se perder. Eles vão congelar..."

Ela foi interrompida por um estrondo profundo vindo de algum lugar no alto da montanha. O som desceu em cascata pela encosta, parecendo ficar mais alto como uma bola de neve rolando e coletando toda a neve solta em seu caminho.

Foi forte o suficiente para fazer o chalé inteiro tremer.

"Fechem as portas!" Georgina gritou, percebendo o que estava acontecendo. "Feche a porra das portas!"

Os homens estavam fascinados demais para ouvir.

Georgina avançou.

E então ela se tornou como eles, incapaz de desviar o olhar.

Parecia que toda a encosta da montanha havia se desprendido como um bloco de gelo gigante e estava correndo em direção a eles.

Foi surreal.

Foi lindo.

E foi mortal.

"Oh, merda!", alguém gritou. As pessoas se afastaram, esbarrando em Georgina, quase a derrubando.

Ela saiu de seu estupor.

"Feche a porta!"

Agora eles ouviram.

Foram necessários quatro homens para fechar as portas duplas.

"Todos para os fundos!" Georgina gritou. "Agora!"

Em vez de esperar para ver se eles obedeciam, Georgina agarrou o braço de Raven e a puxou em direção ao corredor.

Os hóspedes se amontoavam sob o balcão de check-in, outros se amontoavam no refeitório.

Georgina não parou de se mover. Ainda arrastando Raven com ela, ela migrou para o corredor pelo qual Tate havia corrido.

À sua direita, havia uma porta aberta.

O estrondo era tão forte que fez seus molares tremerem e suas palavras ficarem distorcidas.

"Aqui dentro!"

Eles entraram, chutaram uma cadeira caída para fora do caminho e se arrastaram para baixo de uma escrivaninha.

"Eva está lá fora", soluçou Raven.

"Se ela estiver, Chase a encontrará."

Seus rostos estavam a poucos centímetros de distância, a única maneira de ouvir um ao outro falar.

"Chase vai encontrá-la", Georgina repetiu. E então ela segurou o rosto de Raven em suas mãos e a beijou nos lábios. "Ela vai encontrá-la."

As palavras mal saíram de sua boca quando a avalanche bateu contra a frente do chalé.

Capítulo 43

Tate estava quase no topo da montanha quando algo aconteceu. A princípio, ele pensou que as vibrações que sentia eram o mau funcionamento de seu veículo com tração nas quatro rodas.

Mas então o chão embaixo dele... *se deslocou*.

As rodas começaram a perder tração e ele acelerou o motor. Ele não era especialista em avalanches, na verdade desprezava a neve, mas achou que, se chegasse ao topo da montanha, poderia ficar bem.

Até mesmo ele sabia que as avalanches desciam a ladeira.

E foi exatamente isso que ele entendeu que estava acontecendo.

A neve havia diminuído um pouco, permitindo que ele tivesse uma visão um pouco mais clara. E bem a tempo, porque Tate quase bateu na traseira de um snowmobile estacionado e em outro veículo de quatro rodas.

"Merda!"

Tate desviou para a direita, continuando a subir.

Agora o chão parecia estar desmoronando sob ele.

Talvez o topo da montanha não fosse uma boa ideia, afinal de contas. Mas já era tarde demais para mudar de rumo.

Um tremendo estalo o fez olhar por cima do ombro. O snowmobile e o veículo de quatro rodas pareciam estar afundando. E então eles caíram *na* montanha.

Seguiram-se enormes ondas de neve, lançando uma nuvem de precipitação quase em forma de cogumelo no ar.

O colapso estava se espalhando por trás, com pedaços de rochas e gelo se quebrando e caindo em um abismo escuro.

Tate tentou empurrar o veículo com ainda mais força, mas ele estava no limite.

Vai, vai, *vai!*

O solo sob ele estava desmoronando rapidamente, e ele podia sentir os pneus traseiros afundando mais do que os dianteiros.

Tate se levantou, pressionou a cintura contra o guidão e se inclinou, sem ter certeza se isso faria diferença, mas sem saber o que fazer, sem ter certeza de até onde teria de ir para escapar do desastre.

E então seus pneus traseiros, pendurados no abismo, bateram em algo duro, uma pedra, um pedaço de gelo, talvez.

A traseira do veículo de quatro rodas se levantou e Tate foi jogado para fora do veículo.

Ele ficou no ar pelo que pareceu uma eternidade, tempo suficiente para pensar que Chase poderia estar lá embaixo em algum lugar - embaixo? *Dentro? Enterrado?* - antes de aterrissar em dois pés de neve macia. Ele derrapou para frente e a neve encheu seu nariz e sua boca aberta.

Por fim, quando parou, Tate tossiu, desobstruindo suas vias aéreas. Ele rolou de costas e seu queixo se abriu.

Uma grande parte do pico da montanha havia desaparecido. Simplesmente... *desapareceu*. Ela havia caído sobre si mesma.

E foi uma queda tremenda.

Quarenta, talvez cinquenta pés de profundidade.

A fumaça preta dos dois veículos destruídos se aproximou preguiçosamente dele.

Chase!

Tate se arrastou até a borda do buraco e agarrou-se à borda gelada para olhar para baixo.

Entre o veículo com tração nas quatro rodas e o snowmobile, ambos deformados e quebrados quase irreconhecíveis, ele viu o que pareciam ser os topos de bonecos de neve.

Que porra é essa?

Ele procurou uma maneira de descer, mas não viu nenhuma. A menos que caísse para a morte, não havia como Tate descer para o que ele achava que provavelmente havia sido uma caverna de algum tipo.

Em pânico, ele se arrastou para longe da abertura, preocupado com a possibilidade de ainda haver pontos fracos que estivessem prestes a desmoronar.

"Chase?", ele gritou. "Chase!"

O topo da montanha, pelo menos o que restava dele, estava estranhamente silencioso agora.

"Chase!" Tate colocou as mãos em volta da boca. "*Chase!*"

Ele examinou a área abaixo em busca de movimento, mas não viu nenhum.

"Chase!"

Se ela estivesse lá dentro, estava morta. Ele sabia disso, mas ainda não estava disposto a se render.

Talvez ela tenha conseguido sair.

Talvez ela nunca tivesse estado lá e tivesse sido pega pela avalanche.

Tate mudou seu foco, procurando na neve macia perto dele. Seu veículo estava de cabeça para baixo, mas ainda em marcha lenta. O eixo traseiro estava torcido, desalinhado com o dianteiro, mas, fora isso, parecia funcional.

Devo embarcar? Devo ir de carona? Mas para onde?

Tate deixou que seu olhar se desviasse pela encosta. Algo piscou e, por um segundo, ele pensou que a neve havia caído em um de seus olhos. Mas sua visão permaneceu clara.

Piscar os olhos.

Piscar os olhos.

Uma seção de neve, a cerca de cinquenta metros de onde ele estava deitado de bruços, parecia estar estroboscópica.

Seu cérebro levou alguns minutos para pensar no que poderia ser isso.

Ele olhou para a luz circular afixada em seu peito direito.

Era um farol.

Tinha que ser.

Não havia outra explicação.

Tate desceu a ladeira correndo, virando os pés para os lados para evitar cair.

Ele chegou até o raio de luz, ajoelhou-se e começou a cavar com as duas mãos enluvadas.

A luz estava ficando mais brilhante.

Tate continuou trabalhando em um ritmo febril, recolhendo a neve entre as pernas como um cachorro cavando na areia. O material ficou mais denso, mais compacto, mas ele continuou.

Depois de um minuto, suas mãos se abriram para o que ele só podia descrever como uma bolha de ar.

Na parte inferior, a aproximadamente um metro de profundidade, ele viu o que parecia ser uma forma humana em posição fetal.

Tate estendeu uma das mãos e agarrou a parte de trás do casaco vermelho. Ele puxou para cima apenas o suficiente para envolver sua outra mão no tecido.

Em seguida, ele *se levantou*.

Tate caiu para trás, puxando a figura para cima dele.

Ele a empurrou - *ela*, era uma mulher - para fora de si e a rolou.

Era o Chase.

Graças a Deus, era o Chase.

E ela estava viva.

Seus olhos estavam semicerrados e ela tremia violentamente.

Chase fez um barulho e Tate aproximou o ouvido da boca dela para ouvir melhor.

"O quê?"

"*Eva*."

Tate não entendeu.

"O quê?", disse ele novamente.

"*Evaaaa*."

De alguma forma, Chase conseguiu levantar a mão e apontar para o buraco.

Tate entendeu.

Havia mais alguém no buraco. Um corpo muito menor, com a roupa de neve coberta de neve.

Ao contrário do que aconteceu com Chase, ele teve muito mais facilidade para puxar esse.

Era Eva.

Ela estava azul e imóvel.

Tate tirou a neve do nariz e da boca da garota e depois soprou ar em seus pulmões. Era como beijar um cubo de gelo.

"Vamos", ele insistiu, enquanto iniciava as compressões torácicas. "*Vamos lá.*"

Mesmo depois de três dessas sequências, não houve nenhuma reação da garota. Nenhuma gagueira ou tosse.

Sem *respiração*.

Chase estava ao seu lado agora, mas ele não ousou parar para olhar para ela.

Ele continuou pressionando alternadamente o pequeno peito dela e colocando a boca em seus lábios gelados.

"Por favor", sussurrou Chase.

E então, como se a garota meio morta a tivesse ouvido, Eva tossiu.

Era um som monótono, mas era um *som*.

As pálpebras da menina se agitaram e Tate caiu para trás, desmaiando de pura exaustão.

"Ela está viva, Chase", ele murmurou. "Você a salvou."

Capítulo 44

As portas resistiram. Elas se dobraram para dentro devido ao peso da neve e, embora parte do pó grosso tenha conseguido se infiltrar pela separação que essa força criou entre elas, a estrutura geral do chalé permaneceu intacta.

Georgina esperou que o barulho parasse antes de pegar Raven pela mão e se atrever a sair do quarto.

Eles encontraram Rachel com Ben, também de mãos dadas, no refeitório principal.

"O que vamos fazer?" perguntou Rachel. Era evidente que ela estava chorando. "O Tate está lá fora. E o Chase também."

"Eva também", acrescentou Ben solenemente.

Eles estavam olhando para Georgina em busca de apoio, de garantias. Até mesmo os outros convidados, que já haviam se acalmado, estavam olhando na direção dela.

Georgina só tinha vontade de chorar.

Raven apertou sua mão, e esse era o apoio que ela precisava.

"Nós esperamos", disse Georgina com firmeza. "Agora, vamos esperar."

"Polícia de Denver."

"Estamos aqui! Estamos aqui!" Vários convidados gritaram ao mesmo tempo.

"Muito bem, aguardem. Há um pouco de neve bloqueando as duas entradas, mas vamos tirar vocês de lá. Aguentem firme."

Georgina, que estava quase dormindo quando a voz chegou do outro lado das portas, sentou-se ereta.

"Há pessoas na montanha", disse ela. "Alô? Você ainda está aí? Há pessoas presas na montanha".

"Um helicóptero passou por cima do pico, parece que parte dele desmoronou", disse o policial.

"Mas há pessoas..."

"Nós sabemos, encontramos três deles. Um homem, uma mulher e uma criança."

"Eva!" Lori gritou.

"Todos eles vão ficar bem. Eles dizem que seus nomes são... Chase, Tate e Eva".

Lori caiu nos braços do marido e soluçou contra seu peito.

"E a Lily?" Ao contrário de Lori, a voz de Suzanne estava fraca.

Georgina, sem saber se o policial tinha ouvido a pergunta, repetiu-a em um tom mais forte.

Houve uma pausa.

"Ainda estamos procurando. Por favor, fiquem longe das portas enquanto retiramos vocês de lá."

Foram necessárias duas horas para que a polícia removesse neve suficiente para entrar no chalé. Durante esse tempo, Georgina ouviu o som inconfundível de um helicóptero aterrissando do lado de fora.

A polícia entrou correndo e encurralou os convidados.

Chase e Tate, ambos com rostos vermelhos manchados com manchas tão brancas que pareciam sofrer de vitiligo, os seguiram.

Tate agarrou Rachel e a abraçou, e Chase fez o mesmo com Georgina.

Georgina não soltou a mão de Raven durante todo o tempo.

Lori continuou olhando para fora, ficando na ponta dos pés para ver por cima da cabeça de todos.

"Onde está Eva? Onde está a Eva?"

Um policial deu um passo à frente. Georgina reconheceu sua voz como a de quem os havia instruído a ficar longe das portas.

"Você é a mãe dela?"

"Sim", exclamou Lori desesperadamente. "Por favor, você precisa me contar..."

"Eva foi levada para o hospital. Ela está com hipotermia e queimaduras de frio, mas vai sobreviver."

"Ohhhh, obrigada", choramingou Lori. "Obrigada."

Mas suas palavras não foram dirigidas ao policial.

Eles foram feitos para o Chase.

Lori se aproximou e abraçou Chase, que ficou parado, sem jeito, enquanto a mulher expressava continuamente sua gratidão.

"Ainda estamos procurando por outros sobreviventes", informou o policial.

Georgina percebeu, pelo modo como o rosto de Chase se abateu de repente, que eles não encontrariam nada.

Lily se foi.

Agora Georgina começou a chorar. Não chorava totalmente, nem soluçava, apenas lágrimas silenciosas.

Raven passou um braço em volta da cintura dela e descansou a cabeça escura em seus ombros.

Finalmente, Lori soltou Chase e sua tia olhou para Georgina e Raven.

"Eu fiz o que pude, Chase. Eu tentei e..."

"Você foi incrível, Georgina. Estou muito orgulhoso de você."

Chase deu um beijo na testa de Georgina e baixou os olhos para encontrar os de Raven.

"Posso falar com você por um segundo?"

"É claro."

Raven deixou seu braço cair e os dois se afastaram.

"Quero que você faça seu podcast", Georgina ouviu sua tia dizer em um tom abafado. "Quero que você conte a todos o que aconteceu aqui. Quero que você conte a verdade sobre Donnie e Daniel e todas as pessoas que encobriram seus crimes por tantos anos. Quero que você faça com que, não importa quantas vezes eles mudem seus nomes, as pessoas saibam o que realmente aconteceu."

Capítulo 45

Linus deixou um dos policiais locais arrombar a porta. Ele poderia ter se voluntariado para ir a campo, mas não estava a fim de fingir que se tornaria um macho alfa da noite para o dia.

Passos de bebê para ele.

E essa foi a oportunidade perfeita.

Com a proteção de meia dúzia de policiais de Denver para invadir uma casa que, segundo todos os relatos, deveria ser ocupada apenas por um idoso doente ou, mais provavelmente, morto.

Doente em mais de um aspecto.

Um policial corpulento com uma barba impressionante foi o primeiro, com a arma sacada.

"Polícia de Denver! Se houver alguém aqui, apareça com as mãos para cima".

Linus deixou que os outros policiais entrassem em seguida, enquanto ele ficava na retaguarda. Ele estava com a arma na mão, mas esperava não precisar usá-la.

Esperava que ele não fosse testado novamente.

Os policiais limparam primeiro o andar térreo antes de subir as escadas. Quando Chase o informou sobre o que havia descoberto sobre Daniel e seu filho Donnie Moore, ele esperava um domicílio no estilo Dahmer, com cabeças no freezer, talvez uma mão decepada fervendo em uma panela no fogão.

Mas não havia nada disso. Era apenas uma casa comum. Um pouco antiquada, mas, da última vez que ele verificou, isso não era um crime.

Linus estava na cozinha quando alguém gritou do segundo andar.

"Ei, cara do FBI, talvez você queira vir dar uma olhada nisso".

O coração de Linus pulou uma batida.

Você pode fazer isso.

Ele se apoiou na bancada laminada e exalou um jato de ar pelos lábios franzidos.

"Tipo do FBI?"

"Estou indo", disse ele fracamente.

Linus segurou o corrimão com força enquanto subia as escadas.

"Aqui." O mesmo policial que havia quase chutado a porta com alegria gesticulou em direção a uma sala no final do corredor. "Você está bem? Parece um pouco verde."

Linus se forçou a engolir, apesar da dolorosa secura na garganta.

"Sim, tudo bem."

O quarto não era exatamente um quarto à moda de Dahmer, mas era uma bagunça caótica. Havia absorventes higiênicos amassados por todo o chão, a maioria deles manchada com cores escuras, cuja origem

Linus se forçou a não considerar. Havia também seringas espalhadas, sem tampa, usadas.

No canto, deitado de lado, havia um equipamento médico que Linus achou que poderia ser algum tipo de máquina de diálise arcaica. Os tubos que saíam do dispositivo e estavam enrolados em carretéis soltos no chão imundo estavam cheios de sangue coagulado.

"Esse cara tem uma enfermeira ou algo assim cuidando dele?", perguntou o policial. "Porque essa vadia precisa ser demitida *o mais rápido possível*."

"Não exatamente."

Linus deixou isso de lado. Não fazia sentido mencionar que ele achava que Daniel provavelmente tinha sido forçado a cuidar do pai quando Silver Peaks retirou o seguro de saúde dele.

Não há necessidade de incendiar os rumores que ele sabia que já estavam circulando na cabeça desses caras.

"De qualquer forma, este andar também está limpo. Parece que seu homem se soltou."

Isso não fazia muito sentido. Se Daniel Moore estava doente o suficiente para precisar desse tipo de tratamento, era improvável que ele fosse capaz de simplesmente se levantar e ir embora.

Linus saiu da sala, que cheirava a suor, mijo e merda.

"Ei, há uma porta trancada aqui. Acho que ela leva ao porão", disse-lhes um outro policial do andar de baixo.

O oficial que havia mencionado a enfermeira estava praticamente espumando pela boca em busca de outra oportunidade de mostrar sua força.

Linus o deixou fazer isso.

Dessa vez, porém, depois que a porta foi arrombada, ele foi o primeiro.

Linus desceu cautelosamente a escada escura. Estava frio e escuro aqui embaixo e, quanto mais descia, mais fôlego via diante de seu rosto.

Um calafrio o percorreu quando chegou ao fundo e ele passou a mão pela parede. Encontrou um interruptor de luz e o acionou.

"Jesus Cristo, que diabos é isso?" O policial que o seguiu até lá resmungou no ouvido de Linus.

O hálito do homem era quente e azedo.

Linus descobriu imediatamente por que o porão era tão mais frio do que o resto da casa.

Alguém havia deixado todas as janelas bem abertas.

Ele também identificou a fonte da blasfêmia do policial.

As paredes estavam cobertas de artigos de jornal, alguns datados de décadas atrás. Todos descreviam, em vários níveis de detalhes, os relatos das meninas que haviam desaparecido. Nomes e datas estavam

grosseiramente circulados com canetas e marcadores de cores diferentes.

Depois, havia as fotografias, que também estavam presas nas paredes. Elas mostravam uma enorme caverna gelada e... bonecos de neve. Algumas das fotos revelavam mais dessas exibições sinistras do que outras, todas espalhadas em uma paisagem azul e gelada.

Linus se aproximou de uma das fotos mais recentes, que foi tirada com uma câmera decente, e tentou entender os detalhes.

"Jesus Cristo, essas *peessoas* estão nos bonecos de neve?"

Isso não significa que os boatos tenham sido abafados.

Ele achava que estava preparado para isso, que a descrição de Chase sobre o que ela havia encontrado era suficiente para garantir que ele não ficasse chocado ou surpreso com o que encontraria na casa dos Moore.

Mas ele estava.

Linus estava profundamente perturbado. Enquanto ele olhava, paralisado pelas imagens assombrosas, o policial recuou e continuou a explorar o espaço úmido.

Alguns segundos depois, Linus o ouviu murmurar: "Oh, *droga*".

Seus olhos se voltaram para o policial. O homem estava se retirando lentamente de uma grande bacia de metal, seus passos eram medidos, os cantos da boca estavam repuxados em uma careta amarga.

Linus se aproximou timidamente do policial.

Ele olhou para o oficial em busca de uma explicação, mas o homem só conseguiu acenar com a cabeça para a bacia.

Linus ergueu os lábios nervosamente, depois levantou o queixo para olhar por cima da banheira, que chegava até a altura da cintura.

Linus agora percebia por que alguém, provavelmente Donnie, havia deixado as janelas abertas: para manter congelado o gelo que enchia a banheira de alumínio.

E enterrado naquele gelo estava o corpo de um homem idoso, talvez com cerca de 60 anos. Era quase impossível ser mais preciso com relação à sua idade, pois o homem estava claramente morto há algum tempo.

A baixa temperatura manteve a decomposição sob controle, mas não conseguiu evitar que a pele cinza de cinzeiro do homem perdesse sua elasticidade.

Seus lábios haviam se retraído, expondo os dentes de uma forma que os fazia parecer anormalmente grandes, dando-lhe uma careta esquelética. Os olhos do homem estavam esbugalhados, com as pálpebras inexistentes.

Linus respirou fundo e imaginou as fotos que havia encontrado de Daniel Moore, também conhecido como Donovan Capito - sua carteira

de identidade, o artigo de jornal e outras imagens aleatórias que ele havia encontrado em várias funções do resort ao longo dos anos.

Era mesmo o Daniel. É irônico que ele estivesse sorrindo na morte, mas nunca tenha dado um sorriso sequer em nenhuma dessas fotos.

Linus tirou o telefone do bolso e percorreu os contatos. Ele encontrou a pessoa que estava procurando e ligou para ela. Ela atendeu no segundo toque.

"Chase? Encontramos o Daniel. Ele está morto... parece que está morto há algum tempo".

Epílogo

Eles passaram as duas noites seguintes à avalanche em um hotel próximo ao aeroporto, sem sair do lugar.

Chase ficou ao telefone a maior parte do tempo, recebendo atualizações constantes de Linus e da polícia de Denver.

Eles não encontraram mais sobreviventes nas cavernas de gelo. No total, seus extensos esforços de escavação haviam desenterrado os corpos de dezenove crianças e um adulto, sendo este último Gary Devers.

Eles nunca encontraram Donnie Moore.

As atitudes extremamente complacentes da companhia aérea sofreram uma reviravolta abrupta após os eventos em Silver Peaks, e eles próprios tiveram que pagar a conta do hotel.

Eles não se importavam.

Eles teriam pago dez vezes mais só para se manterem aquecidos. Teriam feito uma segunda hipoteca, se fosse necessário.

A maior parte da pele do rosto de Tate havia recuperado sua cor normal e os médicos lhes garantiram que as áreas congeladas se recuperariam, sem necessidade de cirurgia, sem risco de gangrena.

"Você está pronta para voar, Rach?" perguntou Tate à sua filha.

"Sim, eu ficarei bem."

Ele a beijou na testa.

"Bom."

Eles embarcaram no avião e se acomodaram em seus assentos de primeira classe. Georgina se sentiu ansiosa e imediatamente colocou o cinto de segurança.

"Aqui é o capitão falando", disse uma voz pelo intercomunicador. "Temos o prazer de informar que esperamos céu limpo até o Havaí. Desejamos a vocês um voo agradável."

Rachel estava sentada ao lado dela, que era o que eles queriam, com os olhos fechados. Ela procurou cegamente a mão de Georgina e a apertou.

Antes da decolagem, o comissário de bordo passou pela cabine da primeira classe.

"Alguém quer beber alguma coisa? Fones de ouvido para o sistema de entretenimento?"

Tate pediu um rum duplo e uma Coca-Cola.

Todos os outros recusaram.

"E você?", disse o comissário de bordo, dirigindo a pergunta a Georgina. "Fones de ouvido?"

Georgina deu um pequeno sorriso para a mulher.

"Não, obrigada." Ela tirou o celular do bolso do assento à sua frente e começou a desenrolar os fones de ouvido. "Baixei um podcast."

"Bem, se precisar de alguma coisa, não hesite em me avisar."

A comissária de bordo saiu, e Georgina colocou os fones de ouvido.

Como Rachel, ela fechou os olhos. Assim que o fez, viu o rosto de Raven.

Pensou em seu primeiro beijo. Não foi exatamente do jeito que ela imaginou, mas também não se arrependeu.

Georgina encheu os pulmões de ar, segurou-o e depois soltou tudo em um sopro.

Em seguida, ela apertou o play.

"Bem-vindo ao Beyond the Crime Scene, um novíssimo podcast que investiga a fundo a verdade por trás de alguns dos crimes mais notórios da história dos EUA. Meu nome é Raven e eu serei seu apresentador. Em nosso episódio inaugural, exploraremos uma série de assassinatos devastadores dos quais você provavelmente nunca ouviu falar."

A música entrou. Não era melancólica, mas também não era exatamente animada.

Em algum lugar distante, Georgina ouviu o comissário de bordo anunciar que as portas estavam se fechando.

E então a voz de Raven encheu seus ouvidos.

"No inverno, o Silver Peaks Resort em Denver, Colorado, é um refúgio para os ricos fugirem dos limites de suas vidas agitadas. No verão, as trilhas de caminhada enfeitam os pitorescos topos das montanhas. Árvores e vegetação exuberantes cobrem as encostas, mas até alguns dias atrás, a verdade gelada escondida no interior da montanha nunca descongelava. No inverno ou no verão, a montanha guardava um segredo mortal. Mal sabiam esses hóspedes que estavam esquiando e fazendo caminhadas diretamente no topo de uma série de cavernas que guardavam um segredo mórbido: os corpos congelados de dezenove meninas. Alguns dizem que foi o Yeti, outros que foi apenas uma série de acidentes infelizes. A verdade, no entanto, é muito mais assustadora..."

Uma mão enluvada quebrou a superfície nevada, lembrando a garra de um cadáver saindo de uma cova rasa.

Ele se torceu e, em seguida, o pulso se dobrou.

Os dedos arranharam a neve, descascando-a como camadas de pele seca.

Uma segunda mão se juntou à primeira e, juntos, seus movimentos frenéticos criaram uma abertura. Uma cabeça veio em seguida, com lábios azuis e frios se abrindo para sugar desesperadamente o ar.

Por um tempo, tudo ficou parado. Então, um rosnado animalesco pôde ser ouvido, levado pelo vento.

Uma figura se arrastou para fora e depois caiu.

Mais quietude. As nuvens cinzentas de tempestade que cobriram as montanhas e o resort por dois dias já haviam se dissipado e o sol finalmente apareceu.

A luz lançava um brilho sinistro no rosto rosnado da figura, mas não proporcionava calor. Afinal, assim como seu antecessor, a fera era um produto do gelo e da neve. Ela nasceu nele - não, não nasceu, mas *renasceu*.

O FIM

Nota do autor

Olá, #thrilllogans! Aqui é o autor de sua vizinhança. A ideia para esta história surgiu, como muitas de minhas ideias, enquanto eu assistia a um documentário sobre uma série de avalanches que atingiram um resort de férias e resultaram na morte de várias crianças pequenas. Não havia nada de nefasto nesses eventos, a menos, é claro, que você considere a negligência dos responsáveis pela manutenção da segurança.

Mas, é claro, algo assim seria banal demais para Chase Adams.

Para mim, um resort com neve foi o cenário perfeito para a mais nova aventura de Chase. De certa forma, isso a faz completar o círculo, já que seu primeiro caso ocorreu principalmente no Alasca.

Antes desse livro, eu adorava construir bonecos de neve com meus filhos no inverno. E depois? Bem, tenho certeza de que ainda será divertido. Mas não vou mentir para você, provavelmente vou imaginar os rostos de Lily e das outras almas infelizes embutidos neles.

Em uma nota mais positiva, eu me diverti *muito* escrevendo as participações especiais do casamento. Foi incrível reencontrar velhos amigos, conversar com Don Keedic e Amanda Lick. E o Drake... quem poderia esquecer o Drake?

Chase voltará em alguns meses em um ambiente diferente, investigando um crime diferente.

Grim Harvest será o 15th livro da série de suspense do FBI Chase Adams e será lançado em algum momento no final de outubro. Considere a possibilidade de fazer a pré-encomenda do livro clicando [AQUI](#).

Ah, se você se sentir inclinado, eu também agradeceria se você pudesse deixar uma resenha ou uma classificação para o Frost Bite.

Como sempre,

Se você continuar lendo, eu continuarei escrevendo.

Pat

Montreal, 2024

Outros livros de Patrick Logan

Detetive Damien Drake

Beijos de borboleta

Causa da morte

Download Murder

Rei Esqueleto

Tráfego humano

Senhor das Drogas: Parte I

Senhor das Drogas: Parte II

Luta premiada

Quase Infame

Homem de palha

Empresa perigosa

Rosto feliz

Thrillers do FBI de Chase Adams

Frozen Stiff

Suspeito das sombras

Desenho de um morto

Alerta Amber

A história de Georgina

Dinheiro sujo

Cova do Diabo

Mulheres pintadas

Efeitos adversos

Já morto

Evidência direta

Segredos sujos

Sangue contaminado

Carga mortal

Atirador ativo

Mordida de gelo

Colheita sombria

Ossos da maré

Última Ceia

Thrillers do FBI de Striker e Frost

Tell Me Where the Sandman Sleeps (Diga-me onde o João Pestana dorme)

Tell Me Where She's Buried (Diga-me onde ela está enterrada)

Tell Me What You've Done (Diga-me o que você fez)

Tell Me Where They've Gone

Dr. Beckett Campbell, médico legista

Bitter End

Doador de órgãos

Injetando fé

Precisão cirúrgica

Não ressuscitar

Extraíndo o mal

Residence Evil (também conhecido como Beckett's First Kill)

Thrillers de Tommy Wilde

Uma noite selvagem

Duas Semanas Wilde

Três meses de Wilde

Quatro famílias Wilde

Thrillers de Veronica Shade

A cor do assassinato

O cheiro do assassinato

O som do assassinato

O Toque do Assassinato

O sabor do assassinato

Não se esqueça de dar uma passada no meu grupo do Facebook e dizer oi! <https://www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/>

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes deste livro são totalmente imaginários ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com lugares, eventos ou localidades é inteiramente coincidência.

Direitos autorais © Patrick Logan 2024

Design de interiores: © Patrick Logan 2024

Todos os direitos reservados.

Este livro, ou partes dele, não pode ser reproduzido, digitalizado ou disseminado em qualquer formato impresso ou eletrônico.

Primeira edição: Agosto de 2024